

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

|  
**DO CHOCALHO AO BASTÃO: PROCESSOS EDUCATIVOS DO TERNO DE  
CONGADO MARINHEIRO DE SÃO BENEDITO – UBERLÂNDIA-MG**

**Vívian Parreira da Silva**

**São Carlos  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DO CHOCALHO AO BASTÃO: PROCESSOS EDUCATIVOS DO TERNO DE  
CONGADO MARINHEIRO DE SÃO BENEDITO – UBERLÂNDIA-MG.**

**Vívian Parreira da Silva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação, área de concentração em Processos de Ensino e Aprendizagem. Orientação: Profa Dra Aida Victoria Garcia Montrone.

**São Carlos  
2011**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S586cb

Silva, Vívian Parreira da.

Do chocalho ao bastão : processos educativos do terno de congado marinho de São Benedito – Uberlândia-MG / Vívian Parreira da Silva. -- São Carlos : UFSCar, 2011.  
149 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2011.

1. Práticas sociais e processos educativos. 2. Congada. 3. Cultura popular. I. Título.

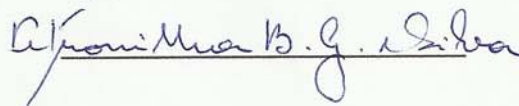
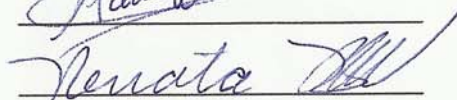
CDD: 370 (20<sup>a</sup>)

**BANCA EXAMINADORA**

Profª Drª Aida Victória Garcia Montrone

Profª Drª Renata Bittencourt Meira

Profª Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva



Este trabalho insere-se no quadro de pesquisas do Grupo de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”

Dedico este trabalho:  
a minha mãe Marlene Parreira da Silva e a meu pai  
Eurípedes Luciano da Silva pelo apoio, carinho e  
incentivo  
ao meu irmão Eurípedes Luciano da Silva Júnior pela  
ajuda, companhia e compreensão  
ao Terno de Congado Marinheiro de São Benedito pelos  
aprendizados trocados  
a todas as mestras e mestres da cultura popular com quem  
aprendo rimando  
ao grupo Girafulô com quem danço a vida, aprendo e  
ensino  
ao grupo Baiadô onde me aquilombei e descobri o mundo  
dançando



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

Em especial:

Às congadeiras e congadeiros que celebram a fé cantando, tocando, ensinando e aprendendo em especial ao Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e as colaboradoras e colaboradores desta pesquisa: Selma Maria Silva Souza, Lethicya Cristina Silva, José Pedro Simeão Alves, Rodney Benedito Cosme da Silva e Ariel Souza Andrade.

A minha orientadora Aida Victoria Garcia Montrone pelo companheirismo, paciência e coragem em abraçar este tema de pesquisa, e pela orientação sempre atenta e disposta, contribuição fundamental para a estruturação deste trabalho.

A Professora Renata Bittencourt Meira pela presença importante nos meus caminhos e pelos ensinamentos que me guiam nesta dança da vida mulher forte com quem aprendo, descubro e invento.

A Professora Petronilha pelas prazerosas discussões propiciadas nas aulas de Práticas Sociais e Processos Educativos e nas aulas de Teoria da educação: aportes de africanidades onde pude aprender o que é ter “faro fino e pé ligeiro” e “faca na bota” para continuar os trabalhos com as culturas populares.

Ao Professor Luiz Gonçalves Júnior pela simpatia, pelo companheirismo, e acolhida no Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEFE) e como aluna especial ainda no ano de 2007.

A Professora Cláudia Reyes pela alegria de vida compartilhada nas aulas de seminários de dissertação e nos encontros além academia.

As professoras Stella e Waldenez exemplos de mulheres fortes que fazem com que nos inspiremos



A todos os amigos e amigas mestrandas e doutorandas que compartilharam comigo esta experiência em especial a minha amiga Kika ( Cláudia Foganholi) com quem chorei e dei boras gargalhadas neste caminho; a minha amiga pernambucana arretada Uaiana Prates com quem me identifico nos dramas, alegrias e exageros desta vida; a minha grande amiga Daniela Arantes pelo apoio e força nas horas de mudança.

As minhas amigas Marinalda e kellen que mesmo distantes estão sempre presentes nos meus caminhos

Aos amigos Fabiano Maranhão, Alexandre, Diogo, Guga Santos, Flávio, Daniel, Túlio e David, referências masculinas importantes nos meus caminhos.

As amigas Flávia, Lu, Aline, Camila, com quem pude dividir as alegrias de ser mestranda.

Ao Tiago pela presença, compreensão e paciência e por dividir comigo momentos alegres e momentos tristes neste tempo de trocas.

Ao Girafulô pelo carinho, apoio, incentivo e estímulo

Ao Baiadô a quem devo as minhas raízes quilombolas apresentadas neste trabalho

Ao grupo de Samba de Coco Chinela Baixa com quem quebro o coco e troco aprendizados

Aos amigos e amigas da Teia – casa de criação com quem convivo e aprendo sempre

A Marta Casado pelo resumo em espanhol e ao Welton pelo abstract

A minha mãe Marlene pelo carinho, compreensão, por sua força e fé em apoiar, acreditar e incentivar minhas escolhas, ao meu pai Eurípedes pela paciência, pelo carinho e apoio aos meus sonhos, ao meu irmão Júnior pela companhia, pelo apoio e compreensão e pela fundamental ajuda na concretização deste trabalho.

Aos deuses e orixás que nos caminhos da vida se fazem presentes.

## RESUMO

A partir de estudos das Festas populares é possível reconhecer aspectos diferenciados que as determinam como práticas estruturantes na vida das pessoas que as vivenciam. É importante ressaltar ainda que, por meio de estudos destas manifestações é possível conhecer um pouco sobre a cultura popular no país, não apenas como folguedo ou espetáculo, mas como algo que se dinamiza, se modifica e é parte importante na formação de identidades de grupos e sujeitos. Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar processos educativos presentes no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e por meio desta análise compreender como estes processos educativos ocorrem. O estudo foi feito por meio de uma abordagem qualitativa e como estratégia de investigação, realizamos uma pesquisa participante. Como procedimento de coleta de dados, lançamos mão de rodas de conversa e as observações registradas em diário de campo. Foram realizadas duas rodas de conversa com cinco participantes do Terno Marinheiro de São Benedito, as colaboradoras e colaboradores da pesquisa tinham idades entre onze e quarenta e três anos. As questões orientadoras para as rodas de conversa buscaram saber: sobre a história do terno, sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres dentro do grupo, as relações de ensino e de aprendizagem e a importância de fazer parte de um grupo de congada na cidade. A análise dos dados se estruturou em três fases: pré – análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos dados. Após leituras minuciosas do material coletado, elencamos as seguintes categorias temáticas: 1-Aprender para a vida: a oralidade, a memória e as experiências; 2-Segredos e mistérios: o mundo visível e o mundo invisível; 3-Resistência, luta e preconceito; 4-Colaboração e fé. Os resultados mostraram que a congada é uma prática social constituída de processos educativos que envolvem elementos como colaboração e fé, luta, resistência, preconceito, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e também aprendizados para a vida. Esta prática social modifica o papel da vida cotidiana de seus e suas participantes. Através da Festa, das músicas cantadas, dos enfeites, das coreografias, das diferentes visões de mundo que compõem os cortejos da congada os congadeiros e congadeiras reafirmam suas identidades, demonstram o prazer, a alegria e a satisfação em representarem papéis distintos do seu mundo cotidiano, mantendo viva sua tradição. A pesquisa nos mostrou que a congada em Uberlândia é uma prática social que resiste, transforma e ensina. Por meio dela homens e mulheres se formam para a vida criando estratégias e diversas maneiras de ser e estar no mundo por meio da dança, das histórias de vida, das experiências da colaboração e da fé.

Palavras-chave: Práticas Sociais, Processos Educativos, Congada, Cultura Popular

## ABSTRACT

Based on studies about Popular Feasts it is possible to recognize different aspects which determine them as structuring practices on people's lives that experience those. It is still important to highlight that through these manifestations studies we are capable of knowing a little bit more about the Country's Popular Culture, not only as an entertainment or spectacle, but as something which is dynamized, modified, taking important part on group's and subject's identities formation. This paper had the objective to describe and analyze educational processes present in the "Terno de Congado Marinheiro de São Benedito" and, by this analysis, try to comprehend how these educational processes occur. The study was undertaken through a qualitative approach and the investigation strategy was a participative research. As for data collection, "conversation circles" were made and remarks about them registered on a field diary. There were two "conversation circles" containing five components each, from the Terno Marinheiro de São Benedito; collaborators of the research were aged between eleven and forty three years old. Guiding questions to 'conversation circles' aimed to know: Terno's history, men and women's roles inside the group, teaching and learning relations and the importance to take part in a Congada group of the city. Analysis was divided in three phases: before-analysis, material exploration and treatment of obtained results and data interpretation. After detailed material perusals, it was listed the following thematic categories: 1 – learn to life: orality, memories and experiences; 2 – secrets and mysteries: visible and invisible worlds; 3 – resistance, fight and prejudice; 4 – collaboration and faith. Results showed that Congada is a social practice composed of educational processes involving elements such as collaboration and faith, fight, resistance, prejudice, relations between visible and invisible worlds and also learning for life. This social practice modifies daily life of its participants. Because of this Festivity, its sung music, ornaments, choreographies, different world opinions which compose the Congada pageants, "congadeiros" and "congadeiras" reaffirm their identity, show pleasure, joy and satisfaction by representing distinct roles from those of everyday life, keeping alive their tradition. This research indicates that 'congada' in Uberlândia is a social practice which resists, transforms and educates. Because of that practice, men and women get formed to life creating strategies and diverse ways to be in the world, through dance, life histories, collaboration experiences and faith.

Keywords: social practices, educational processes, congada, popular culture.

## RESUMEN

A partir de estudios sobre las fiestas populares es posible reconocer aspectos diferenciales que las determinan como prácticas que forman parte de la estructura de la vida en las personas que las experimentan. Es importante resaltar que por medio de estudios acerca de estas manifestaciones, es posible conocer un poco sobre la cultura popular del país, no sólo como fiestas populares o espectáculo, sino también como algo que se dinamiza, se modifica y es parte importante en la formación de identidades de grupos y sujetos. Este trabajo tuvo como objetivo describir y analizar procesos educativos presentes en el Terno de Congado Marinheiro de São Benedito y, por medio de este análisis, comprender cómo ocurren dichos procesos educativos. El estudio fue realizado mediante un abordaje cualitativo y como estrategia de investigación, realizamos una investigación participante. Como procedimiento de recogida de datos, se desarrollaron ruedas de conversación y observaciones registradas en un diario de campo. Fueron realizadas dos ruedas de conversación con cinco participantes del Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, las colaboradoras y colaboradores de la investigación tenían edades comprendidas entre once y cuarenta y tres años. Las preguntas para orientar las ruedas de conversación pretendieron conocer sobre: la historia del terno, los papeles desempeñados por hombres y mujeres dentro del grupo, las relaciones de enseñanza y aprendizaje y la importancia de formar parte en la ciudad de un grupo de congada. El análisis de los datos se estructuró en tres fases: Preanálisis, búsqueda del material y tratamiento de los resultados obtenidos e interpretación de los datos. Después de minuciosas lecturas a partir del material recogido, seleccionamos las siguientes categorías temáticas: 1-Aprender para la vida: la oralidad, la memoria y las experiencias; 2-Secretos y misterios: el mundo visible y el mundo invisible; 3-Resistencia, lucha y prejuicio; 4-Colaboración y fe. Los resultados mostraron que la congada es una práctica social constituida por procesos educativos que implican elementos como colaboración y fe, lucha, resistencia, prejuicio, las relaciones entre el mundo visible y el mundo invisible y también aprendizajes para la vida. Esta práctica social modifica el papel de la vida cotidiana de sus participantes. A través de la fiesta, de las músicas cantadas, los adornos, las coreografías, las diferentes visiones de mundo que componen los cortejos de la congada, los congadeiros y congadeiras reafirman sus identidades, demuestran el placer, la alegría y la satisfacción para representar papeles distintos de su mundo cotidiano, manteniendo viva su tradición. La investigación nos mostró que la congada en Uberlândia es una práctica social que resiste, transforma y enseña. Gracias a ella, hombres y mujeres se forman para la vida creando estrategias y diversas maneras de ser y estar en el mundo mediante el baile, las historias de vida, las experiencias, la colaboración y la fe.

Palabras-clave: Prácticas Sociales, Procesos Educativos, Congada, Cultura Popular

## SUMÁRIO

<b>1- A Alvorada .....</b>	<b>01</b>
<b>1.1Do chocalho ao bastão: o percurso dos aprendizados e ensinamentos.....</b>	<b>01</b>
<b>1.2Os retalhos e as tramas dos caminhos: minha trajetória.....</b>	<b>03</b>
<b>2- A festa dos santos dos pretos.....</b>	<b>11</b>
<b>3- O cortejo: caminhos com a teoria.....</b>	<b>25</b>
<b>4- Viva Nossa Senhora do Rosário e São Benedito!A congada como prática social.....</b>	<b>41</b>
<b>5- Trançando fitas: cultura e cultura popular .....</b>	<b>53</b>
<b>6- “Sou congadeiro, catupé, maçambiqueiro, afro-brasileiro, sou filho de Deus”<sup>1</sup>: as africanidades.....</b>	<b>74</b>
<b>7-A campanha: metodologia .....</b>	<b>86</b>
<b>8-Colaborando, resistindo, lutando e aprendendo.....</b>	<b>106</b>
<b>9-Compondo versos: algumas considerações .....</b>	<b>138</b>
<b>Referências .....</b>	<b>146</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>150</b>

---

1 Parte de uma música cantada pelo Capitão Nestor Moçambique Princesa Izabel, em 2005.

## 1 A alvorada

### 1.1 Do chocalho ao bastão: o percurso dos aprendizados e ensinamentos

Dar um título ao trabalho é quase como resumir em pouquíssimas palavras tudo o que o texto nos ensina durante o percurso. Resumir, condensar e objetivar tudo no título não é tarefa simples. Neste trabalho, o título “Do chocalho ao bastão: processos educativos do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito” foi mais um ensinamento que pude ter nas rodas de conversa, durante a pesquisa. Ao conversar sobre aprender e ensinar dentro do Terno, Selma afirmou:

A porta do Terno Marinheiro de São Benedito está aberta pro negro, pro branco, pro amarelo, pro vermelho, pro azul, qualquer cor; ela pode chegar que ali ela é bem aceita. Ela vai começar a aprender do chocalho ao bastão, mas ali dentro ela é aceita (Selma, roda de conversa, novembro de 2009).

As portas do quartel do Marinheiro de São Benedito estão abertas, mas, para fazer parte do grupo, conhecer e aprender, é necessário cumprir regras e exercer funções atribuídas pelas lideranças e pelos mais velhos. No Terno Marinheiro de São Benedito, assim como em outros ternos de congada, existem funções, hierarquias e lideranças, e essas funções e posições estão relacionadas também aos objetos e aos instrumentos musicais utilizados pelos componentes do Terno.

Os instrumentos musicais, como chocalho, repilique, maracaná e surdinho ou caixinha (maracaná menor), e os objetos, como os bastões, a bandeira, o mastro do trança fitas e o apito, são utilizados pelo Marinheiro de São Benedito e fazem parte do ritual da congada.

“Do chocalho ao bastão” se refere a um processo hierárquico e de aprendizagem, e esse caminho vai se definindo dentro do Terno, em conjunto com as lideranças. Inicia-se o processo de aprendizagem, tocando o chocalho, instrumento visto como mais simples, e, depois, aprendem-se outras coisas mais difíceis. Alguns chegam ao bastão, mas existem critérios que vão além da aptidão musical para essa ascensão.

Aprender a partir do chocalho, percorrer os caminhos e chegar ao bastão envolve muito mais do que passos simples a serem dados em uma única direção. Para chegar ao bastão e ser capitão ou outra liderança respeitada dentro do Terno, exige-se força, coragem e confiança, e é necessário se expor e estar disposto.

José Pedro dá um exemplo de capitão, citando Dandão, também componente do Marinheiro

de São Benedito: “[...] sabem que ele é um capitão por quê? Porque a hora que precisa dele para qualquer coisa no Terno ele se expõe, qualquer coisa que precisar dele, de fazer no Terno, ele está disposto a fazer” (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Assim, este título, “Do chocalho ao bastão”, busca trazer para o texto o entendimento de como é aprender e ensinar dentro do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito. Primeiro, começa-se com o chocalho e segue-se a caminhada conhecendo as regras, os ensinamentos, aprendendo e ensinando, para chegar ou não ao bastão.

Todas as falas apresentadas aqui, identificadas como “roda de conversa”, seguem com o nome da colaboradora ou do colaborador, o mês em que a roda de conversa ocorreu, e todos esses dados estão anexados, na íntegra, ao final do trabalho.



Chocalhos e bastões do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito.  
Foto: Eurípedes Luciano

## 1.2 Os retalhos e as tramas dos caminhos: minha trajetória

Ô Marinheiro é hora é hora de ir para o mar é céu é mar é terra é o Marinheiro e o balanço do mar.<sup>1</sup>

Convido a leitora e o leitor a seguirem os caminhos deste texto por meio do festejo, da dança, dos versos e das prosas. Para isso, alguns capítulos ganharão os nomes de momentos da Festa da Congada em Uberlândia. Ao início de cada um deles, explicarei o nome dado ao capítulo e a que ele se refere no ritual da Festa da Congada. No decorrer do texto, trarei também alguns causos, poesias, imagens e músicas para que nos familiarizemos com o contexto da festa e também para que a subjetividade, tão importante na construção deste trabalho, possa estar presente.

A alvorada, no contexto da congada, refere-se ao momento de preparação dos ternos para seguirem em cortejo até a porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que fica no centro da cidade. Na alvorada, realizada bem cedinho, de madrugada mesmo, são realizados os rituais de proteção, como rezas e cantos, e todo o mundo participa. Nesse momento, são finalizados os últimos detalhes do cabelo, da roupa, da bandeira, do mastro de fitas, para dar início à louvação à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito.

Na alvorada, primeiro capítulo deste trabalho, falarei um pouco sobre minha trajetória e meu aquilombamento. E falarei aqui de aquilombamento com enfoque em Jônatas Conceição da Silva (2006), escritor com quem me identifiquei nos momentos de leitura sobre o tema dos quilombos urbanos. Portanto, não me aterei aqui aos conceitos de quilombo ou à discussão sobre o tema, mas me referirei a quilombo como espaço, grupo e momento de formação para a luta e como maneira de luta em si. Para isso, aporatar-me-ei em Jônatas, que traz em sua obra, *Vozes Quilombolas*, uma poética brasileira, reflexões sobre o Ilê Aiyê como quilombo urbano vivo na contemporaneidade.

No segundo capítulo, “A festa dos santos dos pretos”, apresentarei alguns aspectos da congada em Uberlândia, suas características e sua estrutura. No terceiro capítulo, “O cortejo: caminhos com a teoria”, trarei algumas reflexões em diálogo com a teoria utilizada na estruturação das ideias e na construção dos pensamentos.

No quarto capítulo, “Viva Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”, farei algumas reflexões que ajudarão a compreender os conceitos de prática social e processos educativos. No quinto capítulo, denominado “Trançando fitas: cultura e cultura popular”, apontarei aspectos sobre

---

<sup>1</sup> Canto de chegada registrado em 12 de outubro de 2009, cantado pelo capitão Elias.



cultura e cultura popular, com base em alguns autores e autoras que ajudaram a tecer as discussões sobre o tema.

No sexto capítulo, “Sou congadeiro, catupé, moçambiqueiro, afro-brasileiro, sou filho de Deus: as africanidades”, abordarei a discussão sobre as africanidades, relacionada à prática social aqui estudada. Nesse capítulo buscarei autoras e autores que ajudaram a definir africanidades e mostraram um novo olhar e entendimento sobre a congada.

No sétimo capítulo, “A campanha”, apresentarei os passos que foram dados durante a pesquisa, apontando as metodologias utilizadas. No oitavo capítulo, “Colaborando, resistindo, lutando e aprendendo”, apresentarei as categorias de análise e as discussões relacionadas às falas das colaboradoras e dos colaboradores do trabalho.

Por fim, no nono capítulo, “Compondo versos: algumas considerações”, apresentarei os aprendizados e as reflexões sobre a pesquisa e, ainda, abrirei portas e janelas apontando caminhos que aqui se revelaram.

Ser pesquisadora e ser congadeira é “um esforço que não é individual nem solitário, mas que só pode ser vivido por cada um na sua individualidade” (SILVA; ARAÚJO, 2004, p. 01). Dessa maneira, este texto traz minha vivência neste processo de pesquisa, juntamente com minha convivência, desde 2003, com congadeiras(os) do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e de outros tantos ternos existentes em Uberlândia, como Terno de Sainha, Moçambique Princesa Izabel, Moçambique de Belém, Moçambique Guardiões de São Benedito, entre tantos outros.

Com o Moçambique Guardiões de São Benedito pude trocar, principalmente com as crianças, experiências valiosas de ensino e aprendizagem.

Fazer ciência requer fazer escolhas e ter determinada postura diante delas; é mais ou menos como dizia Chico Science:

E você samba de que lado  
de que lado você samba  
você samba de que lado  
de que lado você samba  
de que lado de que lado  
de que lado de que lado  
você vai sambar?

(Chico Science, *Samba do lado*).

Sambar de lá ou de cá, com relação à produção de conhecimento e à pesquisa acadêmica,

determina nossas ações como educadores. Penso que não existem apenas dois lados para sambar, existem muitos para serem seguidos e sambados. O lado do samba desta pesquisa é o lado de quem busca contribuir para uma reflexão sobre o reconhecimento, a valorização da cultura popular e as diferentes maneiras de se aprender e ensinar.

Sei também que não existem soluções certas e verdadeiras, aplicáveis em todos e quaisquer problemas ou questões. Não busco a verdade, a origem, a pureza, nem a resposta final pronta e acabada. Nesse trançar de universos acadêmicos e populares, busco, por meio da pesquisa aliada à experiência, compreender processos de ensino e aprendizagem dentro de um terno de congada, bem como saber de que forma esses processos educativos acontecem. Busco também, aqui, contribuir para a transformação das maneiras de pensar e de fazer ciência, já que a pesquisa é também uma maneira de luta.

Agora, com relação aos lados do samba que compreendem o pesquisar, o interagir dançando, o educar por meio da dança e do verso e o de mediadora que me permite transitar, “digo logo”<sup>2</sup> que sambarei em todos esses lados durante esta nossa conversa.

Minha inserção como pesquisadora na congada de Uberlândia me possibilita trazer aqui, sob a forma de texto, poesia e imagens, impressões sobre essa prática cultural na cidade. Neste momento, enfocarei o tema desta dissertação, que é a descrição e análise de processos educativos presentes no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito. Mas não posso esquecer nem deixar de lado minha antiga convivência com homens, mulheres e crianças praticantes da congada, que, sem dúvida, ajudou-me a construir o pensamento sobre essa prática cultural e a seguir os objetivos da presente pesquisa, dando forma e cor aos meus passos e caminhos.

Não nasci congadeira; convivo com congadeiras(os), troco experiências, aprendo, ensino, sou uma admiradora e pesquisadora da congada. Por isso, devo dizer que me coloco também no lugar de mediadora. Posteriormente, no decorrer do texto, poderei dizer mais sobre esse meu outro lugar. Minha interação com essas pessoas, além de ser de amizade e companheirismo, neste momento do Mestrado, foi marcada também pelas tarefas que a pesquisa exige: encontros para conversar sobre o projeto, ideias, datas para os encontros e as conversas mais longas sobre o Terno, melhores momentos para encontrar as(os) colaboradoras(es), entre outras tarefas.

A partir da investigação proposta, fui me reaproximando dessas pessoas de forma diferente, modificando, afunilando e, ao mesmo tempo, ampliando meu olhar e, acima de tudo, reafirmando meu respeito por esse povo que festeja a fé.

O interesse pelos temas “cultura popular” e “congada”, digo aqui sobre meu

---

<sup>2</sup> Este “digo logo” é fala corriqueira de uma amiga querida, Uaiana, pernambucana arretada, que, quando quer dizer algo, profere essa frase com personalidade..

aquilombamento, parafraseando Jônatas Conceição (2006), surgiu quando, em 2002, dois anos após ter ingressado no curso de História na Universidade Federal de Uberlândia, comecei a participar dos trabalhos do Grupo de Pesquisa e Prática em Danças Brasileiras – Baiadô<sup>3</sup>.

O Baiadô me proporcionou um intenso processo de formação, incluindo viagens e pesquisas de campo em comunidades e grupos que realizam festas populares como a congada, em Uberlândia, o boi, em São Luís do Maranhão, o lundu, em Montes Claros, a umbanda, também em Uberlândia, entre outras. A vivência no grupo me propiciou também momentos de leituras e discussões sobre a cultura popular e as diversas maneiras de se aprender e ensinar.

Posso dizer que aquilombar significa encontrar pessoas e grupos que têm objetivos em comum de luta, por meio do reconhecimento e do respeito à cultura popular e às pessoas que educam e se educam por meio de práticas culturais populares. Viver intensamente os momentos dentro do grupo Baiadô me estimulou e motivou o estudo e a pesquisa sobre a cultura popular brasileira.

Desse modo, a experiência de participar dos encontros e das discussões promovidas pelo grupo me possibilitou a descoberta de sons, cores, pessoas, festas, histórias, danças e convivências fora da academia. A partir desse momento, comecei a delinear meus caminhos dentro do curso de História, envolvendo-me com temas que se relacionavam com a cultura popular, a história oral e a memória.

A vivência no Baiadô me permitiu, por meio da dança, da poesia, da música e dos autos juninos criados e encenados pelo grupo, em diversas ocasiões, aliar minha experiência de dentro da academia, como historiadora e pesquisadora, à convivência com grupos e pessoas da comunidade e que não frequentaram a universidade como alunos ou professores.

Por intermédio da cultura popular, teceram-se diálogos, e, junto com as(os) outras(os) integrantes do grupo, pude dançar para e com congadeiras(os), pude participar de festas nos terreiros de umbanda Tenda Coração de Jesus e Tenda Pai Domingos da Guiné, como dançadeira e caixeira<sup>4</sup>, bem como pude visitar quilombos e trocar experiências de dança. Também pela vivência no grupo, pude descobrir essa possibilidade de entrelaçar caminhos, aliando a pesquisa acadêmica ao diálogo dançado e ao verso trocado.

Por minha vivência e experiência dentro do Baiadô, grupo que se organiza dentro da

---

<sup>3</sup> Grupo de Prática e Pesquisas em Danças Brasileiras, vinculado ao Laboratório de Ações Corporais da Universidade Federal de Uberlândia (LAC/UFU). Os trabalhos do grupo têm como foco os processos de criação na cultura popular, e, por meio de pesquisas teóricas e de campo, desenvolvíamos atividades voltadas às danças brasileiras, com enfoque em cacuriá, congada, caroço, coco, ciranda e bumba meu boi. Participei dos trabalhos do grupo de 2002 a 2005.

<sup>4</sup> Mulher que toca caixa do Divino – instrumento de percussão utilizado em diversas danças e brincadeiras da cultura popular brasileira.

universidade, mas coloca a cabeça e o corpo para fora para interagir com a cidade e com o mundo, busco trocar os saberes por meio da dança e trazê-los aqui na forma textual, considerando os saberes acadêmicos e tentando fazer a trança entre esses universos.

Enfim, assim como Jônatas Conceição da Silva (2006), vejo esse processo de escolha da pesquisa e do projeto de vida como um momento de encontrar parceiros e parceiras de trabalho, de reconhecer movimentos e pessoas que, por meio de sua cultura, se colocam junto no mundo. Aqui vejo quilombo como “fato histórico e marco essencial da luta libertária empreendida pela população de descendência africana em várias partes do mundo” (SILVA, 2006, p. 17).

Pois bem, na disciplina Folclore Brasileiro, cursada por mim no Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, tive a tarefa de realizar uma pesquisa de campo na Festa da Congada, em Uberlândia. Em outubro de 2003, tive, então, meu primeiro contato com a Festa da Congada na cidade. Em meio a tantos sentimentos e curiosidades provocadas por essa experiência, optei, sob a orientação da professora doutora Renata Bittencourt Meira, coordenadora do grupo Baiadô, por realizar meu trabalho de monografia sobre aquela prática cultural. Desde então, leituras sobre o tema da congada, discussões, observações e conversas com as(os) congadeiras(os) foram práticas que me despertaram cada vez mais a curiosidade sobre o tema.

Em 2005, ainda como integrante do grupo Baiadô, pude concluir minha pesquisa sobre a história da Congada em Uberlândia, por meio das músicas. Esse trabalho se intitulou: “A tradição cantada – A congada de Uberlândia por meio dos versos registrados no Projeto Congado, um espetáculo popular: cultura do povo de Uberlândia 2000”.

Nesse trabalho foram analisadas as canções do CD *Memória do Congado de Uberlândia*<sup>5</sup>, do qual participaram 14 grupos de congada da cidade.

Nessa análise, percebi que a história da congada é contada, entre outras formas, por meio dos versos. O canto das congadeiras(os) denota aspectos de sua história na cidade, e, na congada, fala-se sobre as relações étnico-raciais, suas posições em relação ao poder público, sua condição socioeconômica, sua fé nos santos católicos e, ao mesmo tempo, nos orixás e pretos-velhos, enfim, as variadas visões de mundo desses sujeitos.

Entre tantas impressões no decorrer dos estudos na academia, nas conversas com capitães, crianças e madrinhas que compõem os ternos<sup>6</sup> de congada, nas andanças pelas ruas da cidade com os ternos, nas danças trocadas, nos afetos, fomos construindo uma cumplicidade e uma parceria de

---

<sup>5</sup> CD produzido em Uberlândia, com o apoio da Petrobras, em parceria com o Grêmio Recreativo Bloco Aché e Educafro, envolvendo 14 grupos de congada da cidade.

<sup>6</sup> Os “ternos” são os grupos de congada compostos por mulheres e homens de todas as idades, que se organizam a partir de características peculiares, como ritmo musical, instrumentos utilizados, roupas, dança e cores.

afeto e de trabalho. Percebi que não podemos ver e tratar a congada como uma sobrevivência consentida, e sim como uma manifestação que se insere em um constante cenário de tensões e conflitos que permeiam o universo popular, construindo e transformando a história da cidade e das(os) congadeiras(os).

Quatro anos após o término da monografia, minha trajetória acadêmica, por minha escolha e meu posicionamento como pesquisadora, vai novamente de encontro à congada de Uberlândia; dessa vez com o foco nos processos educativos presentes nessa prática social. Durante esse intervalo de quatro anos, entre a defesa da monografia e o ingresso no Mestrado e início da pesquisa, não perdi o contato com congadeiras(os) e, sempre que possível, estive nas festas e nas preparações, visitando as(os) amigas(os), conversando sobre as dinâmicas e organizações da festa, dançando, cantando e acompanhando diversos ternos da cidade.

Esse laço que foi construído anteriormente se manteve e se fortaleceu. Quando disse sobre a pesquisa de Mestrado para as pessoas que fazem parte do grupo, percebi que seria uma oportunidade de realizar o estudo, buscando compreender as maneiras de aprender e ensinar próprias do grupo e uma oportunidade de me reaproximar e reavivar o contato com essas pessoas. Assim, a presente pesquisa de Mestrado visa compreender processos educativos relacionados à tradição oral da congada.

Gostaria de salientar, ainda nesta parte do texto, que minha participação no Grupo de Danças Brasileiras Baiadô contribuiu e contribui de forma significativa para a realização desta pesquisa. Minha experiência e formação dentro do grupo me possibilitaram diversos momentos e encontros com grupos de congada e outras manifestações da cultura popular, como cacuriá, boi, coco, entre outras. Nesses encontros e convivências, existiram diversos processos educativos, os quais vivenciei com mestras(es) da cultura popular. Pude, então, compartilhar as danças, os versos, os toques de tambor, os improvisos, os olhares, enfim, tecer a cumplicidade na delicadeza e poeticidade em compreender quem dança, dançando.

A partir dessa experiência, entendo a importância de cuidarmos de nossas relações, que são frutos da pesquisa acadêmica, dos contatos, das visitas, das conversas, e não cessam ali, em seu fim puro e simples de saber algo superficial e objetivo, relacionado somente à questão de pesquisa. A convivência, nesse caso, ensina-nos coisas que vão além de nossa curiosidade puramente acadêmica. É necessário, então, que estejamos abertas(os) e dispostas(os) a aprender e a respeitar os saberes que não nos são passados dentro da academia.

Ao optar por realizar a pesquisa com um grupo de congada ou qualquer outro grupo, é necessário que saibamos que não basta termos perguntas, ouvidos, olhos e gravadores, necessitamos

estar de corpo encarnado, inteiro, dispostas(os) a trocar a dança, a música, o passo, a fotografia, as angústias e as vitórias.

A oralidade, a corporeidade, a confiança, o diálogo e a cumplicidade são essenciais para a compreensão das manifestações da cultura popular. Com congadeiras(os) eu não aprendo somente lendo sobre, escutando e olhando, aprendo principalmente dançando, cantando, ouvindo os causos, fazendo o almoço, bordando o chapéu, enfim, dialogando a partir de meu corpo. Por isso acredito que seguir o caminho da pesquisa é escolher um projeto de vida que, como todos os outros, implica posicionamentos, aceitações e negações.

Deste ponto de vista, a formação de cada pessoa-cidadã resulta de trocas entre subjetividades que se articulam na convivência ou na negação da possibilidade de convivência. Da mesma maneira, a formação de investigadores, que não é desvinculada da vida pela pessoa-cidadã, se produz em espaços intersubjetivos em que significados expressos em referências teóricas, procedimentos de análise e interpretação de realidades, orientam ações, avaliações, julgamentos, propostas (SILVA; ARAÚJO, 2004, p. 02).

Por isso, minha formação como pessoa-cidadã também é fruto de minha convivência com homens, mulheres e crianças congadeiras que, a partir de sua dança, de sua música e de sua fé, dão significados às suas vidas e promovem o reconhecimento da luta e da cultura negra.

Durante os momentos em que estive em Uberlândia, MG, no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, para a coleta de dados, percebi que esta pesquisa se configura também como um retorno e um reencontro meu e de um trabalho acadêmico, antes desenvolvido em minha monografia e agora no Mestrado, com amigos e amigas congadeiras(os) de Uberlândia. Esses caminhos novamente se encontraram, com afeto e prontidão por parte das(os) participantes da pesquisa e das(os) componentes do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito.

A trama dos caminhos se faz de acordo com nossos olhares, com nossas paradas para ver e ouvir de novo, com a paciência ensinada muitas vezes nas rodas de conversa, com capitães e madrinhas da congada. A entrega verdadeira na construção dos laços com as(os) colaboradoras(es) da pesquisa nos faz descobrir, ver e respeitar um mundo de coisas que vai além de nossas curiosidades em construir pesquisas acadêmicas. Descobrimos pessoas que estão no mundo dançando, resistindo, educando, construindo e desconstruindo, buscando relações mais justas para o convívio em sociedade.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar processos educativos presentes no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e, por meio desta análise, compreender

como esses processos educativos ocorrem.

## 2 A festa dos santos dos pretos

Transformar toda esta vivência em um texto é criar uma história que não vai se prender à cronologia nem poderá comportar todo o vivido, todos os atores. Esta história vai tentar recriar o vivido através de algumas vozes e cenas [...] (ARROYO, 1999, p. 63).

A congada é uma manifestação que resiste, transforma e ensina. Essa festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito é uma mistura de sentidos, cores, sons, homens, mulheres, crianças, devoção, dança, convivências, cumplicidades, lutas, afirmações, ocupação de espaços, contestações, tensões, construções e desconstruções; enfim, tudo isso costurado pela fé.

Essa prática social pode ser entendida como um ritual que transfigura o papel da vida cotidiana. A festa é um momento em que homens, mulheres, jovens, velhos e crianças passam por um processo de reafirmação de identidades, no qual as(os) congadeiras(os) demonstram prazer, alegria e satisfação, ao evidenciarem sua tradição e sua fé por meio dos corpos dançantes, das músicas, dos enfeites, das coreografias, de reis e rainhas nos cortejos da congada.



Marinheiro de São Benedito chegando à Igreja de Nossa Senhora do Rosário.  
Foto: Eurípedes Luciano



Brasileiro (2001, p. 13) apresenta a seguinte definição para a congada:

Um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns e que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas somente ao Rei Congo e depois cristianizadas por influências jesuíticas, mimetizou-se e paralelizou-se dentro da fé popular brasileira.

De acordo com Gabarra (2008, p. 118, apud ALCÂNTARA, 2008):

A congada ocorre em várias cidades do Brasil. Em Minas Gerais, no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Alto São Francisco elas são muito comuns e mantêm uma relação de reciprocidade e ajuda mútua. Uma ou duas vezes por ano o batuque sai pelas ruas da cidade, a ritualizar o apogeu de sua cultura, que vai além da expressão conhecida como congado. O cotidiano desses praticantes não se limita às preparações e outros rituais em prol da realização da Festa. Existe uma lógica própria de ser congadeiro, uma forma especial de viver, pensar e agir. Nas respectivas cidades, os praticantes atualizam sua cultura.

Muller (1933, p. 76, apud RABAÇAL, 1976, p. 78) diz:

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são homenageados durante todo o ano em diferentes localidades, sem que haja uma tendência marcada para agrupar suas Festas em uma data ou período bem definido. Essa afirmação é validamente generalizada para os demais santos louvados pelos congos, congados, congadas. Porém isso não impede que as Festas de caráter religioso apresentem em cada comunidade um calendário oficioso que estabeleça rigidamente os ciclos de realização do folguedo. Em conjunto, esses calendários particulares mostram as épocas de exteriorização dessa manifestação popular.

De acordo com Silva (2008, p. 23, apud ALCÂNTARA, 2008):

No Brasil a Festa do Congo ou Congada vem sendo registrada desde meados do século XVIII, aparecendo normalmente de forma integrada ao calendário do catolicismo. A característica central em torno da coroação do rei negro durante os rituais em louvor aos santos católicos Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia ou São Benedito tem se mantido nas regiões sudeste, sul e parte do centro oeste. Em determinados locais, o rito ainda é marcado por uma parte dramática, a “Embaixada”. Nesses casos, reinos negros, simbolicamente em conflito, negociam desavenças políticas. Mas as informações sobre a

parte dramática são diversificadas.

Todas essas definições e esses apontamentos feitos por diferentes autoras(es) nos mostram que definir a congada é uma tarefa infindável. Cada autor(a) a define sob sua perspectiva, enfatizando a origem africana dessa manifestação, momentos e lugares em que é realizada e datas dos primeiros registros. Nesse sentido, pensei que uma definição de congada ou congado não caberia no presente trabalho, com a finalidade de limitar ou excluir outras muitas possibilidades de definição.

As citações feitas anteriormente são para que a leitora e o leitor saibam que estamos falando de uma manifestação cultural existente em diversos lugares e representada de diversas maneiras. O que posso destacar em comum nas definições é que se trata de uma festa religiosa.

Em Uberlândia, MG, a congada é uma manifestação popular tradicional, que consiste em uma festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. O festejo é o ponto culminante dessa prática social, reunindo grande número de pessoas para participar da festa em nome da fé nos “santos dos pretos”<sup>7</sup>, como são conhecidos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Milhares de pessoas ocupam a área central da cidade, onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, alterando significativamente a dinâmica local. As formas desse festejo são diversas, e existem em muitas cidades brasileiras, diferenciando-se em cada Estado e região. Em Uberlândia, a festa acontece há mais de cem anos e é realizada no segundo domingo de outubro.

A Igreja do Rosário, onde os ternos se encontram no dia da festa, localiza-se no centro da cidade. Antigamente, esse espaço era pouco habitado, pois a Igreja de Nossa Senhora do Rosário era uma das poucas construções no local.

A cidade começou no fundo da igreja, que tinha sua porta virada de costas para o centro. O bairro próximo à igreja, conhecido até hoje como “Fundinho”, era um espaço distante da área considerada como central. Com o crescimento urbano, o entorno da igreja ganhou novas casas, além de prédios, lojas, agências bancárias, cafés, bares e incorporou-se ao centro da cidade. No dia da festa, na porta da igreja, todo esse espaço é transformado, ganhando novas cores e sons.

---

<sup>7</sup> Para saber mais sobre esse termo, consultar *A Festa do Santo Preto*, de Carlos Rodrigues Brandão, publicação da EdUFG., de 1985.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário ao fundo, a frente o Terno Marujo de São Benedito.  
Foto: Eurípedes Luciano

Segundo Arantes (2000), as paisagens são criadas pela ação do homem e se constituem como referências espaço-temporais para as ações e experiências compartilhadas. A partir do momento em que se pensa o espaço como um construto social, as paisagens também participam reflexivamente da formação dos processos sociais. Nesse sentido, a festa, compreendida como um processo social, reconfigura as paisagens urbanas.

Sob as aparências de uma alegre desordem de dançantes de rua é possível descobrir a ordem da Festa e da Congada, invisíveis aos olhos apressados do turista, essenciais aos cuidados da pesquisa do investigador. Um complexo sistema de trocas, de ações de serviço envolve tipos de participantes e modos de participação, tanto nas esferas amplas das relações entre a sociedade promotora e a Festa do santo, quanto nas esferas restritas das trocas entre os irmãos dançantes, os encarregados da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e outros agentes responsáveis pela Festa (BRANDÃO, 1985a, p. 10).

A partir de estudos das festas populares, é possível reconhecer aspectos diferenciados que as determinam como práticas estruturantes na vida das pessoas que as vivenciam, construindo e consolidando costumes, hierarquias sociais e práticas de encontro.

A congada, em Uberlândia, é uma prática social legítima de um grupo. Por meio dessa manifestação, as pessoas demonstram aspectos que constituem também suas formas de estabelecer relações, seus modos de vida, seu sistema de organização, seu modo de pensar e praticar diversos elementos, como a fé, a relação com o outro e as gerações.

Lá, a congada se configura também como uma forma de apropriação e reconfiguração de espaços. É importante que valorizemos essa prática como tema de estudo pertinente ao entendimento da história e do cotidiano das pessoas que fazem parte dessa prática social.

É relevante ressaltar ainda que, por meio de estudos dessas manifestações populares, é possível conhecer um pouco sobre a cultura popular no país, não apenas como folguedo ou espetáculo, mas como algo que se dinamiza, modifica-se e é parte importante na formação de identidades de grupos e pessoas.

Brandão (1985a) fala sobre os aspectos contextuais dos rituais das festas de congada, nos quais há importância de se entender além da descrição pura e simples dos acontecimentos. Chama-se a atenção para além do simples olhar descritivo ou admirador de um cortejo processional de uma festa de congada.

Tem sido costume descrever o evento folclórico isolando-o por vezes do seu contexto mais imediato ou de sua conjuntura mais ampla, como um ciclo religioso/folclórico de festejos do catolicismo popular. São esses os casos em que um auto dramático, uma dança ou um cortejo processional são exaustivamente descritos dos passos às vestimentas dos figurantes, sem que os seus significados de contextualização – o religioso popular, o propriamente folclórico e o de suas articulações sócio rituais sejam também consideradas como objeto de estudo (BRANDÃO, 1985a, p. 09).

Por isso, o que importa não é somente o reconhecimento e o registro da diversidade cultural, e sim a importante busca pelos significados das práticas, que são experiências humanas de sociabilidade, trabalho, entretenimento, organização, religiosidade e que podem parecer estranhas, exóticas ou perigosas, quando seus significados são desconhecidos (MAGNANI, 2003).

A Festa do congado enquanto ritual de crença e de articulações sócio culturais vinculadas à etnia, classes sociais e gênero põe em cena uma ordem hierárquica no interior das

instituições que centralmente constituem a Festa: a Irmandade e os ternos. No topo da hierarquia deste cenário está a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor (LOURENÇO, 1987, p. 27, apud ARROYO, 1999, p. 69).

A congada pode ser vista como uma prática social constituída por uma rede de símbolos, significados e sensações que combina elementos de atividades diferenciadas, como os que recorrem ao passado rural e se relacionam diretamente com a dinamicidade do urbano.

A articulação entre a tradição e as técnicas modernas, bem como as substituições e adaptações que ocorrem nos elementos da festa, mostram a dinamicidade presente na cultura popular. Dessa forma, as mudanças pelas quais passam as sociedades modificam também a cultura popular, pois esta é constituída por homens e mulheres que vivem e se relacionam em diferentes contextos e sociedades.

A tradição garante a transmissão de valores de determinados grupos sociais que dialogam com o contexto sociocultural no qual estão inseridos, além de se manter viva com essa dinamicidade. A congada está inserida em um cenário de tensões que resultam em transformações para sua permanência. Aceitar as mudanças e saber modificar faz parte da vivência de homens e mulheres em sociedade.

O que nos propomos a investigar na cultura popular são as práticas sociais e as relações culturais nas quais não existem apenas continuidades e determinações constantes, mas também tensões, conflitos e mudanças reais.

Considerando a congada como manifestação tradicional que estrutura a vida das pessoas que a praticam, percebo que as(os) congadeiras(os) contam suas histórias de vida e revelam suas diferentes visões de mundo por meio dessa prática cultural.

Nos versos a seguir, percebo a vida cantada, por meio do canto, de forma a contar suas condições de analfabetos, as diferentes maneiras de ver o mundo, as relações que são estabelecidas entre o visível e o invisível e a irmandade existentes entre os ternos.

Não sei lê não sei escrevê  
Sou apenas um poeta  
Filho de São Benedito e Nossa Senhora  
Que é dona da festa.<sup>8</sup>

Eu sonhei com meu preto velho  
Ele mandou me avisar

---

<sup>8</sup> Verso cantado pelo Moçambique Princesa Izabel, capitão Nestor Vital da Silva; faixa 12 do CD.

Que quem mexe com demanda  
Sua vida vai atrapalhar<sup>9</sup>

Não deixa essa festa *acabá*  
Irmão com irmão não pode brigar  
Fuzuê!  
Fuzuê, fuzuê, fuzuê, fuzuá  
Quando chega a festa santa  
Faz meu coração *chorá!*<sup>10</sup>

Entendo que a cultura popular é dinâmica e se transforma, porque ela é vivida cotidianamente por mulheres e homens que estão inseridos em um contexto social real que se transforma e se modifica constantemente.

As relações com o passado e com o presente, com o mundo real e com o mundo invisível estão presentes na congada. É assim que suas/seus praticantes enxergam o mundo, nessa pluralidade e dinamicidade que fazem da congada uma prática social que se mantém viva no cenário uberlandense.

Além de compreender a congada como uma prática na qual estão presentes relações sociais diferenciadas, entendo também que ela é uma manifestação cultural de resistência que envolve processos de transformação da sociedade.

Não devemos esquecer que o *corpus* que chamamos de “cultura de resistência” não se reduz às suas manifestações acadêmicas ou pára-acadêmicas. Pelo contrário, o material mais rico e as formas mais belas estão, em geral, fora dos quadros doutrinários: saem da produção artística, musical, literária e teatral, ou de movimentos políticos e religiosos populares, universos de significação em que, consciente ou inconscientemente, se engendra o impulso contra-ideológico mais forte e mais duradouro (BOSI, 1994, p. 141).

A festa é uma espécie de viagem; participando dela, vai-se a outros lugares que a própria festa simbolicamente define e reescreve: sujeitos, cerimônias e símbolos, assim é que se pode perceber uma mistura de momentos contrários que se fundem em um só, o toque do sino da igreja, o dançar do festeiro ou brincante, o tocar do tambor, o branco, o negro, a criança, o velho, o sujeito que festeja a si mesmo por meio do grupo, pois ele é parte daquilo que se festeja (BRANDÃO, 1985a).

<sup>9</sup> Verso cantado pelo Moçambique de Belém, capitão Ramon Rodrigues; faixa quatro do CD.

<sup>10</sup> Verso cantado pelo Moçambique de Belém, capitão Ramon Rodrigues; faixa quatro do CD.

A história da congada está intimamente ligada às origens africanas dessa manifestação e, conseqüentemente, à posição marginal que seus participantes ocupam na sociedade. Ao concentrarem seus esforços em aspectos culturais considerados irrelevantes, pela ideologia dominante e para o processo de desenvolvimento, os sujeitos praticantes da congada são identificados como preguiçosos, exóticos, dependentes e folclóricos (MEIRA, 2007).

[...] não pode mais ser negada à História uma das suas partes mais importantes, que é a pesquisa sobre as propostas de vida de inúmeros marginalizados, que também a constituem. Nesse sentido, escrever e investigar a História da Congada de Uberlândia é nomear outros sujeitos sociais portadores de historicidade, tanto quanto os “heróis” já nomeados pela História Oficial (GABARRA, 2004, p.106).

O conjunto de símbolos que podemos ver na congada denota a resistência dessa prática cultural em uma sociedade que segrega e discrimina. É também dançando e batendo congo que o negro, o branco, o jovem, o velho, a mulher e o homem dialogam com o mundo.

A África reverberou-se em signos dessemantizados, típicos agenciamentos energético-cósmicos. Tais signos trilharam caminhos que levaram a desembocar em uma constelação de significados lúdicos, expressões do desejo e do gozo saboreados em festividades, em cerimônias iniciáticas e religiosas, em repertório médico e nutricional, enfim, constituídos em heranças cravadas no corpo, como memória da ancestralidade, pela tradição oral gestual. A Festa, o ritual constituíram-se em formas não verbais de comunicação, transgredindo a rotina imposta, pelo significante despótico, ao corpo produtivo, sequestrado do corpo comunitário e que no centramento do tempo cósmico, em faixas de tempo regidas pelo mito, agora, finalmente se reconfigurava. Graças à Festa, graças ao lúdico, graças ao jogo (TAVARES, 1997, p. 217).

A Festa da Congada é, portanto, um espaço, um ritual, um acontecimento em que congadeiras(os) aprendem, ensinam, ouvem e falam sua própria linguagem, dialogam com o mundo, transformando-se e se deixando transformar pelas trocas de conhecimentos ali existentes.

Considerando, então, a congada como uma forma particular de vida de grupos e pessoas, podemos dizer que ela é parte da constituição desses congadeiros e congadeiras como mulheres e homens protagonistas da história da congada em Uberlândia. Em outras palavras, essas pessoas têm o direito de autovalorizarem-se segundo os valores da congada, por isso, as(os) praticantes da congada ou de que qualquer outra manifestação cultural popular não necessitam da valorização de pesquisadoras(es) segundo conceitos e critérios acadêmicos.

O congado é uma manifestação que acontece tradicionalmente entre os meses de agosto e outubro (período que varia de um lugar para outro). Apontado como o traço mais marcante da cultura afro-brasileira predominante em Minas Gerais, bem como da forma de resistência histórica do negro neste território, o congado articula-se, em sua complexidade ritual e simbólica, com duas dimensões às vezes paradoxais, do catolicismo: o popular (devocional) e o oficial (SILVA, 2010, p. 15).

Os meses de realização da festa variam de cidade para cidade, em virtude até mesmo de outras festas religiosas, como é o caso da Festa de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, MG. A campanha da congada em Uberlândia só começa quando a festa em Romaria termina. Muitas vezes, as(os) congadeiras(os), além de fazerem parte dos ternos de congada em Uberlândia, também compõem os grupos de Folias de Reis, as Escolas de Samba e fazem parte de outros ternos, em outras cidades.

Na região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, as festas são frequentadas pelos ternos das cidades vizinhas. Trata-se de um conjunto, um ciclo de manifestações locais de uma grande festa, por isso as festas são realizadas em diferentes datas, para que diversos grupos de cidades do entorno possam participar. “O bom é que não tem congado só em Uberlândia; em um monte de cidade tem...” (Rodney, roda de conversa, novembro de 2009).

Todo esse sistema festivo denota, também, segundo Brandão (1985a), um sistema inicial de trocas entre as pessoas que moldam o cenário das festas populares no Brasil. As festas religiosas, por meio de elementos como a brincadeira, o improvisado, o passo, a dança, as prendas, o estandarte, o desafio lançado ao outro por meio do verso, os gestos de devoção, expressam as maneiras de existir, receber, retribuir, participar, aprender, ensinar, enfim, a convivência dentro e fora do grupo a que se pertence.

No dia da Festa da Congada em Uberlândia, cerca de quinze mil pessoas<sup>11</sup> passam pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ocupando a área central da cidade, onde se localiza a igreja, alterando significativamente a dinâmica local.

São dois meses de campanha e dois dias de festa, envolvendo a comunidade negra da cidade. É um ritual que cultua os santos da Igreja Católica: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Esses santos têm como seus festeiros os reis congo e as rainhas conga. Esses festeiros são as pessoas que compõem o reinado, que é formado por dois casais. Um casal homenageia Nossa Senhora do Rosário, e o outro homenageia São Benedito.

---

<sup>11</sup> Informação dada pelo presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia, em 2005.



Segundo histórico da festa<sup>12</sup> e como mostra a fala de José Pedro e Ariel, durante uma das rodas de conversa, é possível saber que, já no tempo da escravatura, os negros se reuniam no mato para louvar Nossa Senhora do Rosário, a santa protetora dos negros. “Naquele tempo, os negros vinham em carro de boi e se agrupavam de baixo de uma grande árvore, onde hoje se encontra a Praça Tubal Vilela<sup>13</sup>. Depois, eles seguiam por uma trilha até a capela de Nossa Senhora do Rosário, construída de pau a pique e buriti.”

Pedro: Isso que a mãe Selma tá falando da tradição dos avós vem de tradição de raiz, é o conflito que tem sobre a data da festa...

Ariel: Era em novembro, né?

Pedro: Você pode ver que existe o conflito desde Santa Efigênia. A irmandade fez cem anos, mas a festa existe há muito mais tempo. Antes de Uberlândia ser Uberlândia, já tinha essa festa, o povo ia no mato mesmo fazer a festa (roda de conversa, setembro de 2009).

A partir dessa descrição, podemos observar que, antigamente, a capela de Nossa Senhora do Rosário era afastada do centro da cidade. Hoje, com o crescimento urbano, ela se localiza exatamente na parte central da cidade, fazendo parte do cenário arquitetônico, com prédios modernos e construções comerciais. De acordo com algumas pessoas que moram no entorno da igreja, alguns moradores, no dia da festa, costumam viajar para se afastarem do barulho dos tambores, das cantorias e do grande fluxo de pessoas que passam por ali durante todo o dia e a noite.

Assim, percebemos que a comunidade negra congadeira ocupa o espaço central da cidade, que, durante os outros dias do ano, é apenas parte do caminho para se chegar ao trabalho ou mesmo o local de trabalho. Congadeiras(os), durante todo o ano, ocupam-se com funções pouco valorizadas e até não reconhecidas pela sociedade: são catadoras(es) de papel, guardadores de carros, garis, motoristas de ônibus e empregadas domésticas. É importante perceber que a sociedade uberlandense não reconhece os sujeitos que assumem essas funções (SILVA, 2005b).

Desse modo, considerando o grande número de trabalhos realizados sobre a congada ou congado, é pertinente dizer que, neste estudo, buscarei compreender as formas de se aprender e ensinar em um terno de congada e como esses processos de ensino e aprendizagem ocorrem. Para

---

<sup>12</sup> Histórico – A Devoção a Nossa Senhora do Rosário, Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria Municipal de Cultura 1978.

<sup>13</sup> Essa praça se localiza no centro da cidade, é a praça da catedral. Hoje, concentra grande número de lojas, cafés, bancos e tem um fluxo de pessoas bastante significativo. No dia da Festa da Congada, a praça também fica tomada pelos sons e cores das congadeiras e dos congadeiros, pois ela fica no meio do caminho para se chegar à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

isso, consideramos as visões de mundo de congadeiras(os) que, por meio de sua fé em Nossa Senhora do Rosário e em São Benedito, revelam sua tradição e suas maneiras de viver a congada em Uberlândia.

De acordo com Brandão (1985a, p. 33), ao analisar a Festa da Congada em Catalão,

um terno de brincadores da congada não se trata apenas de um simples agrupamento de pessoas capazes de tocarem seus instrumentos e cantarem suas músicas, enquanto executam passos de uma coreografia. Qualquer “brincador” com alguma experiência na congada de Catalão e com algum interesse em explicá-la é capaz de construir, sobre o seu terno, a idéia de um sistema de símbolos e de relações muito mais ordenado do que ele poderia parecer a uma primeira observação.

Assim, além das diferentes maneiras de festejar a congada, de acordo com estados e regiões, existem também as diferenças entre os ternos que compõem uma mesma comunidade congadeira, como é o caso de Uberlândia.

Os ternos se organizam a partir de características peculiares, como o ritmo musical, os instrumentos utilizados, as roupas, a dança e as cores. A partir dessas características, é possível classificar ou dividir os ternos em grupos. Essa divisão, conforme Jeremias Brasileiro (2001), recebe o nome de nação.

Em Uberlândia, existem cinco nações, entre congos, marinheiros, moçambiques, marujos e catupés.

O Terno de Congado Marinheiro de São Benedito tem sua farda, como são chamadas as vestimentas dos componentes dos ternos, de cor predominantemente azul: “Marinheiro é azul, sempre azul, nunca teve mudança de cor não, é azul” (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

No caso dos homens, a farda é composta por capa azul, com uma âncora bordada, calça e camisas brancas, uma faixa amarela, que é colocada na cintura, lenço branco na cabeça e chapéu. As mulheres mantêm as mesmas cores, mas os modelos das roupas variam. O Terno de Congado Marinheiro de São Benedito é conhecido por ter “roupas modernas para as meninas”, e o modelo é guardado em segredo até o dia da festa.



Componentes do Terno fardados. No detalhe a capa usada por todos os homens. Foto: Eurípedes Luciano



Chegada do Marinheiro à porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No detalhe a roupa usada pelas mulheres em 2009. Foto: Eurípedes Luciano

A estrutura de cortejo do Marinheiro de São Benedito é organizada da seguinte maneira: à frente do terno segue uma menina segurando uma pequena bandeira de São Benedito. Com ela geralmente seguem as matriarcas do terno, as madrinhas. Em seguida, vão as grandes bandeiras do terno, os estandartes, e cada um deles é levado por meninas do terno.



Terno de Congado Marinheiro de São Benedito no cortejo em direção à Igreja do Rosário. Foto: Eurípedes Luciano

Desses grandes estandartes ou bandeiras saem fitas brancas, distribuídas entre as outras meninas do terno, que vão dançando em torno da bandeira, segurando as fitas; as fitas e as bandeiras tremulam, impulsionadas pelos passos realizados pelas meninas da bandeira. É como se esses elementos fossem a extensão do corpo e da dança que pula, contorce-se, gira. Em seguida, vão os instrumentos, regidos pelos capitães, com seus apitos e bastões. Os instrumentos utilizados pelo marinheiro são: maracanãs, que são grandes tambores; repiliques, uma espécie de tambor menor com som mais agudo; surdinho ou caixinha (maracanã menor); e os chocalhos.



No meio da roda o dançador faz evoluções com o repilique (a esquerda), enquanto o maracanã descansa (a direita).  
Foto: Eurípedes Luciano

É nesse terreno que buscaremos compreender processos educativos presentes na congada. A partir da observação, do convívio e da pesquisa junto ao Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, apresentarei maneiras de aprender e ensinar dentro desse grupo que reinventa sua tradição e conta sua história.

Segundo Burke (1989, p. 132): “Para entender qualquer item cultural precisamos situá-lo no contexto, o que inclui seu contexto físico ou cenário social, público ou privado, dentro ou fora de casa, pois esse espaço físico ajuda a estruturar os eventos que nele ocorrem”.

A tradição da congada é passada de geração a geração, de forma predominantemente oral, o que diversifica, de região para região e mesmo de grupo para grupo, dentro da cidade de Uberlândia, com maneiras distintas de dançar, cantar e tocar o instrumento. Essa diversidade de entendimento da própria manifestação acaba por dinamizar o processo mantenedor dessa tradição no cenário atual. É necessário entender a congada inserida em um contexto contemporâneo, assistindo às modificações e às adaptações como fatores que a ajudam a se manter viva.

Tradição do congado que existe. A gente fala sobre nosso terno porque, como diz aquele ditado, eu falo da minha hierarquia, é o que eu aprendi, o que nós aprendemos e o que nós ensinamos. Eu não sei os outros ternos lá fora, eu não tenho condições de sair daqui e bater na porta do outro e ficar espiando pra ver o que ele está fazendo, então, eu falo do que é meu (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).



### 3 O cortejo: caminhos com a teoria

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas (SAHLINS, 2003, p. 07).

O cortejo é um momento de caminhada, em que congadeiras(os) seguem pelas ruas da cidade, cantando e tocando em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. Nesse caminho cheio de ensinamentos e aprendizados, os ternos vão ganhando as ruas da cidade e revestindo de cores e sons a paisagem urbana. Nesse caminhar, vão construindo e fortalecendo as relações com os outros ternos e com a população, a fim de ver e ouvir as batidas dos ternos de congo.

Aqui, no cortejo deste trabalho, entrelaçarei as teorias que contribuirão para o desenrolar do texto.



Cortejo do Marinheiro de São Benedito rumo à Igreja do Rosário, as pessoas que vão ao final do cortejo com bastões na mão têm a função de zelar pela proteção do terno, ficam no final para fecharem e protegerem o grupo. Foto: Eurípedes Luciano

A partir de meu aquilombamento, de meus encontros com pessoas, sons, cores, danças e poesias, fui transformando meu olhar e me reconhecendo nesses movimentos, os quais envolvem diferentes maneiras de nos colocarmos no mundo. Por meio de minhas experiências com a arte, o verso, a dança e o toque do tambor, construo minhas referências. É difícil transformar ideia em texto, pois o conhecimento corporificado e as experiências trocadas carecem aqui de diálogos com

autoras(es) que compartilhem pensamentos, ideias e visões de mundo.

Os momentos de convivência, nas danças e nos cantos com congadeiras(os), ultrapassam o limite da pesquisa, vão além de um querer saber específico. Ao dançar e cantar, trocamos saberes e aprendemos da vida, das histórias, dos conflitos, das dinâmicas, do não dizer, da hora de ouvir e da de falar.

Trago também aqui meus outros lugares neste estudo. Vou, na escrita do texto, no entremear das palavras, colocando-me como mulher dançadeira, versadeira, admiradora dessas danças e poesias. Devo me colocar também como educadora, exercício que aprendi em meu aquilombamento no Baiadô – onde obtive minha primeira experiência de oficineira e educadora, por meio de um trabalho desenvolvido pelo grupo na Escola Padre Mário Florestan, em Uberlândia.

O projeto chamado “Caixa de Talentos – Dança” teve como objetivo realizar ações complementares à escola, por meio de atividades com as danças brasileiras, e contou com uma equipe multidisciplinar, formada por integrantes do Baiadô e professoras da escola.

No decorrer dessa ação na escola, vi aumentar ainda mais meu interesse pelos saberes dançados. Com meus outros dois parceiros educadores – José Pedro Simeão Alves, capitão do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, integrante do Baiadô e participante desta pesquisa, e a educadora Marinalda Oliveira Moreira, também participante do Baiadô –, pudemos ter diversas experiências relacionadas ao trabalho de danças brasileiras dentro da escola. Lá pude construir um novo olhar sobre aprender e ensinar e ver novas possibilidades de abordagens da cultura popular dentro da escola. Constatei, a partir dessa experiência, a importância de ações que viabilizem a integração do conteúdo escolar com as práticas culturais populares.

Ocupo também o lugar de mediadora, e esse lugar me permite “transitar”, ir lá, voltar para cá, “espiar de lá e de cá”<sup>14</sup>, como disse Selma, participante das rodas de conversa, além de conversar, entender, compreender, pegar o recado, levar o recado, estudar, dançar, acompanhar o Terno, ganhar certificado de participação no Terno<sup>15</sup> e buscar o certificado de realização do mestrado, em diálogo com a congada.

Por fim, o lugar de pesquisadora me permite trazer aqui neste texto, entrelaçando falas, teorias e experiências, um pouco da congada de Uberlândia, por meio do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e dos processos educativos existentes nessa prática social.

Com a realização de minha pesquisa de monografia sobre a congada de Uberlândia, aprendi

---

<sup>14</sup> Ao realizar a análise compartilhada dos dados, mais à frente, conto detalhes desse momento. Selma disse: “Você espia de lá e de cá, né?”.

<sup>15</sup> Anexo, consta o certificado dado a mim pela Madrinha Selma por “luta, companheirismo, amizade, respeito e carinho junto ao Congo do Marinheiro de São Benedito de Uberlândia, que lhe confere os capitães desta irmandade”.

muito e vi que, a partir do estudo dessa prática cultural de matriz africana, por meio da análise dos versos, é possível conhecer outra história da cidade, da festa e das(os) negras(os) e brancas(os) que mantêm viva a congada, as histórias de reis e rainhas negras, de costumes e culturas de diversas matrizes, de danças e cantos que carregam ensinamentos e saberes diversos que não me foram ensinados na escola, nem na universidade, por meio da educação formal.

Ao conviver com congadeiras(os), participar de leilões, campanhas, dançando junto, ouvindo histórias, inteirando-me sobre essa manifestação, pude conhecer um pouco de como essas pessoas se colocam no mundo, com suas diferentes formas de contar a história da congada na cidade. São cantadas suas reivindicações, os descontentamentos, a luta para a manutenção dessa tradição, o preconceito sofrido, o orgulho de ser negra(o) e congadeira(o), o sincretismo, enfim, as diversas leituras de mundo presentes na congada.

Para ilustrar essas diversas formas de ver o mundo, em seu congadear, trago três versos registrados no CD *Memória do Congado*. O primeiro verso fala sobre a data da festa, que foi modificada pela igreja, trazendo descontentamento. O segundo verso traz o sincretismo: ao mesmo tempo em que congadeiras(os) cantam para Xangô, orixá cultuado na Umbanda e no Candomblé, também cantam para Nossa Senhora e mencionam a Igreja. O terceiro verso traz, de forma metafórica, a luta do negro para se manter no cenário, com suas tradições.

O que eu acho mais bonito  
Dia doze de novembro  
É a Festa da Congada  
Festeja São Benedito, oh<sup>16</sup>

Querer não é poder  
Querer não é poder  
Na data da festa não pode mexer!!!<sup>17</sup>

Oh! Bate bumbo aruanda de Xangô  
Mas lá na mata cachoeira *balançô*  
Mas lá *invem* Nossa Senhora brasileira  
Carregando no braço seu *boclero* de *flô*<sup>18</sup>

Ora *vamo* na igreja rezar  
Ora *vamo* na igreja rezar  
Que a Nossa Senhora mandou me chamar  
Ora *vamo* na igreja rezar<sup>19</sup>

É preto é preto é preto *pelejá*  
Toco com raiz é duro de *rancá*  
*Oia* é duro de *arrancá*<sup>20</sup>

<sup>16</sup> Versos cantados pelo congo Camisa Verde, capitã Maria do Rosário, de Fátima Nascimento; faixa 13 do CD.

<sup>17</sup> Versos recolhidos em campo na Festa da Congada de Uberlândia de 2003, cantados pelo Moçambique de Belém.

<sup>18</sup> Versos cantados pelo Moçambique Pena Branca, capitão Luis Carlos Migue; faixa nove do CD *Memória do Congado*, Uberlândia, 2003.

<sup>19</sup> Versos cantados pelo terno de Congo Santa Ifigênia, capitão José João; faixa dois do CD.

<sup>20</sup> Versos cantados pelo Moçambique Pena Branca, capitão Luis Carlos Migue; faixa nove do CD.



Nessas canções, percebem-se diversos elementos que nos revelam a fé, a religiosidade múltipla, as lutas, as reivindicações e os descontentamentos, e por isso o canto é também a história de negras(os) transformada, reinventada e pertinente aos dias de hoje, portanto, viva e carregada de ensinamentos e aprendizados.

Na análise das canções, percebo que a congada, a cultura afro-brasileira, é viva e dinâmica, diferente da ideia que nos é passada na escola e pelos meios de comunicação. Percebo a congada como uma postura de mulheres e homens diante do mundo, como maneira de ver e viver a vida. É também pela fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que essas pessoas se colocam no mundo.

Por outro lado, existe uma visão de mundo eurocêntrica que objetiva a supervalorização da cultura europeia e, para isso, desvaloriza e condena as culturas populares de diversas matrizes que fogem ao padrão de classificação europeu. Muitas vezes, temos contato com literaturas e opiniões que produzem uma “dopagem”<sup>21</sup> de nossas consciências, dentro e fora da academia, com relação à cultura negra e aos saberes populares. Essa “dopagem” constrói uma ideia, um senso comum de que as culturas populares de diversas matrizes, que não compõem os grandes cânones, são, em sua maioria, exóticas, folclóricas, distantes, estáticas, menores ou impróprias.

Transcrevo, na íntegra, o depoimento presente no livro *Vozes Quilombolas, uma Poética Brasileira*, de Jônatas Conceição da Silva, que trata desse conceito de “dopagem” das consciências e das referências negativas construídas em relação à cultura negra.

Construíram, no Brasil, livros sobre livros, a réplica da peste europeia que propalou a patologia do branco superior. Esse dejetos cai em cima da gente desde a infância, em suas formas mais sutis. Uma verdadeira dopagem da consciência de todos os brasileiros. Assim, a imagem de nós negros, na maior parte da literatura brasileira, está feita segundo os cânones racistas do século XIX, que negavam a nós as características essencialmente humanas (PANORAMA DA ARTE NEGRA EM SÃO PAULO, 1981 apud SILVA, 2006, p. 112).

É importante sabermos que as referências acadêmicas, com os grandes cânones, são forjadas sob o olhar e o juízo de valor de quem as cria e, em detrimento de algo, priorizam ou descartam povos, culturas e saberes. Até hoje, nossas referências históricas têm priorizado a Europa e uma cultura importada, que sutilmente nos é imposta, levando-nos à desvalorização de nossas tradições. Portanto, a reflexão crítica sobre isso vai delinear também os caminhos desta pesquisa.

---

<sup>21</sup> Este termo é citado por Jônatas Conceição da Silva, em *Vozes Quilombolas, uma Poética Brasileira* – 2006.

Busco, neste caminho, fugir dessa “dopagem” e, a partir de minhas experiências, que me ajudam na escolha de referências para dar subsídios à discussão aqui apresentada, tecer um pensamento coerente com minha prática, costurando meus diversos lugares: o de dançadeira, educadora, mediadora e pesquisadora.

A realização da pesquisa de monografia me abriu portas, olhares, ampliou visões, modificou pensamentos. Foi um momento de formação importante de minha visão de mundo, de escolhas, de posicionamento e de luta. Naquela época, ainda não definira muito para mim que pesquisa em educação é também uma forma de luta. Hoje sei que nossas escolhas dentro da academia podem contribuir para a transformação ou para a manutenção de modelos de educação.

Acredito que essa minha iniciação no estudo da congada contribuiu positivamente para minha transformação como dançadeira, educadora, mediadora e pesquisadora. Acredito também que o estudo feito contribuiu para que outra versão dessa história pudesse ser conhecida e registrada.

A partir das análises das canções, realizadas durante minha pesquisa de monografia, pude perceber a flexibilidade e a capacidade de adaptação da cultura popular, a maneira de as(os) congadeiras(os) se esconderem e se mostrarem e de colocarem-se no mundo para lutar contra o preconceito, a marginalização, a espoliação de sua cultura. Vi também as tensões, as diferenças, a festa como forma de ocupação de espaços da cidade, a história cantada, enfim, aprendi que “esta forma de ver o mundo, em sua pluralidade, tensionamentos, diferenças, não se trata de um espelho ou oposição ao modelo que se estabelece, mas é uma maneira de perceber como os olhares são múltiplos e complexos, cada um aliado ao seu contexto” (SILVA, 2005b, p. 76).

Por isso, estudos feitos sobre a cultura popular e sobre as práticas culturais de matriz africana nos permitem conhecer um pouco sobre a história de grupos e pessoas que, por meio das danças, dos cantos, de sua fé e de suas poesias, contam a história e mostram suas formas de se colocar neste mundo, que ainda privilegia a cultura letrada e branca.

Conhecendo as culturas populares, a partir de um olhar que não o pautado na “história oficial” e também eurocêntrico, para não correremos o risco de reproduzirmos a “dopagem” das consciências, é possível valorizarmos os diferentes saberes presentes nessas práticas, que podem nos auxiliar na transformação de nossas ações dentro e fora do espaço escolar.

Para a realização da pesquisa dentro do curso de História, busquei autoras(es) que dialogassem com o tema e dessem sustentação à discussão e à explanação teórica sobre o assunto. Estudos sobre a cultura popular estão presentes em grandes campos de investigação da antropologia, da história, da linguística e da educação, e, mesmo assim, ainda percebemos pouco reconhecimento e valorização da cultura popular dentro de alguns cursos e grupos de pesquisa.

Para este trabalho, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação, trago novamente aqui diálogos com alguns autores e autoras, do campo da história, que me ajudaram e ajudam a construir o pensamento sobre a prática cultural da congada e a contar a história dessa cultura tratada como marginal.

Entre as vertentes da história, busquei autoras(es) que falassem sobre oralidade, memória, cultura popular, além de histórias de pessoas comuns, não eleitas como grandes heróis ou heroínas, elencados pelos grandes cânones. Encontrei subsídios na História Cultural, que nasceu na França com a Escola dos Annales.

A Nova História Cultural se atenta para novas perspectivas e novos temas de estudo e análise dos fatos. Essa vertente inova as possibilidades de análise, proporcionando novos enfoques, levando o olhar para o novo, combatendo o privilégio dos grandes marcos, desprendendo-se da historiografia que enaltece somente a Europa.

Não podemos negar que ainda hoje o modelo eurocêntrico de entender a História guia, por muitas vezes, nossos olhares. Para a construção e o entendimento da História brasileira, é preciso que nos consideremos protagonistas desse processo de construção, considerando nossas histórias e nossas culturas. É importante que nos vejamos sem as lentes europeias que nos são impostas, as quais moldam nossos olhares para o entendimento da história voltada para o referencial dos grandes feitos, e esses, por sua vez, são quase sempre europeus.

Então, ao elegermos a congada como tema de pesquisa para compreender a história dos sujeitos que a constituem, bem como para identificarmos processos educativos presentes nessa manifestação, podemos encontrar em Dussel uma referência para pensarmos sobre a construção da história e da educação na América Latina.

De acordo com Dussel (s/d, p. 163):

Sobre a cultura popular e mestiça, latino-americana, pesa o juízo que o colonizador faz dos colonizados: decide que a preguiça é constitutiva da essência do colonizado [...]. [Mas] o colonizador acrescenta, para não se entregar à solicitude, que o colonizado é um ignorante perverso, de maus instintos, ladrão e um pouco sádico, legitima ao mesmo tempo sua polícia e sua justa severidade.

Quando o autor fala sobre o peso da opinião e do julgamento que o colonizador faz sobre a cultura popular, está apontando a visão de mundo que nos é imposta. Somos educadas(os) a partir do referencial do colonizador, que nos desqualifica e nos impõe, como características natas, a

preguiça e a perversidade. Mas essa situação pode e deve ser modificada pelo interesse e posicionamento de pesquisadoras(es) em investigar a história por outro viés, ou seja, os acontecimentos que não estão somente voltados para a construção de uma hegemonia e para o enaltecimento da imagem do dominador.

Tomando aqui como exemplo a congada, prática cultural pouco reconhecida e valorizada pela cultura dominante e pelo modelo de educação vigente e vista como exótica, podemos nos colocar em dois lugares: como professoras(es) latino-americanas(os), reprodutoras(es) de um modelo eurocêntrico de educação, e como latino-americanas(os) críticas(os), brasileiras(os), marginalizadas(os) e colonizadas(os).

É possível inverter o jogo e transformar a realidade a partir dos dois lugares, mas, quando ocupamos o lugar de educadoras(es)/pesquisadoras(es), a busca pela transformação é tarefa fundamental para a mudança desse paradigma; caso contrário, reproduziremos a “dopagem” das consciências e contribuiremos com o pensamento vigente, que desconstrói e desvaloriza nossa história e nossas culturas.

Para que possamos de fato conhecer as realidades de mulheres e homens marginalizados, é fundamental que ouçamos com atenção, sem menosprezar ou julgar essas pessoas que até então não tiveram a oportunidade de contar sua versão das histórias. As culturas de matriz africana, até hoje, estão à margem das histórias ensinadas nas escolas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa que atribuem também a glória aos dominadores.

A desvalorização do negro colonizado não se limitará apenas a esse racismo doutrinal, transparente, congelado em ideias, à primeira vista quase sem paixão. Além da teoria, existe a prática, pois o colonialista é um homem de ação, que tira partido da experiência. Vive-se o preconceito cotidianamente. Conjunto de condutas, de reflexos adquiridos desde a primeira infância e valorizado pela educação, o racismo colonial incorporou-se tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista (MUNANGA, 2009, p. 42).

De acordo com o autor e para enfatizar a importância do reconhecimento, do respeito e da valorização da cultura negra, devemos nos posicionar no sentido de sabermos qual é nossa ação em favor ou contra esse tipo de racismo e desvalorização dos saberes que não estão presentes na educação formal. Se esse tipo de conduta ainda é valorizada e fortalecida pela educação formal, temos um papel fundamental para modificarmos essas posturas.

Na cultura popular, há valores e expressões que não são reconhecidos pela escola; pelo

contrário, muitas vezes, são ridicularizados e tratados como folclore ou como exóticos. Há, na escola e em diversos outros espaços, a legitimação da cultura popular como menor ou menos importante, e essa legitimação ocorre por meio de ações que fortalecem o preconceito. Certa vez, uma professora entrou em contato comigo para pedir ajuda com o “evento” do dia 20 de novembro na escola. Disse que soube dos trabalhos do Girafulô<sup>22</sup> e perguntou se poderíamos ir até a escola para mostrarmos uma “dancinha” que representasse os negros. Também me pediu uma ajuda com o palco da festa, disse que precisavam montar um palco para as atividades e queria que fosse algo rústico, com características da África.

A partir da fala da professora, podemos perceber a infinita reprodução de datas comemorativas eventuais, como festa junina, mês do folclore, consciência negra, mas nenhuma preocupação em se aproximar de grupos e pessoas negras para que elas possam contar suas histórias, mostrar suas danças, dialogar com as crianças. Ações como essa, além de reforçarem o distanciamento das histórias africanas e da cultura popular com a escola, reproduzem o exotismo e fortalecem a imagem de uma África “rústica”, exótica e inventada.

Não podemos culpar a ação da professora nem condená-la como única culpada por continuar nesse exercício quase que sutil de desqualificar as culturas populares. É por esse modelo de educação que somos formadas(os), um modelo que ainda privilegia as referências europeias, brancas e dominantes, que ainda desvaloriza as culturas negras. Então, cabe a cada um(a) de nós, quase que individualmente ou dentro dos quilombos existentes por aí, como o Baiadô e a linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, buscar maneiras de “burlar” esse sistema educacional, correndo por fora, indo atrás e se colocando criticamente no processo de construção dessa transformação dentro da escola.

Estudar, conhecer, aproximar-se, relacionar-se com a cultura popular nos ensina, e, aprendendo sobre as diversas histórias e culturas que nos constituem como seres humanos, podemos potencializar ações de transformação dentro do ambiente escolar, com relação à desvalorização das culturas populares.

Aqui, nesse sentido, o posicionamento é de enfrentamento desse modelo de educação que fortalece o preconceito e não valoriza os saberes não escolares adquiridos no dançar, no ouvir a história de constituição da família, no aprender e ensinar de dentro de terreiros, grupos de dança, de capoeira.

De acordo com Meira (2007, p. 105):

---

<sup>22</sup> Grupo de Pesquisa e Prática em danças brasileiras, criado em 2006, coordenado por mim. O Girafulô é filho do Baiadô, considerando todas as características que implicam ser filho: dar continuidade aos aprendizados, ter referências e transformar de acordo com as experiências de vida.

esses valores, expressões, práticas e leituras de mundo, que caracterizam as culturas populares tradicionais, estão inculcados em grande parte da população brasileira. A democratização do acesso à escola, central no contexto atual da educação institucional, enfrenta o desafio de articular essas diferentes modalidades de educação, pois a escola se caracteriza de maneira diferenciada no que tange aos valores, expressões, práticas e leituras de mundo.

Esses valores e expressões que caracterizam as culturas tradicionais não são valorizados e reconhecidos dentro da escola, ganham um rótulo de exotismo que fortalece o preconceito e a desvalorização. A linguagem do colonizador, daquele que vem e invade, desapropria e não respeita, ainda é privilegiada, e as formas de se expressar pelo corpo, pela arte ainda são pautadas em modelos europeus. Essa linguagem do colonizador é também a linguagem da mídia, dos meios de comunicação de massa, da internet, enfim, essas também são linguagens de dominação e colonização.

Quando pode fugir do analfabetismo, o negro marginalizado ainda aprende a língua do colonizador, porque a língua materna, considerada inferior, não lhe permite interferir na vida social, nos guichês da administração, na burocracia, na magistratura, na tecnologia, etc. (DUSSEL, s/d).

É necessário fazermos um esforço, uma autorreflexão, para que haja compreensão, sem um pré-julgamento sobre as visões de mundo, sobre projetos de vida e as diversas maneiras de ser e estar no mundo de mulheres e homens que estão à margem e compõem as chamadas “classes subalternas”.

[...] nossa dificuldade de compreender o que os membros das classes subalternas estão nos dizendo está relacionada mais com nossa postura do que com questões técnicas, como, por exemplo, linguísticas. [...] parte da nossa compreensão do que está sendo dito decorre da nossa capacidade de entender quem está falando (VALLA, 1996, p. 178).

E continua: “[...] Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir das suas vivências” (VALLA, 1996, p. 179).

[...] é a necessidade de entender melhor as “falas e as alternativas de condição de vida”, que tem como seu ponto de partida a “leitura e representação de uma história, referenciada em sua experiência de vida e que oriente sua forma de estar no mundo (VALLA, 1996, p. 181).

Pode não parecer tão óbvio em uma primeira análise, mas, quando nos propomos a refletir criticamente acerca da educação no Brasil e na América Latina, sabemos que “o sistema educativo, que começa com a escolarização que é elitista, embora seja obrigatória e gratuita, culmina sua lógica dominadora nas universidades, a ciência e a tecnologia e, por último e extensivamente, com os meios de comunicação” (DUSSEL, s/d, p. 208).

A questão é que fomos formadas(os) por esse modelo de educação hegemônica e naturalizamos a dominação, incluindo a hegemonia da palavra e do raciocínio lógico. Neste ponto deve estar nossa reflexão crítica: fomos educadas(os) assim, temos consciência disso e, comprometidas(os) com um modelo de educação que valoriza os diversos saberes presentes nas práticas sociais, não podemos reproduzir esse modelo e contribuir para sua permanência.

É importante ressaltar aqui que não se trata de presumir que as práticas culturais populares, como a congada, devam estar dentro da escola. O fato é que, como educadoras e educadores, precisamos conhecer, respeitar e buscar o diálogo com os saberes não escolares para que eles sejam valorizados e conhecidos, a fim de que não continuemos a estereotipá-los e a folclorizá-los.

Então, nosso papel como educadoras(es) deve ser de comprometimento com a transformação, e nossas ações devem estar pautadas também na construção de um saber que lute contra a educação da desvalorização da cultura popular própria.

Essa “cultura popular própria” engloba aqui tanto a congada própria de homens e mulheres congadeiras e congadeiros que nasceram vivenciando essa prática cultural como também própria de nós brasileiras(os), educadoras(es) e pesquisadoras(es), que não aprendemos sobre a congada, sobre as rainhas negras, sobre a capoeira e nem sobre tantos outros aspectos da cultura popular na escola.

Por isso, colocamo-nos a investigar essas práticas como forma de conhecer nossas culturas e identidades e trazermos essa reflexão para os lugares da escola e da academia. É importante fazermos uma autorreflexão sobre nossas práticas docentes, para que, a partir da análise de nossas posturas, possamos agir para a transformação.

Essa transformação segue em busca de uma educação que valorize nossas práticas culturais, que reconheça os saberes de homens e mulheres que vivem como anônimos. Não é necessário negar ou desqualificar a cultura europeia, mesmo porque a América Latina, onde estamos inseridas(os), é um grande mosaico cultural, formado também por culturas de matrizes europeias. O que não podemos é negar nossa própria cultura, nossa diversidade, em favor de uma padronização cultural que nos é imposta.

Desse modo, percebemos que as grandes realidades populares são ignoradas, por isso, é imprescindível que estejamos dispostas(os) a nos conhecer como pertencentes a um mundo de

culturas diversas e não nos vemos como piores, preguiçosas(os) e incapazes, como os colonizadores insistem em nos qualificar.

É necessário que nos recriemos também nesse processo, com a sabedoria que temos e com aprendizados que trocamos. É importante nos voltarmos à tradição, buscar e reconhecer nela nossas histórias e as histórias de nossos antepassados, assim, possuiremos elementos que nos ajudarão a nos reconhecer, bem como reconhecer também como nos formamos, como nos educamos e quais são nossas heranças culturais.

Aqui, considerando nosso contexto latino-americano, colonizado, desqualificado e mestiço, também somos anônimas(os), somos “o mestiço latino-americano que de geração em geração vai criando uma cultura nova” (DUSSEL, s/d p. 161). Por meio de nossa função como pesquisadoras(es) e educadoras(es) de dentro da academia, também tomamos o outro lugar de produtoras(es) de conhecimento. Por isso necessitamos da reflexão acerca de nossa prática, de nossa escolha, de qual lado do samba estamos e de nosso comprometimento com um projeto de educação que busque de fato relações mais justas e que não reproduza o modelo de exploração e dominação.

Ao falar do lugar de latino-americana, incluo-me e ocupo também o lugar de anônima; falo de um lugar desprivilegiado, de um país com tantas desigualdades e injustiças. Ao falar de dentro da academia, ocupo um lugar privilegiado, que ainda é almejado por tantas pessoas, mas alcançado por poucas. E, ao falar do lugar de mediadora, posso cruzar esses lugares e somá-los, em busca de uma maneira de respeitar, valorizar e reconhecer os saberes da cultura popular.

Na medida em que, sendo latino-americana, desqualificada pela visão do colonizador, ocupo um lugar privilegiado na universidade, tenho condições de, por meio desta pesquisa, relacionar os universos popular e acadêmico, sem desprezar o primeiro em detrimento do segundo.

É nesse ponto que está nossa possibilidade de agir para a transformação do modelo de educação. Nós entramos na universidade por meio de concurso público, vestibular, seleção de mestrado, enfim, entramos pelo método convencional. Poucas congadeiras(os) têm, ainda hoje, a oportunidade de entrar na universidade para contarem suas histórias e mostrarem seus saberes. É nosso papel viabilizar, então, essa entrada por outras portas, como, por exemplo, por meio do diálogo com a pesquisa, por meio das interações culturais, dos convites para as rodas de conversa, porque temos muito a aprender com a cultura popular. A congada continuaria existindo sem esta pesquisa, já a pesquisa não se sustentaria se não tivéssemos a congada e as(os) colaboradoras(es) envolvidas(os) neste trabalho.

Ainda com relação aos estudos sobre a cultura popular, Carlo Ginzburg nos chama a atenção para a pertinência da investigação da história contada também pelos “anônimos”, que não são



citados nos marcos oficiais da História. Ele mostra a importância desses atores como agentes construtores da história de homens e mulheres.

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. “Quem construiu Tebas das sete portas?” – perguntava o leitor operário de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso (GINZBURG, 1987, p. 98).

A partir da Escola dos Annales, ampliaram-se as fontes documentais, incluindo literatura, diários, biografias, entre outras, que se somam aos documentos históricos, construindo perspectivas complexas e múltiplas, possibilitando, assim, visões diferenciadas no âmbito da pesquisa, tornando-a mais rica e, conseqüentemente, valorizando as ações dos homens e mulheres que, com suas contribuições, ajudam a construir a história.

Pode-se, ainda, valorizar a afirmação de Ginzburg (1987, p. 99):

Não estou interessado em etiquetas e rótulos. O que faço não pode ser considerado reduutivo porque não trato de uma história menor. O prefixo micro refere-se a uma dimensão analítica, não à pequenez do objeto estudado. Com um microscópio se pode ver até um elefante.<sup>23</sup>

Então, devemos reconhecer a importância de pesquisas que objetivam o conhecimento da história e cultura do Brasil e da América Latina, porque assim saímos da pura e simples rotulação e reprodução e partimos para a produção de conhecimento sobre nossas culturas e nossas histórias. Desse modo, podemos, além de reconhecer nossa história, colocar em cena grupos, conhecer e valorizar diferentes culturas, dar visibilidade a pessoas e tradições e promover reflexões acerca de nossas identidades que são tão múltiplas. Assim, vamos ganhando espaço dentro da academia e das escolas para conhecermos as histórias e os costumes de nossos antepassados, não como folclore, e sim como práticas culturais vivas, como é o caso da congada, da capoeira, do bumba meu boi, do coco e de diversas outros.

---

<sup>23</sup> Ginzburg (2003 apud PAULA, 2004, p. 123).

Desse modo, acredito que a postura que assumimos em nossos estudos e a maneira como nos propomos a conduzi-los têm a ver com nossa visão de mundo. A partir de nossas escolhas, podemos contribuir para transformar nossas realidades, construindo um conhecimento que ajude na busca por relações mais justas.

Portanto, esta pesquisa não busca “construir uma história revanche que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar a perspectiva e ressuscitar imagens esquecidas ou perdidas pelos historiadores” (KI-ZERBO, 1981, p. 23).

As maneiras de reconhecer e valorizar os saberes da cultura popular são diversas, e, como pesquisadora, não busco esse reconhecimento e a valorização como uma maneira de interiorizar o conhecimento popular na academia. Melhor dizendo, esse não é o objetivo da pesquisa, nem poderia ser, porque acredito que isso seja impossível e inviável. Não se trata de levar os conhecimentos populares para dentro da academia e encaixotá-los, formatá-los para serem compreendidos apenas a partir do olhar acadêmico ou para servirem como pílulas, em determinados momentos dentro da academia, como se costuma fazer nas datas comemorativas: vinte de novembro, festas juninas, mês do folclore, etc.

Também não é objetivo desta pesquisa fragmentar o conhecimento acadêmico e transpô-lo a outras realidades, como, por exemplo, impor a congadeiras e congadeiros que ponham sentindo em sua prática cultural, a partir das classificações acadêmicas, ou buscar o diálogo somente a partir do ponto de vista acadêmico.

Busco aqui trançar os universos popular e acadêmico. Os conhecimentos, tanto o popular quanto o acadêmico, fora de seus contextos, não têm grande valia. Mais à frente, darei um exemplo sobre isso, quando falarei sobre a análise compartilhada dos dados com as(os) colaboradoras(es) desta pesquisa.

É interesse aqui compreender essa outra história que não nos é contada na sala de aula ou nos livros didáticos. Com essa compreensão e determinação, podemos, por meio da pesquisa em educação, apontar caminhos, mostrar a existência de outros saberes, de outras histórias e transformar a visão de educação que não valoriza os saberes populares.

Um ideal de educação que valorize e reconheça as diferentes maneiras de aprender e ensinar, que considere o saber de experiência e respeite as histórias de vida de homens e mulheres ainda não faz parte do ideal das forças que pensam os modelos de educação vigentes.

Nunca pensou, contudo o Autor, ingenuamente, que a defesa e a prática de uma educação assim, que respeitasse no homem a sua ontológica vocação de ser sujeito, pudesse ser aceita

por aquelas forças cujo interesse básico estava na alienação do homem e da sociedade brasileira e na manutenção desta alienação (FREIRE, 1989, p. 36).

Por isso, em acordo com Paulo Freire, é importante dizer que a todo o momento, muitas vezes sem percebermos, somos educadas(os) por modelos imperiais que sutilmente nos impõem valores, costumes, crenças, posturas, desejos. Desse modo, como educadoras(es), precisamos buscar formas de refletir criticamente sobre essa realidade e transformá-la. E como poderemos transformá-la? Buscarei dar aqui algum apontamento, que não é uma resposta fechada e nenhuma receita de ação, mas penso que podemos transformar por meio da pesquisa, da disposição ao diálogo entre as diferentes formas de aprender e ensinar.

Para isso, devemos reconhecer o saber de experiência feito e respeitá-lo, o que compreende os saberes que trazemos conosco, aquilo que aprendemos por meio da experiência, do fazer e do viver. Aprendemos muitas coisas antes de chegar à escola. Antes de lermos teorias, já conhecemos muitas coisas a partir de nossa experiência.

No diálogo apresentado por Paulo Freire, em uma passagem do livro *Pedagogia da Esperança*, podemos observar um exercício de conhecimentos, em que cada um, a partir de seu contexto, fala sobre seus saberes: “o que é curva de nível?”; “o que é um verbo intransitivo?”; “o que é adubação verde?”; “o que significa epistemologia?”. Cada qual à sua “moda” pergunta, a partir de seu contexto: o contexto de trabalhadores que lidam com a terra, com adubo, com construção e o contexto do homem letrado, que lida com as letras e as faculdades.

Paulo Freire estabelece esse diálogo de maneira crítica e leva a todos, inclusive a ele mesmo, à reflexão sobre a realidade que está dada. Ao final desse diálogo, ele fala aos educandos: “Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto” (FREIRE, 2008a, p. 49).

Ninguém sabe tudo, e o saber acadêmico não é o único, nem o melhor, nem o maior. A cultura letrada, o pensamento cristão e eurocêntrico, as convenções do que é certo e do que é errado fazem com que joguemos fora nossos causos, nossas histórias, que condenamos como pecado nossa dança, que classifiquemos como loucos os poetas, que duvidemos ou não levemos a sério os aprendizados que acontecem por meio da interação entre o mundo visível e o invisível – este, por sinal, muito presente na congada e na relação com a umbanda.

Pra tudo o que surge no Marinheiro de São Benedito, primeiro nós fazemos uma reunião de

capitães pra ver se concordam. Nós não fazemos nada de cabeça, porque, se veio aquela intuição, aquele “enviamento” pra nós, aquela coisa bonita, então, por que não compartilhar com os outros? (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Por isso, por meio da pesquisa, também aprendemos a respeitar e a considerar as visões de mundo das(os) colaboradoras(es), pois, se busco saber sobre os processos educativos do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, devo respeitar e considerar que algumas maneiras de aprender e ensinar desses homens e mulheres estão pautadas também nessa interação entre o mundo visível e o invisível.

Ao analisar o samba, Muniz Sodré faz uma importante observação sobre essas ligações entre o mundo visível concreto e o invisível. De acordo com Sodré (1998), nas culturas tradicionais africanas, a música, assim como a dança, os objetos, as lendas e os mitos, é encarregada de fazer a ligação, promover a interação entre os homens e o mundo visível e o invisível.

Existem diversas maneiras e momentos nos quais aprendemos e ensinamos, e nossa experiência de vida nos ensina por meio do convívio e das trocas de saberes. Ao convivermos com grupos e pessoas, precisamos estar dispostas(os) a essas trocas, a essas interações de saberes. Durante a vida, temos momentos de aprendizados intensos em casa, com a família, com os amigos, na rua, enfim, aprendemos sempre. Valorizar e considerar esses saberes dentro da academia, a qual tende, na maioria das vezes, a desqualificá-los, é importante para que tenhamos consciência de nosso processo formador e não tenhamos apenas a referência do saber acadêmico como único e onipotente.

No livro *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire (2008a) nos traz algumas de suas vivências com os grupos populares e as trocas de experiências entre ele e camponeses, pedreiros, etc. Em uma passagem do livro, ele fala sobre o “aprendizado intenso” que teve com trabalhadores e que esses momentos o vacinaram contra a arrogância elitista.

Para dar continuidade ao pensamento de transformação da realidade no que se refere ao modelo de educação presente hoje no Brasil, é importante nos “vacinar” contra a “arrogância elitista” que permeia os espaços acadêmicos e, muitas vezes, permeia também nossas práticas cotidianas, sejam elas de dentro, sejam de fora da academia.

É necessário buscar a coerência em nossas ações, sabendo que os aprendizados e ensinamentos trocados fora da academia são imprescindíveis para nosso exercício de aprender e ensinar. De acordo com Freire (2008a), confirmar seus aprendizados com pescadores, camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e nos córregos do Recife, foi importante para não se tornar

arrogante e elitista.

Por isso, ao convivermos com pescadoras(es), pedreiras(os) ou congadeiras (os), aprendemos de pesca, construção de casas e congada bem mais do que na escola, pois trocamos ensinamentos e constatamos que existem outros saberes que não só os escolares e acadêmicos; estes últimos, por vezes, formam-nos com certa arrogância elitista.

Como disse Manoel Barros (2007, p. 33): “Um passarinho pediu a meu irmão para ser uma árvore, meu irmão aceitou de ser a árvore do passarinho. No estágio de ser essa árvore meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola”.

A partir das reflexões sobre os processos educativos presentes na prática social da congada, aliadas aos estudos dos referenciais teóricos da linha de pesquisa, por meio de minha experiência de convívio com congadeiras(os) e de minhas inserções em campo, descreverei alguns processos educativos envolvidos na construção dos saberes entre congadeiras(os). A partir dessa descrição, apontarei aqui como ocorrem esses processos educativos presentes no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito.

#### 4 Viva Nossa Senhora do Rosário e São Benedito! A congada como prática social

Enquanto os leões não tiverem seus contadores de histórias, as histórias das caçadas glorificarão os caçadores (provérbio yorubano).

Viva a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito! É em razão da fé nesses santos católicos que homens e mulheres vivem a congada em Uberlândia. Saudar os donos da festa neste momento é um chamado a conhecer essa prática social de matriz africana que envolve milhares de pessoas e faz parte do cenário cultural de Minas Gerais e de outros estados do Brasil.



Terno de Congado Marinho de São Benedito aguardando o momento de passar na porta da igreja. Foto: Eurípedes Luciano

Neste capítulo, apontarei algumas discussões realizadas em aula, na disciplina de Práticas Sociais e Processos Educativos<sup>24</sup>, bem como reflexões fundamentadas nos autores que construíram o corpo teórico dessa disciplina.

Destaco aqui a importância que os momentos de conversa propiciados pelos encontros nas aulas de Práticas Sociais e Processos Educativos tiveram na construção desta pesquisa. Em variados momentos, pude trocar experiências com as professoras, o professor e colegas sobre os processos

<sup>24</sup> Essa disciplina foi ministrada no primeiro e no segundo semestre de 2009. Os encontros contavam sempre com a presença do professor Luiz Gonçalves Júnior e das professoras Aida Victoria Garcia Montrone, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Stella Araújo Oliveira, Ilza Zenker Leme Joly, Elenice Maria Cammarosano Onofre e Maria Waldenez de Oliveira. Todas essas professoras, bem como o professor, compõem o grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

educativos que nos formam. Também pude juntar pensamentos, descobrir autores e autoras que compartilham conosco as formas de ver o mundo. Foi também a partir dessa experiência de diálogos intensos nessa disciplina que construí meu pensamento neste estudo.

Para mim, o grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos se configura como um movimento de resistência dentro da academia, buscando diferentes olhares sobre as práticas educativas, inclusive dentro da academia.

As maneiras que escolhemos de fazer pesquisas podem ser as mais diversas, desde a abordagem dos temas, as proposições metodológicas, as linhas de pensamento, enfim, pensamos que a pesquisa em educação, especificamente a pesquisa que se compromete a estudar práticas sociais e os processos educativos que as formam, sofre grandes desafios, os quais surgem tanto no decorrer da pesquisa com pessoas, grupos e comunidades como dentro da academia.

Dentro da universidade, temos de seguir prazos, suportar pressões e justificar, a todo o momento, aos cânones da excelência acadêmica, que nossos estudos são relevantes. Porém é neste ambiente acadêmico que nós pesquisadoras(es) buscamos os meios para a transformação de nossas realidades.

Essa forma de conviver e trabalhar sofre desafios e pressões do universo acadêmico e científico que se quer monolítico, hierárquico e de modo prepotente se julga o mais excelente dos meios de produção de conhecimentos, embora nele se encontrem linhas de ação como as que estamos explicitando (OLIVEIRA et al., 2009, p. 07).

Podemos dizer que, em diferentes vivências e diferentes práticas sociais, ocorrem processos educativos inerentes às maneiras de educar e educar-se nas relações que se estabelecem em diferentes comunidades de trabalho. Os processos de educar e se educar acontecem não somente no ambiente escolar, pois educamo-nos em práticas distintas em nosso cotidiano, como nas festas, nos rituais, nos plantios, nas lutas pela terra, nas práticas de lazer, entre outras. Por isso podemos dizer que “na festa, nas apresentações, nos rituais e nas comemorações estão presentes os aspectos de ensino e aprendizagem. Estabelecem-se, assim, relações e práticas, não há um único canal de aprendizagem nem um único aspecto específico a ser aprendido” (MEIRA, 2007, p. 115).



*A esquerda Maria Clara beijando a fita no altar montado no quartel do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito; a direita criança se preparando para sair em campanha com o terno. Foto: Eurípedes Luciano*

Desse modo, as práticas sociais “decorrem das interações entre os sujeitos e dos sujeitos e o ambiente em que vivem” (OLIVEIRA et al., 2009, p. 04), o que nos mostra outras formas de educar-se e educar em grupos de trabalho.

As práticas sociais repassam conhecimentos, valores, tradições, propõem e executam transformações na estrutura social, garantem direitos sociais e culturais. Por isso, a interação entre os sujeitos é importante e imprescindível no que tange ao aprender e ensinar.

Ao pesquisarmos grupos e comunidades, aprendemos também no convívio com essas pessoas, pois sabemos que existem diversas maneiras de aprender, ensinar e educar ou educar-se no mundo.

As práticas sociais tanto podem fortificar (enraizar) como desenraizar ou levar a criar novas raízes (transformações). Por exemplo, a escravidão do povo africano provocou desenraizamento, exigiu a criação de novas raízes, e isso só foi possível pelos valores de refúgio advindos das tradições africanas. Desse modo, as práticas sociais se constituem nas ações de grupos e comunidades que visam à transformação da realidade, mas também podem se constituir como mantenedoras das desigualdades e iniquidades existentes em nossa realidade (OLIVEIRA et al., 2009, p. 09).

A prática social, é ela própria um lugar de experiências, onde estas se entrecortam, são construídas e desconstruídas. Estando, pesquisador/a e pessoas envolvidas naquela prática, postos como sujeitos de experiência, de conhecimento, de histórias, de conviver é viver, um viver que transita entre mundos e significados diferentes. Significações que se cruzam e se complementam. A experiência, nas práticas sociais, inclusive na de pesquisar, é uma tessitura de significados que não é tecida sozinha (OLIVEIRA et al., 2009, p. 20).



Considerando as práticas sociais como capazes de repassar conhecimentos, valores, tradições, bem como de propor e executar transformações na estrutura social, garantir direitos sociais e culturais, é perceptível que o grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos preza pela formação de pesquisadoras(es) como sujeitos que trabalham juntos e por isso se humanizam e se afirmam como cidadãos e cidadãs.

Em todas as práticas sociais existem processos educativos, ressaltando a ideia de que nos educamos sempre em nossas relações cotidianas. De acordo com Paulo Freire (2008a, p. 78), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Essas reflexões nos permitem compreender, dentro da prática social na qual nos inserimos – nesse caso, a congada –, que devemos estar dispostas(os) ao diálogo e às trocas de conhecimento. Devemos nos expor às experiências que vivenciaremos ali, buscando a compreensão daquela prática social e construindo coletivamente o vínculo para a realização do trabalho de pesquisa. Para isso, devemos estar atentas(os) para a questão de que nosso saber acadêmico não é o melhor e tampouco o único saber que deve ser seguido e valorizado. É importante considerar e respeitar o saber de experiência dos sujeitos colaboradores de nossa pesquisa, aprendendo e interagindo de forma a experimentar a convivência e as relações que são estabelecidas.

Ao nos propormos a realizar uma pesquisa qualitativa na qual as(os) colaboradoras(es) de nossos estudos trabalhem junta(os), devemos estar expostos aos novos conhecimentos e aos enfrentamentos que tal postura nos apresentará.

O saber de experiência é único, bem como a experiência também é única e singular, e esse saber de experiência deve ser respeitado, considerado e reconhecido, já que nos propomos a construir um conhecimento em que não seguimos as nomeações dos grandes marcos, e sim buscamos construir nossa história e nos reconhecemos como protagonistas dessa construção.

Desse modo, as reflexões de Larrosa Bondía (2002, p. 27) sobre o saber de experiência muito nos ajudam em nosso trabalho de viver experiências para compreender:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer

alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.

O saber de experiência, feito aquele que adquirimos por meio de nossa vivência e experiência, é também um ponto fundamental nas questões apontadas por Freire (2008). Se às classes populares, assim como coloca Freire (2008a), falta uma compreensão mais crítica do funcionamento da sociedade, cabe ao educador e à educadora progressista a busca pela construção do conhecimento crítico com os educandos e as educandas para que conheçamos as manhas articuladas como forma de resistência e como forma de vida, de ver e viver o mundo.

Precisamos buscar compreender como acontecem os conflitos sociais, transformando a fraqueza em força para a luta, visando à transformação e à compreensão dessas relações de força e poder. Como educadoras(es), não podemos nos omitir e nos ausentar das tarefas que nos cabem; assumimos papéis, de pesquisadores e pesquisadoras, que nos conferem condições para agirmos criticamente na construção de conhecimentos para a busca das transformações.

Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. Esta é uma esperança que nos move (FREIRE, 2008a, p. 126).

Nessa inserção, nosso papel não é nos “desenraizar”, nem a nós nem ao outro, mas permitir que haja troca com base no respeito que deve haver pelo outro como sujeito, assim como o somos.

Desse modo, ao escolhermos esse caminho de estudos e pesquisa, precisamos, nós pesquisadoras(es), como sujeitos em formação e de transformação, ter consciência da realidade em que vivemos. É preciso que nos percebamos como participantes ativos e críticos na construção contínua dos processos que constroem nossa realidade e formam nossa vida e nosso mundo. Para isso, podemos e devemos lutar para as transformações, reconhecendo-nos como capazes de transformar a realidade.

Para que seja possível essa transformação, é fundamental que conheçamos nossas histórias como latino-americanas(os) e, assim, possamos atuar nas transformações que acreditamos serem mais justas para com o mundo.

A compreensão de si mesmo, a percepção dos outros, na América Latina, requer olhar para a diversidade situando contextos e espaços. Produzir conhecimento na perspectiva da América Latina exige nos libertarmos de referências dogmáticas, construídas a partir de experiências alheias aos nossos valores e culturas. A sobrevivência de nossas culturas, modos de ser e viver evidenciam nossa humanidade, contrariamente ao que apregoaram os colonizadores que nos “inventaram” sem alma, inteligência, valores (OLIVEIRA et al., 2009, p. 04).

Devemos buscar a coerência em nossas ações, para que estejamos alertas e prontos para o exercício pleno da cidadania. Sabemos que a cidadania não chega por acaso, é uma construção que demanda comprometimento, posicionamento, clareza e decisão. Por isso, nossas escolhas dentro da academia devem transpor os muros e propor o diálogo com a comunidade, para que a construção do conhecimento seja de fato uma ação que considere e valorize os saberes de nossas colaboradoras e nossos colaboradores.

O que exige eticamente de educadores e educadoras progressistas é que, coerentes com seu sonho democrático, respeitem os educandos e jamais, por isso mesmo, os manipulem. Daí a vigilância com que devem atuar, com que devem viver intensamente sua prática educativa; daí seus olhos devendo estar sempre abertos, seus ouvidos, também, seu corpo inteiro aberto às armadilhas de que o chamado “currículo oculto” anda cheio (FREIRE, 2008a, p. 80).

O exercício de coerência que busco aqui não é fazer apenas uma descrição do que seja a prática social da congada, e sim tecer um olhar crítico, entrelaçando o universo acadêmico e popular, mostrando meus diferentes lugares e as possibilidades que temos de atuar por intermédio da educação. Essa coerência está no exercício de entender os processos educativos por meio da dança, das observações, das conversas e dos versos, estabelecendo um diálogo com olhos e ouvidos abertos e, a partir dessas trocas de experiências, tentando alcançar mudanças em minha prática educativa, reconhecendo e valorizando as diversas maneiras de ensinar, aprender e compreender o mundo.

Nossa prática educativa enfrenta limites. Para isso é necessário nos conhecermos e definirmos nosso projeto, o que queremos e o que buscamos com nossas ações.

De acordo com Freire (2007, p. 48):

a compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu projeto. Demanda que o educador assuma a

politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político, assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação.

Com relação ao conhecimento e à valorização das culturas populares dentro da escola e mesmo dentro da academia, ainda enfrentamos limites, os quais estão relacionados ao preconceito, à falta de espaço para uma reflexão sobre a relação dos saberes populares com a educação formal e à dificuldade em aceitar outras maneiras de aprender e ensinar.

As escolas funcionam e são organizadas a partir de um plano pedagógico ao qual estão submetidas e que devem, a qualquer preço, seguir. Nesse plano pedagógico, as culturas populares entram mais uma vez como evento isolado.

De acordo com Meira (2007, p. 107), ao falar sobre os aspectos populares de educação:

as práticas populares são realizadas por pessoas que não dispõem de tempo livre, nos moldes do período pré-moderno. Atualmente, as classes trabalhadoras se organizam e dedicam seu tempo e outros recursos a essas práticas culturais e sua dinâmica de manutenção e atualização. O tempo livre que levou as elites a se organizar em escolas não é fundamental para esse grupo de trabalhadores, jovens e crianças que reinventam seu tempo fazendo dele sua dança e sua cultura.

Não basta rompermos as fronteiras sozinhos, em busca de uma melhora solitária, é preciso que sigamos juntos para nos conhecermos, bem como aos outros. Buscar nos conhecer e analisar criticamente o projeto de educação vigente permitir-nos-á compreender a realidade na qual vivemos e a qual pretendemos transformar, ou não, com nossa prática educativa (MONTRONE; REYS, 2005).

Seguindo as palavras e os caminhos de Paulo Freire, devemos tecer essa caminhada do conhecimento com respeito, comprometimento, humildade e solidariedade. “O homem não pode libertar-se se ele mesmo não protagoniza sua história, se não toma sua existência em suas mãos. A isso conduz a dinâmica da conscientização” (FIORI, 1986, p. 08).

Na minha escola, ninguém pergunta, mas eu falo! Eu não estou nem aí se eles não querem saber; eu quero falar... Eu falo mesmo, porque, se ninguém souber um pouco da cultura, como esse mundo vai pra frente? Porque é baseado na festa do congado, na paz, na alegria da festa que a gente evolui (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).

A conscientização para a qual Fiori nos chama a atenção está relacionada com a práxis que nos coloca em relação com o outro, e essa práxis deve ser o espaço gerador de conhecimento da realidade, a que nos dedicamos continuamente. Por meio dessa conscientização-educação com a qual devemos estar comprometidas(os), devemos buscar a plenitude da condição humana.

Na escola da Lethicya ninguém pergunta, mas ela fala, coloca-se, mostra-se, faz-se conhecer por meio de sua cultura. Entendo isso também como “tomar a sua existência em suas mãos” (FIORI, 1986, p. 08).

Considerando a congada como uma prática social constituída por mulheres e homens, negros e negras, além de crianças que se formam e se educam também por meio das relações que são estabelecidas dentro dessa prática social, é válido mencionar:

A forma humana vai se definindo historicamente, no movimento de constituição da consciência como existência, tal como procuramos esboçar nos pontos relativos à conscientização. O sentido de movimento é uno, ainda que o movimento mesmo não seja uniforme. A forma humana se recria em diferentes formas de vida na concretização histórica, a cultura se refaz e se reassume na diversidade das culturas (FIORI, 1986, p. 07).

Então, a ação e o trabalho do(a) educador(ra) pesquisador(a) devem estar pautados em tais premissas, as quais reconhecem os sujeitos como protagonistas de suas práticas culturais e, como tais, sujeitos que constroem a história e são construídos por ela, como disse Fiori (1986, p. 08): “a forma humana vai se definindo historicamente”. Então, todos nós somos seres de transformação, assim como as práticas culturais, com maior ou menor consciência, resistência e autoestima. Portanto, o papel do educador comprometido com a transformação deve estar pautado também na construção de um saber que lute contra a educação da desvalorização da cultura popular própria.

Novamente voltamos a pensar sobre nossa postura, buscando coerência dentro e fora da academia. É importante que a todo o momento saibamos que o conhecimento acadêmico não é único nem melhor e que, como seres atuantes na pesquisa, lutemos para que a leitura dos acadêmicos não seja imposta às classes populares.

É necessário que, comprometidos com nosso papel, atuemos criticamente e juntos, por meio do diálogo, da ação e da reflexão em busca de uma educação libertadora, para que nos tornemos homens e mulheres indagadores(as) e curiosos(as) e nos reconheçamos como participantes de um processo que está em construção. O mundo está sendo modificado e, como seres de transformação, podemos e devemos atuar para que, por meio da prática educativa, possamos ter uma práxis transformadora.

Não trabalhamos *para*, e sim *com*. Para isso é necessário que busquemos ser coerentes, de forma a entender as manhas, os jogos necessários e escolhidos como estratégia de sobrevivência cultural dos marginalizados e as relações de força presentes nas práticas sociais que nos propomos a investigar.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas (FREIRE, 1989 p. 43).

O meio acadêmico luta, muitas vezes, contra essa forma de pensar e agir em prol de uma excelência acadêmica imposta a cada dia, assim como as visões de mundo, os valores, os desejos, os quais nos impuseram durante tantos séculos. É também por meio da produção de conhecimento que se processa nossa luta para nos reconhecermos como sujeitos protagonistas de nossas histórias.

Buscamos, assim, estabelecer o diálogo, fortalecendo-nos e lutando para que possamos garantir a nós e aos outros relações mais justas, como seres condicionados que somos, mas não determinados por essa realidade.

Não há como desconsiderar que a dominação colonial impôs um sistema de educação que negava, aos colonizados, conhecimentos úteis sobre si mesmos e seu mundo, ao mesmo tempo em que buscava consolidar uma mentalidade escrava. Era-lhes ensinado que não tinham história, que sua história começava com a chegada do europeu, com a missão de civilizá-los, afirma Mzamane (1990, p. 368) ao referir-se à situação dos negros durante o regime do *apartheid* na África do Sul, que não difere da vivida por outros africanos e também pelos afro-descendentes na diáspora (SILVA, 2005a, p. 33).

É importante que saibamos onde estamos inseridas(os), como se processam as relações hierárquicas de dominação e como são justificadas, para que tenhamos um pensamento crítico acerca da realidade e possamos questionar sempre, sem nos tornarmos meros “depositários” ou “vasilhas” (FREIRE, 1996, p. 46) para determinados valores.

De acordo com Florestan Fernandes (1972, p. 14):

Qual seria a “chance” dos povos indígenas ou africanos compartilhar as experiências históricas dos *colonizadores* e dos seus descendentes? O Brasil que resultou da longa elaboração da sociedade colonial não é um produto nem da atividade isolada nem da vontade exclusiva do branco privilegiado e dominante. O fato, porém, é que a sociedade colonial foi montada para esse branco. A nossa história é uma história do branco privilegiado para o branco privilegiado.

Por isso, faz-se necessário nos recriarmos também nesse processo, com a sabedoria que temos, com aprendizados que trocamos. Então, é necessário que voltemos à tradição e reconhecamos nela nossas histórias, nossos antepassados e possamos saber que somos seres de transformação. As realidades populares são ignoradas em todos os seus aspectos, portanto, é imprescindível que estejamos dispostas(os) a nos conhecermos e reconhecermos como latino-americanas(os) pertencentes a um mundo, a culturas diversas, e não piores, como os colonizadores nos impuseram e hoje a escola, a academia e os meios de comunicação nos impõem.

Acredito que nossas ações devem ser pautadas em um modelo de educação libertadora, para rompermos com o modelo de dominação e exploração; e para isso devemos, a partir da ação e reflexão, buscar uma prática dialógica na qual aprendamos e ensinemos por meio do diálogo, da convivência, da valorização, do respeito e do reconhecimento de saberes que, por vezes, não fazem parte de nossas práticas acadêmicas. Por isso, é importante que valorizemos e promovamos o diálogo.

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existencia e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historização (FREIRE, 1987, p. 16).

A congada é uma prática social que estrutura a vida de uma comunidade em torno da fé cantada e dançada. Por meio da fé, acontecem os diálogos e as inserções dessa comunidade negra na história da cidade. Toda essa fé é construída e estruturada por meio da convivência uns com os outros, principalmente com a dança e a música, nas quais congadeiras e congadeiros expressam suas formas de ser e estar no mundo.

Dançar a congada com a fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é demonstrar a tradição por meio do corpo.

Passa o corpo a falar e salvaguardar a memória do grupo por meio de modulações gestuais referidas às formas de vida no tempo e no espaço de origem. Passa o corpo a constituir o saber da comunidade e a perfazer-se como arquivo e como arma, fortalecendo uma sabedoria corporal (TAVARES, 1997, p. 217).

Assim, compreender os processos educativos presentes nessa prática social passa também por conviver, compreender e entender a dança, o toque, a música, enfim, os elementos que compõem essa manifestação cultural. Por meio dela, podemos também aprender um pouco sobre os modos de vida dos negros e das negras que fazem parte dessa louvação.



A esquerda, conversa de capitães: Elias e José Pedro; a direita, conversa de madrinhas: Selma e sua irmã Cidica.  
Fotos: Eurípedes Luciano





A esquerda, o Capitão Moisés ou Xuxa como é conhecido, irmão de Selma e uma das lideranças do Terno; a direita o Capitão Luizão, irmão mais velho de Selma, liderança importante do grupo foi Luizão quem pediu a Bandeira do Marinheiro e deu continuidade ao Terno dentro de sua família. Fotos: Eurípedes Luciano

## 5 Trançando fitas: cultura e cultura popular

Sabe-se que os homens criativamente repensam seus esquemas convencionais. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação. Poderíamos até falar de transformação estrutural, pois a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre as categorias culturais, havendo assim uma “mudança sistêmica” (SAHLINS, 2003, p. 08).

A dança do trança fitas, característica marcante do Marinheiro de São Benedito, é um dos belos momentos que podemos ver na congada. Por meio de uma coreografia complexa, envolvendo diversas congadeiras(os), o Marinheiro de São Benedito apresenta, no trançar das fitas, o “balanço do mar”. De acordo com Selma, a madrinha do Terno, é uma dança que requer muita concentração e assiduidade nos ensaios, se não é perigoso errar.

Mas a nossa dança de fitas aqui é uma invenção, uma intuição que veio na cabeça. O meu irmão, ele estudou, bolou, ensaiou, deu certo. É onde nós temos a trança de fitas de homens por dentro e mulheres por fora; mulher por dentro e homem por fora... É por isso que tem que ter ensaio, ensaio, ensaio... E para dançar a trança de fitas tem que saber o apito, marcar o apito. A pessoa precisa estar concentrada naquilo ali que ela está fazendo; se ela estiver concentrada, ela não vai errar (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).



Dança das Fitas, em frente a Igreja do Rosário. Foto: Eurípedes Luciano



Dança das Fitas. Foto: Eurípedes Luciano

Neste capítulo, convido a leitora e o leitor a trançarem as fitas sobre cultura e cultura popular. Nesse trançar, abordaremos a relação entre cultura e história, sabendo que “a forma humana não pré-existe à história como uma idéia eterna que esta reflete e deforma” (FIORI, 1986, p. 07). A cultura se altera historicamente, e a história, por meio da ação humana, também se altera culturalmente.

É importante lembrar que a cultura e a história são frutos da ação de mulheres e homens e que:

os atores são participantes das relações sociais, étnico raciais, econômicas, culturais, políticas e históricas, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e lugar, lutando pela sua existência. Não são, portanto, essas pessoas, meros receptáculos das situações que ocorrem na sociedade na qual vivem (OLIVEIRA et al., 2009, p. 06).

Para tecer as teias que constituirão este capítulo, reportar-nos-emos primeiramente ao conceito de cultura apresentado por Geertz, que a define justamente como “uma rede de significados que os homens elaboram socialmente” (GEERTZ, 1973, p. 15).

Nessa rede de significados que constitui a congada em Uberlândia, podemos perceber a diversidade de cores, sons, músicas que compõem esse ritual no qual os ternos cantam e dançam em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. Essas diferenças fazem com que, em um ambiente comum a esses dançadores devotos, cada Terno leve para a rua suas características



particulares.

Além de ter as regras na irmandade, cada Terno tem as suas regras, tem o seu regulamento, além da irmandade. O marinheiro aqui tem a hierarquia do marinheiro, que é seguida aqui mesmo, que já é a tradição... (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Cada Terno apresenta suas características e regras específicas que compõem a tradição na diversidade. As cores, as bandeiras, os estandartes, o ritmo, as músicas, os adereços, as capas, os bastões e o nome os diferenciam dentro de uma mesma nação. A afirmação que cantadoras(es) trazem nos versos, de pertencerem a determinado Terno, é carregada de um sentimento de fidelidade, certeza e construção de identidade: “nas ondas do mar eu vim, nas ondas do mar eu virei/cheguei na Igreja do Rosário, marinheiro pra sempre eu serei<sup>25</sup>”.



Capitão Elias cantando para a passagem do Marinheiro na porta da igreja. Foto: Eurípedes Luciano

<sup>25</sup> Música composta pelo capitão Elias Silva, durante a caminhada até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Segundo Elias, ele nunca havia feito música; foi a primeira vez. Ele chorou, emocionado, ao cantá-la na porta da igreja.

Mas é possível observar também a transitoriedade de congadeiras(os) pelos ternos que compõem a congada na cidade, ou seja, participar, em diferentes momentos, de diversos ternos não desqualifica ou diminui a afirmação da identidade congadeira.

Por exemplo, José Pedro começou dançando congo no Terno de Sainha e hoje é capitão do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e, se necessário for, desloca-se para outro Terno para ajudar a estruturá-lo e depois volta para o Marinheiro.

Então o marinheiro tem esta tradição, tem essa raiz. Estamos aí. As minhas histórias são assim idas e vindas, salva um, salva o outro... (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Essa transitoriedade permite mudar de Terno e demonstrar a mesma fidelidade ao Terno do qual participa naquele momento. Ariel conta que conheceu Luizão, capitão do Marinheiro de São Benedito, um dos fundadores do Terno, junto com dona Gessy, Selma e suas outras irmãs, no Congo Branco.

Depois Luizão fundou o Terno de Congado Beira Mar, que se apresenta em maio na Igreja de São Benedito. A presença de Luizão em diferentes grupos, como no Congo Branco, no Marinheiro de São Benedito e no Beira Mar, não impede que ele demonstre sua fidelidade a todos eles.

Quando eu entrei no congo lá, eu não sabia. Eu aprendi com o Luiz, que fundou aqui o Marinheiro. Nesse ano ele estava ajudando o Congo Branco do Osmarão, e eu conheci ele lá. Ele me ensinou os apitos, me ensinou a tocar, me ensinou a pular com a caixa [...] (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

Fazer parte de um Terno significa ser pertencente ao movimento da congada, e isso faz com que homens e mulheres cantem e afirmem sua identidade congadeira. A multiplicidade do universo congadeiro passa pela afirmação de identidade dentro dos ternos, pela religiosidade complexa, que, ao mesmo tempo, homenageia os santos católicos e os orixás, e pela apropriação de expressões da indústria cultural, as quais envolvem músicas, enfeites, óculos, etc. Durante a festa, é possível ouvir refrões como: “não é mole não, Rosário Santo<sup>26</sup>, é sucesso no povão” e ver adereços de bandas

<sup>26</sup> Rosário Santo é um Terno fundado em 2004, composto, em sua maioria, por jovens de diversas localidades e grupos da

como Restart<sup>27</sup> compondo as fardas dos congadeiros.



Ariel segurando o repilique, instrumento tocado por ele no Marinheiro, ao lado direito seu pai Sérgio e seu primo integrante da Banda G7 e do lado esquerdo outro componente do terno.

Foto: Eurípedes Luciano

Aqui, para a compreensão de cultura e cultura popular, fundamentar-nos-emos nesse trançar de universos, nesse transitar que modifica, transforma e ensina. As percepções tanto sobre cultura quanto sobre congada são múltiplas, e é nessa multiplicidade que seguiremos por esses nossos caminhos.

Segundo Stuart Hall (2003), o que vem ocorrendo com relação às transformações dos processos culturais é a rápida destruição de estilos de vida e a transformação em algo novo, levando a apropriações e expropriações de valores diferenciados. Nesse âmbito, a cultura popular se transforma, ressignifica, apropria, expropria, incorpora, para se manter viva no contexto no qual está inserida. É preciso pensar a cultura popular em sua dinamicidade, e não interpretá-la como algo estático, em um tradicionalismo que acaba sendo interpretado como conservador, anacrônico e retrógrado.

---

cidade, como pessoas do *hip-hop* e de outros ternos de congada.

<sup>27</sup> Restart é uma banda de *emocore* criada em São Paulo, Brasil, em agosto de 2008. Entre suas principais características, consta o visual colorido, com diversos adereços, como grandes óculos, pulseiras, etc.

[...] as transformações situam-se no centro do estudo da cultura popular. Quero dizer com isso o trabalho ativo sobre as tradições e atividades existentes e sua reconfiguração para que estas possam sair diferentes. Elas parecem persistirem; contudo de um período a outro, acabam mantendo diferentes relações com as formas de vida dos trabalhadores e com as definições que estes conferem às relações estabelecidas uns com os outros, com seus outros e com suas próprias condições de vida. A transformação é a chave de um longo processo de moralização das classes trabalhadoras, de desmoralização dos pobres e de reeducação do povo (HALL, 2003, p. 248).

A prática social da congada se constitui como uma rede de símbolos, significados, relações, formas e sensações que se entrelaçam para manter e transformar o fazer cultural que estrutura a vida das pessoas, o que as faz existir. Cabe, então, a nós a compreensão e interpretação dessa prática cultural, respeitando, ouvindo, vendo e percebendo a diversidade presente na congada de Uberlândia.

De acordo com Bosi (1994, p. 319), cultura é “um conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social”. Apontar aqui caminhos para o entendimento sobre o conceito de cultura e cultura popular não significa desconsiderar outras diversas formas de se compreender esses universos. Fazemos isso no sentido de guiar a leitora e o leitor para que os caminhos deste texto possam nos levar às reflexões acerca dos processos educativos presentes na congada.

Aqui a definição de cultura popular que nos interessa para uma educação transformadora e para a análise de uma cultura urbana e contemporânea, como a congada de Uberlândia, está em Hall (2003, p. 248), quando diz que “a cultura popular não é, num sentido puro, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas”.

Desse modo, não podemos, a partir de nosso saber acadêmico, colocar-nos na função simples, rasa e desrespeitosa de buscar provar leis forjadas à luz desse conhecimento elitizado. É importante olharmos para o terreno em que ocorrem as transformações sociais e buscar compreendê-las em seu contexto. Digo isso porque os conceitos com os quais trabalhamos para estruturar as pesquisas realizadas dentro das universidades são elaborados e pensados sob o viés acadêmico, alheios à realidade das congadeiras e dos congadeiros.

Então, tentar compreender a história da congada requer cuidado para não buscarmos enquadrá-la em caixas e conceitos preconcebidos. Para isso buscaremos, nas falas das(dos) colaboradoras(es), as definições que elas próprias dão à congada, como manifestação da cultura popular local.

Eu e meu pai, a gente que confecciona nosso chapéu. Não é só mulher que borda, não. Cada um tem seu jeito particular de colocar seus enfeites, mas nunca sai do padrão, né? Tem um padrão, né? Então, no chapéu a gente pode colocar fita, pode colocar cordão de São Francisco, lantejola, o máximo que a gente puder aperfeiçoar pra ficar bonito a gente vai fazer. Cada um borda o seu.

Aqui dentro do Congo Marinheiro tem gente que faz chapéu. A Tiana faz as faixas, porque tem faixas que são aquelas que amarram. As da Tiana já é só pregar, aí vai modernizando e aqui mesmo a gente faz... (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

Modernizar, transformar, recriar, aperfeiçoar, incrementar faz parte dos processos de transformação das culturas populares. Além de modernizar o chapéu, modernizam-se também as fardas, as músicas, e todas essas transformações são feitas ali dentro do quartel, dentro do Terno, pelas pessoas que o compõe.

As transformações vão além dos adereços, e as músicas perpassam também pela forma de compreender e ressignificar a tradição. Contam que antigamente, para carregar a bandeira do Terno, era preciso ser uma menina virgem. Hoje, pouquíssimos grupos mantêm essa determinação. Outro exemplo é a preparação de um “remédio” feito à base de ervas e vinho. Esse preparado deve ser tomado antes de sair à rua no dia da festa. De acordo com as madrinhas e os capitães, é um preparado para a proteção carnal e espiritual. Mais à frente falarei melhor sobre isso.

Antigamente, essa mistura era feita à base de cachaça. Hoje, muitos terreiros e grupos de congada o preparam à base de vinho, em razão dos problemas relacionados à ingestão da cachaça.

A manutenção da tradição do Congado em Uberlândia, de origem rural como se viu, é feita nas últimas décadas do século XX, com diversas mudanças nas relações institucionais, na organização da população congadeira e na atualização da expressão dos ternos em evidência durante a festa. São transformações inerentes às mudanças do contexto. É um processo pelo qual a tradição absorve referências do cenário e da época em que acontece (MEIRA, 2007, p. 52).

A cultura popular se transforma para se manter viva, reorganiza-se, cria estratégias, e isso se configura também como uma forma de luta contra a dominação cultural. A congada luta, por meio de suas artimanhas, contra o “colonialismo escravocrata, o imperialismo americano e os poderes econômico, tecnológico e cultural, [que] são processos de dominação” (MEIRA, 2007, p. 64).

A cultura dominante assimila para desenraizar, desqualificar, tornar outra coisa. Nesse caso, a transformação não é para a manutenção, e sim para assimilar e servir à cultura de mercado. Por isso, várias manifestações da cultura popular, como a congada, vivem momentos de tensão, quando seus participantes são levados a cumprir regras forjadas pela cultura dominante, para que, sendo



mais frágil, possa o movimento ser assimilado e tornado cultura de mercado.

Em Dussel (s/d) encontramos reflexões sobre a dominação cultural e como essa dominação cria a noção de uma única cultura, uma cultura global, deixando de lado todas as particularidades e a alteridade. De acordo com o autor:

Aceita-se como evidente que a cultura européia é a cultura universal. Este universalismo não é mais do que o universalismo abstrato de uma particularidade que abusivamente se arroga a universalidade, e que com isso nega todos os outros particularismos e exterioridade das outras culturas. Surge assim o mecanismo pedagógico da dominação cultural. No centro está a cultura que se pode chamar imperial, no sentido mais forte: aquele que impõe, por seu intermédio e vontade, o que é seu. Logo aparecerá uma cultura colonial; esta cultura colonial vai se desdobrar, porque nela haverá uma elite cultural ilustrada e um povo. (DUSSEL, s/d, p. 263).

Ainda segundo Dussel (s/d), é importante sabermos fazer a crítica no sentido de não nos pautarmos apenas pela ciência, pelo conhecimento acadêmico, para compreendermos práticas sociais e processos educativos.

A ciência é o mais sutil instrumento de dominação, sobretudo quando pretende ser “universal”. Não há em seu sentido real, humano, histórico, uma ciência “universal”. As opções pré científicas são essenciais para as ciências e estas são políticas, sociais, culturais (DUSSEL, s/d, p. 270).

A congada não precisa de pesquisadoras(es) para se manter viva e com sentido para sua comunidade. O contrário já não pode ser dito, porque nós necessitamos estar em contato com os ensinamentos e aprendizados adquiridos por meio da cultura popular para que possamos aprender sobre nossas culturas e histórias.

Se o congado sair um pouco da cultura, também sai, qualquer um pode morrer a qualquer hora, o congado não. Se Deus quiser, vai viver para sempre, vai passando de um em um, do pequeno para o maior, do maior para o pequeno e, se um dia chegar na minha mão, vou ficar muito feliz (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).

Se acreditamos de fato na transformação do projeto de mundo vigente, que exclui,

inferioriza e nega a cultura popular, precisamos nos aproximar dos grupos mantenedores das tradições, como a congada, para compreendermos coletivamente esse processo de dominação e juntos buscarmos essa transformação.

Assim, a congada, como uma prática social constituída por uma rede de símbolos que envolve modos de vida, saberes diversos de homens, mulheres e crianças, memórias, histórias de vida, de resistência e de fé, é também uma maneira de estar no mundo, pois, a partir dela, podemos compreender a história de pessoas e grupos envolvidos nessa manifestação.

Por isso, buscando trazer para esta reflexão os processos históricos pelos quais passam as práticas sociais, não podemos negar que:

a cultura se diversifica e se determina pela forma particular de vida de um grupo humano, no qual se reconstitui a forma do homem – sua forma histórica. Se o respectivo grupo humano deve ser o sujeito de seu próprio processo histórico-cultural então a ele cabe o risco e a responsabilidade de auto-configurar sua forma particular de vida. Isto quer dizer que o homem desta cultura tem o direito de autovalorizar-se, segundo seus próprios valores. O sentido do processo de constituição do homem pela cultura contém, pois, uma exigência de autonomia. Cultura sem autonomia é anti-cultura porque como vimos em tal hipótese, a objetivação da subjetividade, ao invés de libertar o sujeito, o coisifica como objeto de dominação (FIORI, 1986, p. 08).

A diversidade cultural é gerada pelas particularidades existentes em cada grupo de pessoas, por suas histórias, modos de viver, de se relacionar e pela autonomia descrita por Fiori (1986). Para isso, é preciso “pôr sentido no mundo e em si mesmo” (SILVA, 2003b, p. 192). Para contribuir com esse entendimento da autonomia, é importante dizer: “para edificar a nós mesmos (a pessoa, os parentes, a ‘raça’, a comunidade) é preciso aprender a usar as estruturas cognitivas da cultura do seu povo, de sua comunidade, da sua ‘raça’ no dizer de brasileiros, para interpretar o ouvido, o visto e o vivido” (SILVA, 2003b, p. 192).

A autora nos aponta, a partir da perspectiva de afrodescendentes e africanos, dimensões do educar-se em contato com nossa cultura, nossa comunidade, nossas crenças, pondo sentido em nossa vida.

Assim, não é possível, muito menos viável ou aceitável, objetivar a subjetividade desses grupos e sujeitos se queremos de fato compreender e respeitar a congada como maneira de estar no mundo, aprendendo, ensinando e se relacionando. Ir ao encontro da coerência, então, é fato árduo e extremamente necessário para nós estudiosas(os) que, sob a lente acadêmica e sob conceitos forjados à luz de conhecimentos científicos, nos colocamos a querer compreender e estudar as

práticas sociais e os processos educativos disso decorrentes em grupos e comunidades.

Tratar a cultura popular como algo romântico, inferior, distante, puro, folclórico faz com que nos distanciemos fatalmente dos caminhos que são necessários percorrer para que compreendamos – ou pelo menos nos aproximemos disso – esse emaranhado que forma as culturas.

Ao classificar e analisar conforme nossa visão de mundo, podemos cair no grave erro de querer objetivar a subjetividade de homens e mulheres que vivem a congada em seu cotidiano.

Uma das características da contemporaneidade é a coexistência de períodos históricos presentes nessa latinidade, nessa brasilidade, nessa mineirice. Se, às vezes, os fatos passados são revisitados, é para esclarecimentos, para compreensão mais densa do contexto contemporâneo, sem privilegiar apenas a perspectiva histórica, de fatos encarrilhados sequencialmente. O importante é a visão panorâmica de simultaneidade, a coexistência de diferentes tempos históricos, as diversas maneiras de interação cultural (MEIRA, 2007, p. 61).

Ser congadeira e congadeiro é ser e estar no mundo dessa maneira, por isso, querer objetivar, tornar óbvio, palpável, mensurável, classificável é coisificar e tornar nossos colaboradores e colaboradoras sujeitos de dominação, quando o que buscamos aqui é justamente o contrário.

Por isso, de acordo com Fiori (1986), entendemos que homens e mulheres são sujeitos em formação e de transformação constante. Desse modo, consideramos que, na vivência e na convivência em sociedade e em grupos culturalmente constituídos por uma rede de símbolos, como na congada, as histórias de vida dos sujeitos se imbricam com a história dessa manifestação. Trata-se de uma multiplicidade de acontecimentos lineares ou contraditórios que, juntamente, formam congadeiros e congadeiras e a história da congada na cidade de Uberlândia. Por meio da congada, esses homens e mulheres constroem o sentido da vida.

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades. Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos, a coletividade a construam. Delas, participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais (OLIVEIRA et al., 2009, p. 06).

Os grupos de congada de Uberlândia são múltiplos e diversos, cada um com suas características próprias, suas músicas, seus passos de dança, instrumentos musicais, diferentes

maneiras de ensinar e aprender, diferentes maneiras de contar a história da congada na cidade. Cada um é um em sua individualidade, mas, a partir desta, compõe-se o todo.

Durante os festejos da congada, podemos observar quando há o encontro de dois ou mais ternos. Eles se cumprimentam, cantam, pedem a benção, desafiam-se e, ao mesmo tempo, fortalecem os laços de amizade e de reconhecimento de uns com os outros.

Essa história não vem totalmente só do congo Marinheiro de São Benedito, esta história vem dos meus bisavós, lá na frente, que eles também tinham congado. Essa tradição vem confraternizando a hierarquia, como meus pais, minha mãe participava, o pai dela era dono de um congo, dono de congado lá em Patrocínio, então, veio dela, veio da minha mãe essa tradição. Quando chegou até nós, minha mãe contava a história do congo, como o pai dela era, como eles participavam e como era a participação. Nessa participação, ela veio passando esses interesses pra nós, que somos filhos, e a gente se interessou bastante com a hierarquia dela... Meu irmão Luizão já dançava no congo há mais tempo que eu. Ele iniciou dentro de Moçambique (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Cada grupo ou cada Terno constitui o movimento da congada na cidade. Cada grupo luta, canta, dança, colabora, aprende, ensina, e todos dialogam entre si, por meio da fé em Nossa Senhora do Rosário e em São Benedito.

Cada grupo também carrega consigo os ensinamentos apreendidos em outros grupos, e, com o passar do tempo, esses conhecimentos se mantêm ou se transformam. É aí que está a ressignificação, a reinvenção da cultura popular para que ela continue existindo e interagindo com o contexto atual. Transformar não significa perder a raiz ou o sentido, e permanecer como está não significa reproduzir sempre, ser retrógrado ou parar no tempo.

De acordo com Silva (1987), ao estudar a maneira de se educar entre os negros da comunidade do Limoeiro e analisando o significado de permanecer na comunidade ou sair dela, a autora afirma que ficar na comunidade permite continuar a história, mas não significa repetir ou copiar os fazeres aprendidos, mas imprimir neles as mudanças desejadas. Ao analisar a congada, percebemos que manter a tradição, repassar as histórias e os conhecimentos também não significa copiar e repetir, mas transformar de acordo com as experiências de quem fica, mantendo e repassando os conhecimentos.

Ficar permite sentir-se situado, ocupando um lugar e desempenhando um papel que lhe vem sendo transmitido de uma geração à outra, permite, ainda, ir continuando a história dos parentes. Ficar obriga a fazer o que vai aprendendo desde que nasceu, enquanto se vai fazendo, isto é, se produzindo física e moralmente. Fazer que não significa somente repetir,

copiar, mas também tentar, de certa forma, uma nova ordem no ambiente que o rodeia e no qual influi, expressar com franqueza, ingenuidade ou nítida consciência o que quer mudar (SILVA, 1987, p. 163).

É importante destacar essas diferentes maneiras de se viver a congada, visto que, nessas diferenças,

[...] as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los (OLIVEIRA et al., 2009, p. 06).

Precisamos aprender como conviver com tantas diferenças dentro de um mesmo grupo ou comunidade, como a comunidade congadeira de que estamos falando. As diferenças são fundamentais para a construção da identidade de grupos e pessoas, e aceitar essas diferenças é um desafio para o convívio e para as relações que são estabelecidas dentro e fora dos ternos de congada.

Enaltecer a diversidade e as diferenças não basta para nos reconhecermos, é preciso aceitá-las e permiti-las em sua integridade para efetivamente vivermos a diferença na diferença. Essa reflexão é importante no sentido de nos atentarmos para esse discurso que está tão presente hoje nos meios acadêmicos acerca da diversidade, das diferenças.

Será que nossas ações condizem com nosso discurso, o qual prega a aceitação das diferenças e da diversidade como algo simples e quase automático? Viver e respeitar a diversidade requer esforço; o discurso apenas não basta. “A maioria das pessoas que vão ver e ficam lá na praça ainda tem preconceito” (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).

Ao abordar a mestiçagem no Brasil, Munanga (2008, p. 47) faz uma crítica com relação ao problema do reconhecimento da diversidade racial. Podemos aplicar essa crítica também à diversidade cultural brasileira, que é composta pela mestiçagem de etnias e de diversas culturas, com diferentes costumes, crenças e modos de vida:

Como acontece geralmente na maioria dos países colonizados, a elite brasileira do fim do século XIX e início do século XX foi buscar seus quadros de pensamento na ciência europeia ocidental, tida como desenvolvida, para poder não apenas teorizar e explicar a situação racial do seu País, mas também, e sobretudo, propor caminhos para a construção de sua nacionalidade, tida como problemática por causa da diversidade racial.

Os modos de vida das pessoas se diferem, e a mistura das diversas culturas e etnias cria novas formas de enxergar e viver no mundo. É necessário estar em contato com o outro em sua totalidade, pois, em contato com as pessoas, ressignificamo-nos, refazemo-nos a cada aprendizado e a cada ensinamento.

A respeito da cultura popular, podemos dizer a mesma coisa: os grupos interagem, e as diversas maneiras de se dançar a congada, tocar o tambor e louvar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito vão se transformando e garantindo a transmissão da tradição.

É importante dizer que apenas quem é da tradição é capaz de modificá-la e ressignificá-la para que não perca seu núcleo irradiador nem caia na assimilação generalizada.

Existe uma circularidade cultural, uma mistura que refaz e ressignifica permanentemente os modos de vivermos em sociedade. De acordo Bosi (1994, p. 142):

Estamos acostumados a falar em “cultura brasileira”, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes.

Desse modo, entendamos aqui a cultura popular não apenas como manifestação isolada e pontual, e sim como forma de vida que nos é negada e classificada como pior, não devendo ser valorizada e tampouco conhecida e reconhecida como parte de nossa formação. É necessário que voltemos à tradição, que aprendamos com a cultura popular, pois ela não é algo externo a nós.

De acordo com Meira (2005, p. 103), a cultura popular:

pode ser entendida como um processo de manutenção, renovação e criação de expressões que identificam determinados grupos sócio-culturais. Diversas comunidades tradicionais cultivam danças, músicas, jogos, brincadeiras, poesias, pinturas entre outras possibilidades de expressão. Nessas manifestações, quem cria, quem participa e quem aprecia a cultura popular fazem parte do mesmo grupo sócio-cultural. Diferente das produções artísticas e dos meios de comunicação de massa, nos quais o artista ou a emissora preparam obras e programas para determinado tipo de público. Os artistas e os profissionais das emissoras não são, necessariamente, parte do mesmo grupo sócio-cultural dos espectadores.

Considerando que é necessário reconhecermos nossa história e nossas culturas para que haja de fato uma transformação em nossas práticas e que juntos possamos buscar relações mais justas

entre os povos da América Latina, faremos uma interlocução com a definição que Dussel (s/d) atribui à cultura popular, considerando-a um modelo de libertação latino-americana.

De acordo com Dussel (s/d, p. 214), em *Erótica e Pedagógica para uma Ética da Libertação Latino Americana*: “a cultura popular é, essencialmente, a noção chave na 'pedagógica da libertação' somente ela é o fundamento do projeto de libertação, projeto eticamente justo, humano, alterativo”.

A partir dessa reflexão sobre o projeto de libertação, considerando a cultura popular como “noção chave” (DUSSEL, s/d), reconhecemos na congada um projeto de libertação e de resistência, considerando sua constituição como comunidade congadeira que luta para continuar existindo, de forma a manter viva sua tradição.

Essa luta e resistência consistem também uma forma de “transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica” (OLIVEIRA et al., 2009, p. 04). Por isso, entendemos cultura como um processo social que compõe modos de vida em suas diversas representações.

Por se tratar aqui de um trabalho o qual vê a prática social da congada como manifestação de um grupo de indivíduos que, por meio dessa tradição, nos conta sua história, considerando o contexto contemporâneo no qual vivemos, é preciso pensar em um conceito que declare a dinamicidade da cultura popular tradicional, abrangendo a complexidade de se estudarem as culturas.

A congada é uma manifestação tradicional e, em sua prática e vivência, carrega fatores como conflitos, inovações, tensões, adaptações, assim como os sujeitos que a fazem viva.

O que o sociólogo cultural ou o historiador cultural estudam são as práticas sociais e as relações culturais que produzem não só uma cultura ou uma ideologia, mas, coisa muito mais significativa, aqueles modos de ser e aquelas obras dinâmicas e concretas em cujo interior não há apenas continuidades e determinações constantes, mas também tensões, conflitos, resoluções e irresoluções, inovações e mudanças reais (WILLIAMS, 1992, p. 29).

Considerando os ensinamentos de Freire (2008a), que chama nossa atenção para a valorização do lugar, da casa, da família, da terra, do bairro, da cidade, do país, do mundo, acreditamos que a congada se constitui também como um grupo de resistência que, por meio de sua prática, promove, viabiliza, mantém e repassa os conhecimentos sobre a cultura popular. É necessário que reconheçamos e reflitamos sobre a cultura popular como resistência e potência de

transformação e aprendamos como a construção dos saberes na cultura popular pode nos auxiliar a transformar nossas práticas pedagógicas dentro e fora do espaço escolar.

Na cultura popular, a construção dos saberes ocorre de maneira coletiva, e todos e todas aprendem e ensinam coletivamente, em um processo colaborativo entre os participantes. “Tudo o que acontece no ritual ensina” (BRANDÃO, 1984 apud ARROYO, 1999). Em seus estudos sobre o candomblé, Souza Júnior (2002, p. 142) afirma: “aprendem-se lições novas a cada instante e a cada pergunta, a dançar, a comer, a se comportar, a trocar bênção, axé e, sobretudo, a respeitar as tradições”.

Por isso é importante repensarmos nossa ideia do que seja aprender e ensinar. A escola e a academia tendem a compartimentar os momentos de ensinar e os momentos de aprender. Na cultura popular, como os exemplos citados, na congada e no candomblé, o aprender e o ensinar estão presentes nos momentos do dançar, do cantar, na procissão, no fazer o instrumento, entre outros.

Portanto, em nossos estudos e reflexões sobre processos de ensino e de aprendizagens, é necessário que recorramos atentamente ao patrimônio cultural de grupos e comunidades. Esse patrimônio cultural guarda as histórias de homens e mulheres, além de hábitos e costumes. Conhecer e reconhecer a importância desse patrimônio na construção de nossas identidades é uma maneira pela qual podemos descobrir como nos constituímos como mulheres e homens.

Um patrimônio abrange objetos, sítios, hábitos, costumes, textos orais e escritos, canções, rituais, jogos, folguedos, mitos e outras histórias, filosofias que guardam significados, entre outros, de ordem religiosa, tecnológica, laborial, pedagógica, e que se encontram preservados em estilos de vida, rituais religiosos, habilidades artísticas, soluções técnicas, procedimentos intelectuais (SILVA, 2003a, p. 188).

Os grupos e movimentos populares existem e se relacionam com o mundo cotidianamente. Não existe uma hora, um momento em que a cultura popular se manifeste, existe, sim, uma resistência permanente. Os fatos estão imbricados e se relacionam entre si; a tradição está viva e atuante na contemporaneidade; as culturas brasileiras se relacionam e se ressignificam, mantendo-se ativas no contexto onde estão inseridas.

Desse modo, entendamos aqui a cultura popular não apenas como manifestação isolada e pontual, mas, ainda de acordo com Dussel (s/d), ela se configura como forma de vida não valorizada, tampouco conhecida e reconhecida como parte de nossa constituição como latino-americanos.



Dussel (s/d) se utiliza da metáfora da relação familiar para refletir sobre a cultura popular (mãe), o Estado (pai) e o mestiço (filho) e transporta essa relação para os processos de vida da América Latina. O pai é a figura dominante que declara a morte do outro, ou seja, o homem, seja ele branco, europeu, conquistador, que se transformou em pai opressor e declarou a morte da mãe cultura popular e do filho, que começa em si mesmo e passa a ser filho do nada, correspondendo a alienação, a negação da alteridade. Dessa forma, alerta-nos para a tentativa do colonizador de impor conceitos, valores e visões de mundo que desvalorizam e negam a cultura popular.

“Nenhuma técnica salva ninguém, pelo contrário, na maioria das vezes oprime.”<sup>28</sup> A partir desse apontamento feito na aula, foi possível refletir um pouco sobre a construção dos processos educativos na cultura popular. Nas observações e reflexões, volto a essa fala das professoras e percebo que, nos encontros dos grupos de congada, existem processos educativos relacionados também à técnica, mas não só a ela.

Entendemos que, na cultura popular, não é o domínio da técnica que garante a liderança ou a posição de destaque e o reconhecimento dos líderes pela comunidade. Os saberes estão diretamente relacionados ao respeito, à humildade e também aos conflitos existentes no convívio em grupo. O aprender e o ensinar dentro do Terno de congada está relacionado ao respeito de uns com os outros e também passa pelas diferenças existentes entre os diversos sujeitos que o compõem. Existe o tempo certo de aprender determinadas coisas, dominar determinados assuntos. Esse “tempo certo” conduz as artimanhas dentro do grupo, para que os saberes possam ser construídos e passados de geração a geração, de forma coletiva e colaborativa, respeitando o tempo e os segredos.

Tanto os capitães quanto os mestres são guardiões de conhecimentos importantes nos processos de transmissão dos saberes. Centrado no corpo e na música, o conhecimento é amplo e inclui aspectos históricos e estéticos. Na poesia das músicas está sua história, seus heróis, o sofrimento da escravidão e também mensagens cifradas, chamadas de “pontos” entre os Moçambiqueiros, que exigem uma certa “iniciação” para a sua compreensão e para a ação adequada em momento de ritual. Também sabem ocultar determinados conhecimentos essenciais dentro de sua tradição (MEIRA, 2007, p. 120).

Para ilustrar a citação acima, trago alguns versos que nos mostram, por meio da poesia, o sofrimento da escravidão, a saudade e a relação com o sagrado e o mundo invisível.

Tenho muita pena

---

<sup>28</sup> Nota de aula da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos (agosto de 2009), em fala das professoras Ilza Zenker Leme Joly e Maria Waldenez de Oliveira, em discussão de parte do livro *Pedagogia da Esperança*, de Paulo Freire.

Tenho *muita* dó  
Cacunda de nego é mulambo só  
Olêê lê, lê é mulambo só.<sup>29</sup>

Oh! Quando *alembro* do vovô, aruê  
Me dá pancada no coração, aruê  
Ele contava o sofrimento, aruê  
Como foi a escravidão, aruê  
Ele comia no cocho, aruê  
Era angu e feijão, aruê  
O vovô mudou pra longe, aruê  
Pra aquele centro de sertão, aruê.<sup>30</sup>

Eu sonhei com meu preto velho  
Ele mandou me avisar  
Que quem *mexe* com demanda  
Sua vida vai atrapalhar<sup>31</sup>

Saber de nossa história e ter oportunidade de nos reconhecemos como protagonistas desse processo faz parte da transformação de nossas realidades. Aprendemos na escola que ler e escrever são as atividades mais importantes. Aprender todo o saber escolar, acadêmico e se tornar doutora e reproduzir tal e qual aprendemos é o projeto de vida pensado para todos e todas nós, na maioria dos espaços escolares e acadêmicos. “Até agora na América Latina, as universidades atuaram principalmente como agentes de manutenção da ordem instituída ou, no máximo, de modernização reflexa de suas sociedades” (DUSSEL, s/d, p. 208).

Existem críticas a esse modelo, por isso devemos ter consciência de que:

Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos (FREIRE, 1996, p. 48).

É importante refletirmos sobre esses processos, fazermos a crítica e pensarmos em qual é essa educação, quais são esses saberes, esse projeto de vida e como podemos transformá-los a partir de estudos, pesquisas, convívio e experiência.

<sup>29</sup> Verso cantado pelo Moçambique de Belém, capitão Ramon Rodrigues; faixa 04 do CD.

<sup>30</sup> Verso cantado pelo Moçambique do Oriente, capitã Dagmar Maria Coelho; faixa 14 do CD.

<sup>31</sup> Verso cantado pelo Moçambique de Belém, capitão Ramon Rodrigues; faixa 04 do CD.

Ao identificar e valorizar processos educativos em práticas sociais, voltamos um olhar crítico ao estabelecido monopólio pedagógico de sistemas educacionais, que pretendem, muitas vezes, deter o único meio pedagógico capaz de educar. De acordo com Dussel (s/d) a escola arroga-se assim o dever sublime de dar toda a cultura à criança [...] o certo é que com isso elimina os subsistemas educativos... (OLIVEIRA et al., 2009, p. 09).

Os subsistemas educativos dos quais fala Dussel (s/d) são eliminados pela escola, quando não se consideram os saberes de educandas e educandos relacionados às histórias de vida, à memória e às práticas culturais às quais eles e elas pertencem. A escola nega nossa história e nos impõe valores. Por isso que volto a dizer: é também pela luta, por meio da pesquisa em educação, que podemos transformar essa visão e buscar a valorização dos saberes populares que são construídos por meio da oralidade e da memória dos povos, grupos e comunidades.

A memória, como campo de investigação da história dos sujeitos, pode ser articulada às práticas culturais para interpretação de fatos decorrentes de processos sociais e para compreensão de nossa história e cultura. Pensando no campo da cultura popular e das manifestações tradicionais, a memória nos auxilia também na compreensão das construções das identidades, que são múltiplas (GONÇALVES FILHO, 1988).

Para analisarmos e descrevermos processos educativos decorrentes de práticas da cultura popular, dentro de grupos ou comunidades, é importante nos atentarmos para a memória social, corporal e para a experiência, pois esse aspecto nos ajuda a compreender as relações que são estabelecidas nesses grupos.

Então eu tenho isso comigo, o padrinho Luizão me ensinou, a mãe Gessy me ensinou de experiência, porque ela conversava muito com a gente, a Mãe Selma me ensinou, o Padrinho Elói me ensinou. Eu hoje sei fazer música, sou compositor. Igual eu faço no Baiadô e faço no congado. Quem me ensinou foi o padrinho Elói. Eu me inspirei no padrinho Elói. Eu via ele fazer música e fui aprendendo com ele essa coisa de comandar, de ensinar, de ter paciência. A mãe Gessy me ensinou a paciência, de comandar, de saber... O padrinho Luizão me ensinou, e várias coisas que eu aprendi o padrinho Luizão me ensina, a ter respeito com o outro, com os outros grupos. Eu aprendi aqui no Marinheiro (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

É também por meio da memória e do corpo que nos afirmamos no mundo e o significamos. As histórias de vida que mantêm as tradições e os ensinamentos que são passados de geração a geração de forma quase que predominantemente oral estão na memória dos mais velhos guardiões e guardiãs dos saberes populares que se mantêm e se refazem, sempre garantindo a permanência das

tradições.

De acordo com Arroyo (1999, p. 197-198), ao analisar os processos de ensino e aprendizagem musical no Terno Marinheiro de São Benedito:

O corpo, sem dúvida, revela-se como elemento fundamental do fazer musical do Marinheiro e na pedagogia musical êmica. Outros estudos etnomusicológicos, em culturas musicais orais, descrevem o papel fundamental do corpo nas práticas musicais. O corpo, dançando, tocando, caminhando, ouvindo, suando, cansando, cantando, torna-se veículo de aprendizagem no mundo congadeiro, aspecto que, ao descrever situações e processos de ensino e aprendizagem de música neste cenário, ficou evidente.



Dançadores fazem evoluções coreográficas com as caixas, repiliques e maracanãs.

Foto: Eurípedes Luciano

Para compreender os processos educativos presentes na cultura popular, nesse caso, particularmente na congada, necessariamente terei de me aprofundar às histórias de vida dos sujeitos que fazem com que essa tradição se mantenha viva e atuante.

A memória faz cruzar a história e a intimidade, o mais público e o mais pessoal em crônicas muito originais e preñes de contingência, crônicas do indivíduo na família, na

escola, no trabalho, no bairro ou na cidade, em todo grupo onde homens se nutriram simbolicamente e onde empenharam, não sem contradições, aquilo que eles são... (GONÇALVES FILHO, 1988, p. 103).

Assim, a realidade que tenta excluir os congadeiros e as congadeiras, uma vez que desvaloriza o saber popular e o saber de experiência, pode encontrar na congada formas de resistência na valorização de sua cultura, tendo em vista que compreendemos o ser humano como um ser de consciência, capaz de se constituir como história, no mundo e com o mundo.

No período da Festa da Congada em Uberlândia, esses sujeitos ganham as ruas, as praças da cidade e chegam à porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Tomam a cidade com seus tambores, chocalhos, cores, cantos e se fazem perceber pela fé nos “santos dos pretos”. Todo esse conjunto de símbolos denota a resistência dessa manifestação em uma sociedade que segrega e discrimina. É também dançando e batendo congo que o negro, o branco, o jovem, o velho, a mulher, o homem que fazem parte dessa prática dialogam com o mundo.

“A Congada em Uberlândia é, então, uma festa tradicional e urbana, em que um setor da sociedade uberlandense, formado por famílias afro-descendentes e humildes, reafirma sua solidariedade comunitária e se faz visível” (MEIRA, 2007, p. 87).



Meninas do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito acompanhando o cortejo em frente a igreja, segurando as fitas dos estandartes. Foto: Eurípedes Luciano

A

prática

social da congada na cidade de Uberlândia mobiliza diversos ternos, famílias ligadas a eles, amigos e pessoas que vão para a Praça da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para prestigiar a festa. Durante todo o ano, os grupos ligados à congada se encontram para realização de festas como carnaval e feijoadas, a fim de arrecadar dinheiro para os ternos confeccionarem suas roupas e seus instrumentos. Também realizam torneios de futebol e outros encontros, como festas de santo, em alguns terreiros de Umbanda, Candomblé e Omolocô, bem como festas de aniversário, festas juninas, leilões. Esses momentos também marcam a convivência de pessoas e grupos que pertencem à congada na cidade de Uberlândia.

Desse modo, partindo do estudo da prática social da congada em Uberlândia, consideramos que é possível perceber as portadoras(es) de tradição como agentes de uma história não contada pela classe dominante. Nessa observação é importante salientar que essas pessoas são protagonistas dessa história. É também por meio de sua tradição que manifestam seus anseios, suas saudades, contrariedades e se fazem visíveis.

“Cada ano você vai ganhando mais experiência e cada ano é uma diferente, cada ano vai ter uma experiência que vai te ajudar na sua vida dentro do congado” (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

## 6 “Sou congadeiro, catupé, maçambiqueiro, afro-brasileiro, sou filho de Deus”<sup>32</sup>: as africanidades

*O Banto, quando encontra um estrangeiro, não lhe pergunta “quem és?”, mas “o que danças?”. Para um africano, o que um homem dança é sua tribo, seus costumes, sua religião, os grandes ritmos humanos de sua comunidade.*  
(Roger Garaudy)

Neste momento, apontarei algumas reflexões a partir das africanidades. Essas reflexões objetivam ajudar na discussão sobre os processos educativos presentes na congada, a partir das africanidades, já que essa abordagem se torna importante ao analisar os processos educativos dessa prática social de matriz africana.

É importante dizer que o que me possibilitou escrever este capítulo e buscar essa abordagem foi a oportunidade de entrar em contato com teorias e discussões acerca desse tema no Mestrado, mais especificamente, em uma disciplina chamada Teoria da Educação: Aportes de Africanidades, ministrada pela professora doutora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

Com o passar do tempo, percebi que apenas apontar teorias que justificassem a congada como uma manifestação que resiste, transforma e ensina não era suficiente.

“Para estudar africanidades é necessário abordá-las tendo presentes compreensões chave de modos de ser e viver que se enraízam em sabedoria africana. Além de ancestralidade e negritude, que já vimos, cabe destacar: corpo, emoção, conhecimento” (SILVA, 2009, p. 44).

A autora afirma ainda:

Para identificar, conhecer e compreender africanidades há que conviver com pessoas negras que reconhecem seu pertencimento étnico-racial enraizado na África, há que freqüentar territórios negros, há que buscar obras de autores e de outros profissionais negros (SILVA, 2009, p. 46).

Portanto, entendo aqui africanidades como: “manifestações histórico culturais diretamente vinculadas a visões de mundo, enraizadas em jeitos de ser, viver, pensar e construir existências próprias do mundo africano” (WALKER, 2004; SHUJAA; SILVA, 2005 apud SILVA, 2009, p. 43).

---

<sup>32</sup> Parte de uma música cantada pelo Capitão Nestor Moçambique Princesa Izabel, em 2005.





No dia anterior a Festa são preparados os mais diversos penteados afro, feitos com tranças, miçangas e fitas colorias.  
Foto: Eurípedes Luciano

Considerando a congada como manifestação tradicional de matriz africana que estrutura a vida dos sujeitos que a praticam, é possível perceber que as(os) congadeiras(os) contam suas histórias de vida e revelam suas diferentes visões de mundo por meio dessa prática cultural. Essas revelações estão presentes no canto, nas maneiras de aprender e ensinar, na maneira de se relacionarem com o sagrado, com o mundo visível e o mundo invisível, bem como na maneira de demonstrarem seus descontentamentos e a falta de visibilidade e também na luta contra o preconceito.

No canto, o congadeiro afirma que é congadeiro, catupé, maçambiqueiro, afro-brasileiro e que também é filho de Deus. Estar na praça do Rosário, no dia da Festa da Congada, e afirmar sua condição de negra(o) congadeira(o) é um momento importante de afirmação da identidade. Fora desse contexto festivo, a afirmação dessa identidade negra, afro-brasileira e congadeira fica velada e não tem muitos espaços para ser praticada.

Nossa senhora, olha eu



Além de São Benedito, eu sou filho seu

Sou congadeiro, catupé, maçambiqueiro

Afro-brasileiro, sou filho de Deus.<sup>33</sup>

A Festa da Congada está fundamentada também no mito de origem dessa prática social. Existem diferentes versões desse mito, e a crença nele é um importante fator a ser considerado para o entendimento da congada.

Segundo Brandão (1985a, p. 85), “dificilmente uma dança ou um outro folguedo do folclore brasileiro possuirá um mito que lhe procure justificar sua origem, tão consistente e difundido como o da congada”. Por meio do canto, das conversas com congadeiras(os) e do estudo da literatura, podemos conhecer algumas versões do mito de origem.

A senhora do Rosário, aruera

foi achada no deserto, aruera

Moçambique que encontrou, aruera

O Marinheiro estava perto.<sup>34</sup>

Nesses versos cantados pelo Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário (Marinheirinho), a santa foi encontrada pelo moçambique, e o marinheiro estava presente. Para melhor ilustrar aqui a questão mítica, apresento as três versões indicadas por Brandão (1985a, p. 105), em *A Festa do Santo Preto*.

Primeira versão: uma Nossa Senhora do Rosário é encontrada no deserto; algumas pessoas resolvem dançar para a santa; os congos dançam, a santa sorri, e não os acompanha; os moçambiques dançam, a santa os acompanha e é colocada em uma igreja; a santa retorna ao seu lugar no deserto; é feita uma igreja no local onde a santa foi encontrada.

Segunda versão: uma santa, Nossa Senhora do Rosário, aparece em um rochedo de pedra; pessoas vieram ver a santa; uns viam, outros não; o padre celebra missa no local com planos de

<sup>33</sup> Verso cantado pelo Moçambique Princesa Izabel, capitão Nestor Vital da Silva; faixa 12 do CD.

<sup>34</sup> Versos cantados pelo Terno de Marinheiro Nossa Senhora do Rosário (Marinheirinho), capitã Maria Aparecida Martins; faixa 01 do CD *Memória do Congado*.

levar a santa; a santa os acompanha e, no dia seguinte, retorna ao local de origem; Pai João vai visitar a santa e a reconhece como mãe (mãe dos pretos); Pai João prepara um grupo e instrumentos rituais; pai João produz um ritual próprio diante da santa; a santa acompanha o Terno, é colocada em uma igreja e permanece lá até hoje.

Terceira versão: os negros estavam trabalhando, quando Nossa Senhora apareceu no deserto para eles; ela propõe um projeto de libertação: os negros dançam para ela, e ela os liberta da escravidão; os negros produzem uma primeira dança, e a santa não aceita (o congo); a santa propõe outro ritmo de dança, os negros produzem a dança (o moçambique), e a santa os acompanha; a Princesa Isabel sabe do acontecido e liberta os negros.

Analisando as versões registradas por Brandão (1985a), podemos observar um discurso interessante que compõe o mito de origem, no qual as congadeiras(os) se apropriam de fatos históricos, como a libertação dos escravos, para embasarem a versão do mito.

É interessante perceber as diferentes versões apresentadas para o entendimento do mito de origem. Nota-se que cada uma delas faz parte do entendimento da congada com relação às congadeiras(os).

Selma, José Pedro e Ariel também apresentaram a visão do Marinheiro de São Benedito sobre o mito de origem:

Selma: Eles tiraram duas santas da água, eles viram, tiraram a Nossa Senhora, colocaram no nome de Nossa Senhora do Rosário e depois encontraram Santa Efigênia e colocaram na igreja junto com a Nossa Senhora do Rosário, mas os brancos não aceitaram, porque a Santa Efigênia é negra, ela é preta... Eles não aceitaram, já tinha um santo negro, o São Benedito. Pra que outro? Então, o certo da festa é a Santa Efigênia, junto com o São Benedito... Mas ficou São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

A Nossa Senhora do Rosário eles acharam dentro da água, aí tem a história de que o marinheiro estava lá, tirou ela do fundo do mar, aí veio o moçambique, levou ela pra igreja, mas ela voltou pro mar...

Isso foi cobrança de Santa Efigênia, aí depois fizeram uma igreja para Santa Efigênia, por quê? Porque ela era negra, nós nascemos escravos e vamos morrer escravos, porque sempre tem a história.

Ariel: Eu vi uma história que tinha um lugar, um monte, onde eles choravam de saudade de sua terra, e, nisso, apareceu a Santa Efigênia e mandou construir uma igreja para eles, aí ficou essa Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Selma: A Efigênia pediu pra construir a igreja e ficou a Nossa Senhora do Rosário, porque não pode colocar a negra lá, né? (roda de conversa, setembro de 2009).

Essa visão do mito de origem apresentada por Selma traz a questão do preconceito, do racismo e da intolerância dos brancos: “Mas os brancos não aceitaram, porque a santa Efigênia é negra, ela é preta... Eles não aceitaram, já tinha um santo negro, o São Benedito. Pra que outro?”.

Não aceitar a santa preta ou não tolerar mais uma santa preta na igreja caracteriza também o preconceito sofrido pelos negros escravos naquela época. Nessa conversa sobre o mito de origem, Selma diz que quem tirou a santa do fundo do mar foi de fato o marinheiro: “[...] o marinheiro estava lá, tirou ela do fundo do mar, aí veio o Moçambique, levou ela pra igreja, mas ela voltou pro mar...”.

Em cada versão do mito, vão mudando os personagens que tiram a santa do mar, da gruta ou do deserto. Estar presente no mito, como os moçambiqueiros ou os marinheiros, é uma forma de poder ou de *status* para o grupo, e essa lógica dentro da congada costura os acontecimentos e vai conferindo sentido ao cortejo, ao reinado e à louvação aos santos dos pretos.

Todos os ternos cantam para a coroa e visitam o reinado, mas quem conduz o casal de reis é um Terno de Moçambique. A busca do reinado acontece no domingo depois do almoço, no período da tarde, em que os ternos percorrem as ruas da cidade em direção ao quartel, onde está o reinado, ou, senão, fazem visitas durante o percurso até chegarem novamente à porta da igreja.

Em 2004, na Festa da Congada, em uma observação de campo no quartel onde estava o reinado, chegaram três ternos de congo, e o moçambique ainda não havia chegado. Os congos cantavam, pedindo para levar à corte, mas os reis não saíram do quartel enquanto não chegou o Terno de Moçambique. Se o Terno de Congo tiver coroa e um Terno de Moçambique não chegar para conduzir o reinado, aí, sim, o Terno de Congo acompanha os reis e as rainhas até a porta da igreja.

Em Uberlândia, o único Terno de Congo que possui coroa é o Terno de Sainha, o Terno mais antigo da cidade.

Através da coroação dos reis negros recria-se algo que é central na tradição africana, isto é, o espírito de comunidade. Coroar os reis negros através de um ritual em que se refaz a dimensão coletiva é sem dúvida uma dimensão forte da experiência africana ancorada na filosofia banto. Na tradição banto a família é central, ela é a razão da continuidade da comunidade. [...] Coroar o rei é assegurar a continuidade da comunidade através de um símbolo de sua sustentação. O que o ritual apresenta de significativo é menos os objetos trocados e ofertados e sim o esforço de restauração do coletivo, da grande família historicamente dispersa pela diáspora (SILVA, 1999, p. 34).

Ao analisar o samba como forma de resistência negra e de reinvenção de costumes e modos de vida, Muniz Sodré (1998) faz uma observação sobre o *continuum* africano no Brasil, por meio das manifestações culturais. As visões de mundo de congadeiras(os) também são construídas a

partir dessa relação com uma África mítica, que traz elementos para a congada viva em Uberlândia, no século XXI.

Essa relação entre Brasil e África está presente nos cantos, nas relações com os antepassados africanos, no mito de origem e na coroação de reis e rainhas negros. O aprender e o ensinar na congada também são feitos por meio dessa relação mítica, da resistência e das ressignificações. De acordo com Sodré (1998, p. 35):

como um aspecto da cultura negra – *continuum* africano no Brasil e modo brasileiro de resistência cultural – encontrou em seu próprio sistema recursos de afirmação da identidade negra. E implicitamente pretendemos rejeitar os discursos que se dispõem a explicar o mesmo fenômeno, o samba, como uma sobrevivência consentida, simples matéria-prima para um amálgama cultural realizado de cima para baixo.

A partir do relato do mito de origem, dos provérbios, dos cantos, das maneiras de aprender, de conviver e de ensinar, são-nos reveladas as visões de mundo de homens e mulheres congadeiros. É nesse terreno de multiplicidade e pluralidade de olhares, visões, versões e crenças que acontece a congada em Uberlândia.

Realmente, nas sociedades tradicionais (onde incluem as culturas africanas), o provérbio constitui um recurso pedagógico, um meio permanente de iniciação à sabedoria dos ancestrais e da sociabilidade do grupo. Esse instrumento educativo se forja na experiência, provada na vida real. Seu objeto de conhecimento é a própria relação social – o relacionamento do homem com seus pares e com a natureza (SODRÉ, 1998, p. 44).

A hora certa de aprender, aprender ouvindo, dançando, cantando e fazendo, é característica de aprender e ensinar em comunidades de matriz africana. Os aprendizados e ensinamentos acontecem na vida prática, real, a partir da experiência. Existem os momentos específicos separados e dedicados somente aos ensaios, às conversas sobre as histórias do Terno, mas todos os dias se aprende e se ensina dentro do quartel e dentro da congada.

“Pra mim o Marinheiro é uma escola que ensina e ensina muito, sem colocar lá no quadro negro, mas ensina de experiência, de vida, é uma escola” (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

A rigidez, a hora certa de aprender, o peso das responsabilidades de ser capitão, as fases de

formação e os critérios que definem quem é liderança são importantes no Terno Marinheiro de São Benedito. Todos ensinam e aprendem, mas existem regras e condições para que esses aprendizados sejam passados e recebidos.

José Pedro: É porque aqui, à frente dos três capitães, é a hierarquia, né? Não é só você chegar ali, pegar o bastão e sair cantando; essa parte é o de menos, é a parte mais fácil, porque a outra parte, que é hierarquia, o significado, a responsabilidade, a tradição da família, é a parte mais importante e mais rígida e mais pesada...

Selma: Essa parte é uma parte rígida, então, a gente vai formando aquele capitão dentro do andamento dele, dentro do Terno. Aqui no Terno nós temos soldados bem mais velhos do que o Pedro, que dança aqui com a gente, bem mais velhos, e não são capitães (roda de conversa, setembro de 2009).

Expor-se em prol do grupo, para defendê-lo, respeitar a hierarquia, saber agir de acordo com as situações às quais o grupo é exposto, buscar melhorias para o grupo, saber representar, “segurar o rojão” na porta da igreja são critérios que definem liderança.

Quando José Pedro fala sobre critérios para ser capitão e aponta o porquê de uma pessoa ser capitã, ele cita Dandão, um dos componentes do Terno. Dandão é um capitão que sai tocando caixa, mas o fato de ele não empunhar um bastão não diminui a responsabilidade que ele tem como capitão e nem deixa brechas para que outras pessoas não o reconheçam ou não o respeitem como capitão, porque:

acontece igual ao fato do Dandão, porque ele gosta da caixa, mas a responsabilidade que eu tenho, que o Elias tem é a mesma dele, a dedicação é a mesma, o respeito que ele tem com os meninos. Os meninos já conhecem ele, não só os do Terno, os outros ternos conhecem ele como capitão, sabem que ele é um capitão. Por quê? Porque a hora que precisa dele para qualquer coisa no Terno ele se expõe, qualquer coisa que precisar dele, de fazer no Terno, ele está disposto a fazer (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

O aprendizado do iniciante vai se desenvolvendo de modo interativo e integrado àquela comunidade cultural. São desenvolvidas diferentes estratégias de liderança e coordenação da situação. No congado, por exemplo, o capitão é o regente, o apito e o bastão são instrumentos de orientação. A música orienta a prática da dança, e os códigos comuns entre os praticantes coordenam as diferenças de maturidade dentro de uma mesma manifestação (MEIRA, 2007, p. 116).

De acordo com Meira (2007), os aprendizados acontecem de maneira coletiva, e não existe apenas uma estratégia para que esses processos de ensino e aprendizado aconteçam. José Pedro,

capitão de congada, que tem apito, bastão e tem papel importante na estrutura do Terno Marinheiro de São Benedito, também ajuda outros ternos, transita entre os grupos para estruturá-los. Como ele mesmo disse, em uma das rodas de conversa, com relação à ajuda mútua entre os ternos de congada: “As minhas histórias são assim idas e vindas, salva um, salva o outro” (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Ele se refere às idas e vindas como os momentos em que teve de se ausentar do Marinheiro de São Benedito para ajudar outros ternos, como Terno de Sainha, Catupé, entre outros. Essa fala nos mostra que a ajuda e a colaboração acontecem também entre os ternos, e não apenas entre os componentes de um único grupo. Isso faz com que haja trocas entre as diferentes maneiras de aprender e ensinar próprias de cada terno. Ajudar um terno a se reerguer ou a se estruturar é também parte do fazer congadeiro. Para que a congada continue existindo, é necessário que os grupos existam.

A fala a seguir nos traz outro exemplo de como os aprendizados dentro do Terno acontecem de maneira colaborativa e coletiva. O capitão coloca o novato junto com os mais experientes e passa a eles a responsabilidade de acolher o novato.

Quando um novato chega aqui à primeira vez, para aprender, que é a primeira vez que ele pega em um instrumento, primeiramente, a gente fala como que é o instrumento, se é pesado, se ele tem resistência para carregar.

E acaba que, no ensinar, a gente fala, olha, ouve tocar, e você vai olhando os meninos e vê como os meninos tocam. Quando você se perder, você para e dá um tempo e depois você pega de novo, olha no braço dos meninos. A gente pega um novato e põe lá no meio dos mais experientes, aí, nos mais experientes, tem velhos, novos, e aqueles mais experientes que estão perto do novato vão dando as dicas pra ele, fala: “Olha, você está errando, calma, olha aqui...”. De vez em quando, a gente vê, e um encosta no outro. Nós capitães já passamos isso para os meninos, quando um novato chega, a gente fala: “Olha, gente, esse menino chegou agora, ele vai dançar, tocar junto com a gente, é a primeira vez que ele pega, ele nunca dançou congo, então, vocês vão ensinar pra ele”. A gente já passa isso para um soldado mais experiente, pra dar uma segurança para aquele que está chegando, porque às vezes aquele que está chegando fica receoso, fica com medo de o outro tirar sarro (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Ao buscarmos compreender os processos educativos no Terno Marinheiro de São Benedito, precisamos estar abertas(os) para compreender também as diferentes maneiras de ver a vida, estar no mundo, lutar, resistir, transformar, pois é aí que, coletivamente, aprendem e ensinam. O conviver, o aprender e o ensinar coletivamente se estendem para fora do quartel e influenciam os diversos campos da vida de quem é congadeira(o).

Igual meu padrinho, ele é capitão e me passa as coisas, ele vai me passando, e eu vou aprendendo, e já serve como lição pra mim, como vão ser as coisas e o que eu aprendo. Eu passo para o meu irmão, que é mais novo, então, o Marinheiro é esse conjunto, assim (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

A partir desse contato com homens, mulheres e crianças congadeiras, é possível perceber as maneiras e os modos de vida que nos remetem à visão de mundo africana. A tradição, o grupo, a comunidade, o espaço de conviver, de aprender e de ensinar, o respeito pelos mais velhos e pelos conhecimentos dos mestres e mestras, a preocupação com o grupo, com o outro, enfim, tudo isso nos mostra formas de viver e de se relacionar com as pessoas no mundo.

Mas o Marinheiro é isso. Por que o Marinheiro é isso? Tem essa formação, essa união, é porque é uma família mesmo, as pessoas se respeitam, uns amam os outros. Um ajudando o outro, sempre estão se encontrando, preocupam-se com o outro, com a saúde do outro... É por isso que o Marinheiro é isso aqui, tem essa força que tem aqui dentro (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

O contexto do mundo africano muitas vezes não encontra espaço na escola e na academia, apesar de existirem estudos e movimentos de luta que buscam combater o racismo e a discriminação e também introduzir referências de estudos africanos nas escolas e academias. Podemos perceber ainda muita hostilidade e muito preconceito nos ambientes escolares e acadêmicos.

De uma forma geral, a universidade é percebida como um ambiente branco, que valoriza a cultura e os conhecimentos próprios, menospreza e marginaliza outras culturas e conhecimentos, não aceita as pessoas negras com facilidade, portanto, para estes a universidade é um ambiente hostil [...] (NOGUEIRA, 2008, p. 79).

A citação ilustra a forma como o ambiente acadêmico não reconhece os saberes e as culturas africanas. Então, para compreender e analisar uma comunidade, um grupo, uma festa que seja de matriz africana, é necessário que busquemos outras referências, e não apenas as que enaltecem e fortalecem apenas as histórias dos vencedores e heróis brancos. Ainda, para compreensão de nossa história, de nossa formação, de como somos educados, é necessário pensarmos sobre o sistema de

educação vigente, que, muitas vezes, desqualifica e discrimina as pessoas e as culturas negras.

A forma como somos educadas(os) define nossas ações, nossas visões de mundo e nossa maneira de compreender a realidade. Sabemos que somos educadas por um modelo que prioriza a visão de mundo europeia e desqualifica nossas culturas.

É através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na história. Privado da escola tradicional, proibida e combatida, para os filhos negros, a única possibilidade é o aprendizado do colonizador. Ora, a maior parte das crianças está nas ruas. E aquela que tem a oportunidade de ser acolhida não se salva: a memória que lhes inculcam não é de seu povo; a história que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve e do inverno que nunca viu, da história e da geografia das metrópoles; o mestre e a escola representam um universo muito diferente daquele que sempre a circundou (MUNANGA, 2009, p. 35).

Desse modo, podemos ver que as teorias e o modelo de educação, desde há muito tempo, estão focados no saber do colonizador. Por isso a pesquisa em educação que pretende ser transformadora deve ter outros olhares e abordagens que permitam conhecer outras visões de mundo e diferentes maneiras de ensinar e aprender. Além de buscar ter esses outros olhares e abordagens, é importante também buscar colocá-los em prática para que de fato haja reconhecimento e valorização dessas formas diferenciadas de educar e educar-se.

As formas de aprender e ensinar no universo africano são diversas e diferentes daquelas com que estamos acostumados a vivenciar na educação formal; até mesmo o termo educação para africanos não quer dizer a mesma coisa que entendemos. É preciso “pôr sentido” (SILVA, 2003a, p. 192), para vermos e buscarmos compreender as diversas maneiras de se educar e educar-se.

Entre africanos, termo educação é utilizado para referir-se a conhecimentos, valores, posturas ensinados em estabelecimentos de ensino (SILVA, 1996; 1998; 2000). Segundo Tedla (1995) e Maiga (1998) esta palavra não existe nas línguas tradicionais africanas, ela entra em África com as escolas, tais como concebidas, organizadas e implantadas pelos europeus. Entre afro descendentes (Brasil, Peru, Porto Rico, Estados Unidos) o emprego dos termos educar-se, ser educado está ligado a posturas, valores, comportamentos, conhecimentos reconhecidos pela classe social e grupo racial branco que detém o poder de governar as sociedades de que aqueles, embora façam parte, são excluídos (SILVA, 2002, p. 01).

Nas manifestações de matriz africana, como a congada, por exemplo, aprende-se e se ensina



a partir de uma totalidade, portanto, o corpo participa, conduz e vive aquele ensinar e aprender de maneira inteira, sem dissociações que nos foram inculcadas por um modelo de educação que prioriza uma única maneira de aprender e de ensinar.

Para o africano o corpo não se opõe ao espírito. Ele está dentro do mundo, no mundo; o indivíduo, a comunidade e o universo não vivem em justaposição, mas definem-se como uma comunhão alimentada pelos incessantes intercâmbios da vida. O diálogo ficou fixado na palavra, na imagem, nos sinais e símbolos, no ritmo, nas ações mágicas, nos ritos e nos cultos (ALTUNA, 1985, p. 77 apud OLIVEIRA, 2004, p. 122).

Nesse modelo de educação europeu que herdamos, a emoção e o sentimento não fazem parte do aprender e do ensinar. Somos separados como peças e usamos cada peça em determinado momento, como convém para servir e manter esse modelo de educação ao qual fomos e somos submetidos.

Para conhecer nossas histórias, nossas raízes, é necessário que nos voltemos às nossas casas, aos nossos pais, familiares, vizinhos, amigos, com os quais no educamos todos os dias. Para que possamos conhecer um pouco mais de nossa história, é necessário que olhemos além das janelas que nos são impostas, com paisagens muitas vezes estranhas e com as quais não nos identificamos. A tradição da congada em Uberlândia garante a transmissão de saberes, contribui para a formação e para a transformação de seus participantes, viabiliza a convivência e a troca de experiências.

A tradição se torna central para a compreensão da cosmovisão africana. Existe uma expressão popular que diz: “Na África quando morre um velho desaparece uma biblioteca”, pois a literatura oral sempre foi uma grande riqueza cultural e os povos ágrafos são considerados povos de extraordinária memória. [...] A transmissão ocorre através dos ritos, mitos e das festas que são sempre espaços sagrados. É através delas que a pessoa atinge o mundo pleno do ser (OLIVEIRA, 2004, p. 118).

Dessa forma, entender a congada na perspectiva das africanidades nos permite reconhecer elementos que não poderiam ser reconhecidos se estivéssemos vendo essa manifestação puramente sob a visão de mundo europeia. Aprender e conhecer as africanidades mostra-se extremamente importante para nosso convívio uns com os outros e para sabermos de nossa própria vida, nossas histórias e heranças culturais.

Meira (2007, p. 106), ao analisar a congada em Uberlândia, o Grupo Baiadô, a capoeira

angola e o *break dance*, apresenta os “aspectos populares da educação” e os define como: “estratégias de ensino e aprendizado, que as expressões de cultura popular se utilizam na socialização, propagação, disseminação e transmissão de seus conhecimentos”.

A visão apresentada pela autora sobre as estratégias de aprender e ensinar na cultura popular se entrelaça com a visão de mundo das africanidades, visto que, nesses dois aspectos, temos características, como a experiência de vida real e concreta, o aprendizado coletivo e colaborativo e o aprendizado por meio do corpo, da poesia, da dança, dos provérbios.

Enfim, por meio dos aspectos populares de educação (MEIRA, 2007), chegamos às africanidades e, conhecendo as africanidades, podemos observar a trama composta pelos aspectos populares de educação que destacam e valorizam as diferentes maneiras de aprender e ensinar que acontecem por meio da memória, do corpo, da oralidade, das histórias de vida e das diferentes experiências que se juntam em cada pessoa que compõe o grupo.

Por caminhos diferentes, é possível chegarmos ao mesmo rio. Tanto nas africanidades, quanto nos aspectos populares de educação, sabemos que: “O mestre reserva segredos, mas não nega explicação” (PASTINHA apud ABIB, 2004, p. 62 apud MEIRA, 2007, p. 120).

## 7 A campanha: metodologia

*No caminho me aquilombei, no chão escutei quem ia e quem vinha  
Quem é do samba deseja enfrentar a peleja com tropa de linha.  
(Trincheira da Fuloresta, Siba e a Fuloresta)*

“O lápis parou no caminho e eu refiz a trajetória” (FREIRE, 2003, contracapa). Antes de denominar, classificar ou apontar teorias que contribuíram para a realização desta pesquisa, devo lembrar meu lugar de mediadora, educadora, pesquisadora e dançadeira. Quero salientar aqui que esse caminho será também autobiográfico, porque o fazer da pesquisa, o convívio, o aprendizado e as trocas de conhecimento durante a vida se misturam e ajudam a formar a pesquisadora, a educadora, a dançadeira e a mediadora que aqui vos fala. Portanto, minha trajetória define, inclusive, a escolha e a estruturação da metodologia desta pesquisa.

Minha aproximação com o Terno do Congado Marinheiro de São Benedito e com a congada em Uberlândia vem sendo feita há anos, por meio de encontros dançados e do convívio com o capitão José Pedro, no contexto do Baiadô, por meio das novenas e dos leilões do Marinheiro e de outros ternos que pude acompanhar, em conversas com congadeiras(os), no convívio com a Tenda Coração de Jesus – terreiro de Umbanda frequentado por diversos ternos da cidade, inclusive pelo Marinheiro de São Benedito, de interação também com a Tenda Pai Domingos da Guiné –, terreiro de umbanda liderado por Selma e por sua irmã “Cidica”; enfim, são inúmeros os momentos de festas e de trabalhos.

Essa vivência e esse convívio certamente definiram um lugar próprio para o olhar desta pesquisa.

Resumo aqui o pesquisar como uma mistura de sensações: a dor, a delícia, as contradições, as descobertas, o cansaço, a alegria de reencontros com pessoas e também com teorias, o prazer e a dificuldade em poder poetizar o texto e a dificuldade em me afastar. Enfim, pesquisar é um exercício que exige fazer as escolhas dos caminhos e, se preciso for, refazer as trajetórias.

Nomear as coisas, dar significados, enquadrar em teorias, classificar, analisar, produzir conhecimento, tudo isso está diretamente ligado ao fazer acadêmico. A pesquisa é também um fazer acadêmico e é realizada com diversos fins. Este estudo sobre a congada não é diferente. Gostaria de dizer que foi feito um esforço para que este trabalho contribua com as reflexões críticas sobre educação, as maneiras de ensinar e aprender e contribua também para o conhecimento de alguns processos educativos presentes na cultura popular.

Aqui utilizarei teorias e nomes já usados por outras pessoas, em outros contextos de estudo, que, sem dúvida, contribuirão para o desenvolvimento deste. Às vezes, buscarei outros nomes para

caracterizar especificamente esta pesquisa, o tema e o campo de investigação.

Algumas vezes, nomear, classificar e enquadrar esvazia de sentido, deixa formatado, por isso é tão difícil aliar a subjetividade à objetividade, as experiências de vida e os afetos ao contexto acadêmico, pois fomos educadas(os) a fragmentar e a encontrar caixas e formas para as coisas.

Dentro da academia, a visão de ciência e a produção de conhecimento valorizam pouco as subjetividades, levando-nos a crer que o conhecimento nem é algo produzido e pensado por homens e mulheres em formação e transformação junto ao mundo. Por isso, é necessário refazer o caminho, repensar maneiras de fazer ciência que considerem e valorizem a experiência humana, o contexto de estudo e as pessoas envolvidas.

Assim, neste momento do texto, faremos a “campanha” e andaremos por caminhos já trilhados, inventaremos outros, buscaremos ajuda para preparar o território para a festa acontecer. Enfim, neste capítulo, darei as pistas e apontarei os caminhos de realização deste estudo. Para isso, mais uma vez, buscarei ajuda nas rimas, imagens e histórias.



Marinheiro de São Benedito saindo do quartel para campanha.  
Foto: Eurípedes Luciano

Buscarei fazer uma reflexão e estruturar as ideias, sem deixar que as denominações empobrecem os pensamentos ou que a subjetividade seja esquecida.

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa

era a imagem de um vidro mole que fazia uma  
volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: “Essa volta  
que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada”.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro  
que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

(Manoel de Barros, *Livro das Ignorâncias*)

Refazer o caminho, buscar novas cores e sentidos, aliando vida e pesquisa, é também uma maneira de posicionamento dentro da academia. Acredito que esse desafio contribui na transformação da visão de pesquisa e traz coerência para esse fazer, porque somos pessoas em transformação, em formação, somos contraditórias, inacabadas, formamo-nos e nos educamos durante a vida, por meio dos convívios, dos afetos, das relações. “Somos muitas pessoas destroçadas”, como diz Manoel de Barros. Somos muitos fragmentos, somos múltiplos em nossas formações, cantamos para Xangô e, ao mesmo tempo, para Nossa Senhora do Rosário, na igreja.

Por isso, aliar vida e pesquisa é deixar emergir do texto as limitações, os conflitos, as relações que estão dadas e não buscar o enquadramento a todo o custo. Pôr sentido no fazer da pesquisa, trazendo as experiências, relacionando as ações às teorias, criar novos caminhos, isso não significa simplificar, fazer menos ou não problematizar, pelo contrário, esse é um exercício difícil e desafiador que buscaremos fazer aqui.

O presente trabalho foi realizado considerando e valorizando toda a minha trajetória até aqui, envolvendo diálogos dançados, os trabalhos anteriormente compartilhados, as andanças, as festas, enfim, toda uma vida de experiências junto a esse contexto.

Como dito anteriormente, minha aproximação com essas pessoas e com a congada não se deu agora e nem apenas pela presente pesquisa. Então, posso dizer que os momentos de “coleta de dados” se iniciaram há mais tempo. É fato que, para este estudo, buscamos conhecer e identificar os processos educativos do Terno, estruturando a pesquisa e a coleta de dados com essa finalidade, mas não deixei de lado as vivências e experiências já trocadas e vividas.

Desse modo, nessa campanha, aliados às teorias, esses caminhos também serão traçados a partir de minha experiência e de minha biografia construída por meio da dança, do canto, dos trabalhos, das festas com congadeiras(os), em diversos contextos, e, com isso, teremos mais elementos que nos ajudarão a conhecer quais são os processos educativos e como eles acontecem dentro do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito.

Assim, a partir da aproximação já existente, pude, por intermédio de José Pedro Simeão Alves e Selma Maria Silva Souza, convidar algumas pessoas para realizarmos esta pesquisa, que para mim marca mais uma etapa de troca de experiências e reforça os laços já existentes.

Este estudo foi feito a partir de uma abordagem qualitativa. Essa abordagem considera e valoriza as visões de mundo e as formas como os colaboradores(as) deste trabalho dão sentido às suas vidas no contexto do estudo proposto, o da congada de Uberlândia, MG.

Neste tipo de pesquisa, as experiências de vida de pesquisadoras(es) e colaboradoras(es) são consideradas e valorizadas, por isso quem pesquisa influencia e é influenciado pelo fenômeno estudado. Essa visão de pesquisa, portanto, não valoriza apenas números ou tabelas de classificações com resultados puramente comparativos, pelo contrário, permite que existam trocas entre as pessoas envolvidas, valorizando o diálogo e a interação entre pesquisadora e colaboradoras(es).

Outra característica da pesquisa qualitativa é o posicionamento da pesquisadora em se preocupar em apreender e perceber o modo como as colaboradoras(es) interpretam suas experiências e como elas(es) próprias(os) estruturam o mundo em que vivem.

Ao nos propormos a uma investigação qualitativa, é importante considerarmos as experiências do ponto de vista das(os) participantes da pesquisa. Desse modo, esse processo de investigação reflete um diálogo entre pesquisadora e colaboradoras(es) (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Nós, indivíduos, estamos em constante interação com outras pessoas, com as diversas formas de viver, pensar, agir e, a partir de nossas experiências, escolhemos caminhos. Nossas referências são formadas por essa interação entre diferentes mundos ou diferentes visões de mundo. E, para interpretarmos o mundo, necessitamos, todas nós, educadoras(es), congadeiras(os) e dançadeiras(os), do auxílio dessas referências, de outros pontos de vista. Nesta pesquisa recorro sempre aos meus caminhos, antes construídos com essas pessoas, em diversos contextos, para me auxiliar nas interpretações aqui apontadas.

Os indivíduos interpretam com auxílio dos outros – pessoas do passado, escritores, família, figuras da televisão e pessoas que se encontram em seus locais de trabalho e divertimento – mas estes não o fazem deliberadamente. Os significados são construídos através das interações (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 55).

Não buscamos números ou quantidades para comprovar experimentos, e sim compreender o

fenômeno de maneira coletiva e colaborativa, considerando as experiências e valorizando as trocas. Nesse caso, buscaremos compreender um pouco mais sobre a prática social da congada, por meio dos processos educativos que estão presentes nessa manifestação cultural, valorizando o saber de experiência, a oralidade e a memória.

Neste estudo, abordaremos:

As contribuições do conhecimento popular, ou folclore<sup>35</sup>, a ciência do homem comum. Ela é o conhecimento prático, empírico, que ao longo dos séculos tem possibilitado, enquanto meios naturais diretos, que as pessoas sobrevivam, criem, interpretem, produzam e trabalhem (BRANDÃO, 1985b, p. 44).

Como estratégia de investigação, realizei uma pesquisa participante, com o propósito de considerar e valorizar a interação e a aproximação já existente entre mim e as(os) colaboradoras(es), buscando compreender como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem dentro do Terno.

A pesquisa participante viabiliza a participação da comunidade, por meio da interação entre pesquisadora e colaboradoras(es) na análise da realidade na qual essa comunidade pesquisada está inserida, ou seja, na realidade de ser congadeira(o). Isso só é possível por meio do diálogo e do respeito presentes no processo da pesquisa participante. Portanto, é uma atividade de pesquisa educativa voltada para a ação, na qual todas as pessoas envolvidas trabalham, aprendem e ensinam com base nas trocas que acontecem durante o processo de pesquisa.

Por isso “nossa finalidade imediata é examinar este processo de produção do conhecimento científico em vez do próprio produto final representado por objetos, artefatos, leis, princípios, fórmulas, teses, paradigmas ou demonstrações” (BRANDÃO, 1985b, p. 44).

Meu convívio com José Pedro e a proximidade já existente com algumas pessoas do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito foram de fundamental importância para me reaproximar e interagir em alguns momentos da festa. Nas campanhas, nos leilões, nos terços, na preparação das roupas e dos cabelos, enfim, nos momentos anteriores e durante a festa, eram-me atribuídas algumas funções pela coordenadora e madrinha Selma e também por outras pessoas do Terno. Essas funções eram para ajudar a organizar a saída, a fim de rezar o terço, ficar atenta para que o grupo pudesse atravessar as ruas com tranquilidade, buscar água, dar uma carona, organizar a “vaquinha” do ônibus para percorrer a cidade no dia das visitas; enfim, pude aprender e trocar experiências em

---

<sup>35</sup> Este termo é usado pelo autor. Nesta pesquisa não usaremos tal termo para identificar as manifestações da cultura popular.

todos esses momentos e ter grandes “prosas” que me renderam emoções, questionamentos, contradições, alegrias.

Eu, ao mesmo tempo em que observava os momentos da festa como pesquisadora, buscando o afastamento, aproximava-me e interagia, fazendo pequenas tarefas que ajudavam o grupo. Eu observava e era observada, influenciava e era influenciada por aqueles momentos em que certamente ocupava vários lugares: dançava, cantava, anotava, buscava água, perguntava, respondia. Junto com o Marinheiro de São Benedito, colocava meu barco nas águas que se misturavam em ondas de dúvidas, certezas, estranhamento e emoção.

A observação participante pode ser parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam não apenas como uma estratégia no conjunto da investigação, mas como um método em si mesmo para a compreensão da realidade (MINAYO, 2004, p. 135). Definimos observação participante como um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (SCHWARTZ; SHWARTZ, 1955, p. 355 apud MINAYO, 2004, p. 135).

Nessa proposta de investigação, as barreiras criadas para separar pesquisadora e colaboradores(as) devem ser superadas, e o diálogo deve ser estabelecido para que existam trocas e aprendizados, não em um sentido hierarquizado do saber acadêmico, pelo contrário, nesse procedimento, todas(os) aprendem umas(ns) com as(os) outras(os). Assim, nesta investigação, entendemos a pesquisa participante como:

Uma pedagogia de criação solidária de saberes sociais em que a palavra-chave não é o próprio “conhecimento”, mas é, antes dele, o “diálogo”. O diálogo de e entre ideias e experiências de pesquisas participantes que estende a um diálogo entre grupos e povos, para quem a busca do conhecimento de si e de sua realidade é parte do desafio de sonhar a possibilidade de virmos a transformar aos poucos o mundo do mercado em que vivemos em direção ao mundo da vida (BRANDÃO, 2006, p. 38).

Essa metodologia de trabalho é um processo coletivo e uma experiência educativa em que a comunidade e os sujeitos colaboradores participam do processo. Segundo Brandão (2006), trata-se de um enfoque de investigação social com o objetivo de promover a participação para o benefício



dos participantes da investigação. Esses participantes são mulheres e homens oprimidos, marginalizados, explorados. Trata-se, portanto, de uma atividade educativa de investigação e ação social (BRANDÃO, 1999).

Desse modo, não interessa isolar o fato e buscar uma análise pura e simples à luz dos conhecimentos produzidos dentro da academia, a fim de forjar regras e estabelecer comprovações. Aqui, procuro enfatizar que as(os) colaboradoras(es) deste trabalho vivem a congada em seu dia a dia, e a mim coube a tarefa de, junto a elas e eles, refletirmos criticamente sobre as diversas maneiras de se ensinar e aprender dentro de um grupo de congada.

O processo da pesquisa nos transforma e enriquece, por isso devemos estar atentas(os) e abertas(os) às trocas e aos aprendizados, pois congadeiras(os) vivem e interpretam a prática social da congada e atribuem a ela significações que estão intrinsecamente ligadas aos seus modos de vida. Desse modo, não nos cabe classificar, e sim compreender as diferentes maneiras de ser e estar no mundo, buscando relações mais justas, por meio da ação, para a transformação das realidades que oprimem e segregam homens e mulheres negras, impedindo suas práticas culturais e desvalorizando seus conhecimentos, fortalecendo preconceitos e a intolerância.

A pesquisa em educação deve ser, portanto, uma maneira de lutarmos para transformar. “Os pragmáticos nos acusam de ser românticos porque queremos transformar o mundo e porque não nos adaptamos a esta realidade injusta” (FREIRE, 2008b?, p. 57). Por isso salientamos que a “curiosidade epistemológica”, segundo Paulo Freire (2008b), deve estar fundamentada na dúvida, na indagação, na reflexão crítica e na tomada de consciência.

As certezas, muitas vezes, tornam perigosos os caminhos da pesquisa, pois “não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas” (FREIRE, 1996, p. 63).

Este estudo foi realizado no município de Uberlândia, MG. A cidade possui 634.345 habitantes (IBGE, 2009) e é a segunda maior cidade do estado. Localiza-se no oeste de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, sendo o principal centro urbano da região.

O Terno escolhido para a realização da pesquisa foi o Marinheiro de São Benedito. O critério de escolha do Terno se fundamentou no tempo de existência e na participação do grupo na Festa da Congada de Uberlândia, sendo que o tempo de existência está diretamente relacionado com a tradição do Terno na congada. O Marinheiro de São Benedito está sob o comando da família Silva desde 1970.

Outro importante critério de escolha deste Terno foi minha familiaridade com José Pedro e

minha participação anterior em rituais e festas, junto com pessoas do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, por meio do Baiadô. O processo de aproximação vivido é marcado principalmente pelas interações festivas e pelos trabalhos realizados anteriormente.

O Marinheiro de São Benedito tem seu quartel localizado na Rua Nicarágua, 185, no bairro Tibery. No quartel moram algumas pessoas da família de Selma, madrinha e coordenadora do Terno. O Marinheiro de São Benedito conta com a participação de cerca de 250 pessoas. Segundo o capitão José Pedro, esse número pode variar até 400 pessoas, contando com as famílias dos congadeiros e das congadeiras que passam pelo Terno durante a preparação e no dia da festa.

### **a. Os passos da pesquisa, contato e aproximação**

A partir da aproximação já existente entre mim e alguns participantes do Terno, pude apresentar a proposta da presente pesquisa primeiramente ao capitão José Pedro e à coordenadora e madrinha do Terno, Selma. Fizemos, então, uma conversa, e expliquei sobre o estudo, seus objetivos e como pretendia realizar as rodas de conversa e o acompanhamento do Terno para a coleta de dados. Perguntei a eles se poderiam dar a permissão para que eu realizasse a pesquisa e se era de interesse do grupo me receber como pesquisadora. A madrinha Selma, juntamente com o capitão José Pedro, mostraram-se favoráveis à proposta, sugeriram alguns congadeiros e algumas congadeiras e ficaram de consultar outras pessoas do terno para a colaboração e participação na pesquisa.

É importante salientar ainda que o contato preexistente objetivou a aproximação dos universos popular e acadêmico. José Pedro e Selma participam de outras ações, nas quais universidade e escolas estão envolvidas.

### **b. As congadeiras e os congadeiros: colaboradores e colaboradoras da pesquisa**

Para convidar os participantes do Marinheiro de São Benedito que fariam parte da pesquisa, consideramos os seguintes critérios: a) função exercida dentro do grupo; b) idade; c) gênero (sendo que nos interessava saber sobre a experiência de homens e mulheres dentro do Terno).

#### **i. As congadeiras**

Selma Maria Silva Souza é negra, madrinha e coordenadora do Marinheiro de São Benedito. Participa do Terno há 40 anos, desde quando sua família iniciou os trabalhos com esse Terno na cidade de Uberlândia. Está como coordenadora geral desde que sua mãe, dona Gessy Balbina Silva,

ficou doente e não pôde mais assumir sozinha todas as responsabilidades dos trabalhos com o Terno.

O Terno Marinheiro de São Benedito, assim como a maioria dos ternos de congada da cidade, tem uma madrinha que coordena as atividades do grupo, durante todo o ano, e essas atividades podem ou não estar ligadas à Festa da Congada. Selma também é mãe de santo e uma das lideranças da Tenda de Umbanda Pai Domingos da Guiné.

Lethicya Cristina Silva é negra, tem onze anos de idade, é sobrinha de Selma e “praticamente nasceu”<sup>36</sup> dentro do Terno Marinheiro de São Benedito. Dentro da composição do Terno, ocupa a função de Menina da Bandeira, junto com outras meninas, que dançam segurando a fita no estandarte, o qual vai à frente do grupo e leva o nome do Terno e a imagem de São Benedito.

## **ii. Os congadeiros**

José Pedro Simeão Alves é negro, faz parte do Terno Marinheiro de São Benedito há 30 anos, é capitão e confecciona instrumentos musicais para o grupo. É responsável, junto com os outros capitães, pelos ensaios da caixaria, pela composição de músicas e batidos. José Pedro começou sua participação na congada no Terno de Sainha, passou pelo Catupé e é reconhecido e respeitado como capitão de congada.

Rodney Benedito Cosme da Silva é negro, tem 16 anos, faz parte do Marinheiro de São Benedito desde os três anos de idade. Dentro do Terno ele faz parte da percussão denominada caixaria e toca o instrumento maracaná.

Ariel Souza Andrade tem 18 anos, é branco e faz parte do Marinheiro de São Benedito há dez anos. É músico e também compõe a caixaria do Terno, tocando repilique e maracaná.

## **c. A coleta de dados**

Neste momento, o texto será escrito na terceira pessoa do plural, valorizando a presença e colaboração de minha orientadora e das colaboradoras e dos colaboradores da pesquisa. Como procedimento de coleta de dados, lançamos mão de rodas de conversa e das observações registradas em diário de campo.

Uma roda de conversa é uma chance de explorar algum tópico, um estudo, um conceito que se pretende aprofundar por meio da experiência das pessoas. Experiência esta que pode ser tão valorosa [...]. Esta é uma atividade que não se pretende rigidamente estruturada, mas a diferenciamos de uma conversa cotidiana por ser um pouco formal, por ser regida por

---

<sup>36</sup> Expressão retirada dos depoimentos das(os) colaboradoras(es).

perguntas específicas [...] (NOGUEIRA, 2008, p. 71).

Foram realizadas duas rodas de conversa, as quais foram estruturadas de maneira que nós, pesquisadora e colaboradoras(es), pudéssemos dialogar sobre a prática social da congada com enfoque nas experiências do Marinheiro de São Benedito. Todos os diálogos foram gravados em áudio e vídeo e depois transcritos.

Os participantes da primeira roda de conversa foram: capitão José Pedro Simeão Alves, a coordenadora e madrinha do Terno, Selma Maria Silva Souza, e Ariel Souza Andrade. Essa roda de conversa foi realizada em setembro de 2009, durante a campanha (preparação para a Festa da Congada). A segunda roda de conversa foi realizada em novembro de 2009, após a Festa da Congada, e contou com a presença de todas as colaboradoras e os colaboradores: capitão José Pedro Simeão Alves, a coordenadora e madrinha do Terno, Selma Maria Silva Souza, bem como Ariel Souza Andrade, Lethicya Cristina Silva e Rodney Benedito Cosme da Silva.



Segunda roda de conversa, realizada na Tenda Pai Domingos da Guiné. Da esquerda para a direita: Selma, Lethicya, Ariel, Rodney, Vívian e José Pedro. Foto: Eurípedes Luciano

As questões previamente elencadas buscaram saber sobre a história do Terno, os papéis desempenhados por homens e mulheres dentro do grupo, as relações de ensino e aprendizagem, a importância de fazer parte de um grupo de congada na cidade e o significado que a congada adquire

na vida de cada um dos participantes e das participantes da pesquisa.

Destacamos que a elaboração anterior dessas questões desencadeadoras só foi possível tendo em vista já existir um contato e uma proximidade entre mim e o Terno Marinheiro de São Benedito, pois, a partir da convivência, buscamos conhecer e sermos reconhecidos, em uma troca de questionamentos entre pesquisadora e colaboradores(as).

Conhecer e estabelecer uma relação de confiança com colaboradoras(es) é fundamental para que possamos fazer as perguntas, ouvir e respeitar. Dessa forma, não elencamos aleatoriamente perguntas, apenas a partir de nosso conhecimento teórico-acadêmico, mas sim com base nessa convivência existente.

As observações e o acompanhamento do Terno foram registrados em fotos e descritos em diário de campo. Os colaboradores e as colaboradoras da pesquisa autorizaram a publicação de seus nomes reais, bem como dos dados coletados nas rodas de conversa e no acompanhamento do Terno. Apenas em alguns momentos da conversa a coordenadora e madrinha Selma pediu para que não publicasse nem gravasse as informações referentes a algumas atividades de preparação do Terno para a festa.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos e obteve parecer favorável, com o número 522/2009.

#### **d. Organização e análise dos dados: garimpando categorias**

Para a realização da análise dos dados, fundamentamo-nos na metodologia de análise de conteúdo proposta por Minayo (1994). Por meio da análise de conteúdo, pudemos encontrar “respostas” para as questões anteriormente formuladas e, ainda, “confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses)” (MINAYO, 1994, p. 74).

Os dados coletados foram organizados com vistas a compreender os significados atribuídos por congadeiras e congadeiros à prática social da congada. Os temas presentes nos depoimentos são fundamentais para nossa compreensão acerca dessa manifestação cultural. Por meio deles, é possível compreendermos as visões de mundo, as diversas maneiras de aprender e ensinar, os trabalhos de homens e mulheres realizados na preparação da Festa da Congada, a fé, enfim, toda essa diversidade de acontecimentos, aprendizados e detalhes que compõem o Terno Marinheiro de São Benedito.

A análise dos dados se estruturou nas seguintes fases, descritas por Minayo (2004):

- pré-análise: compreendeu a leitura e a releitura minuciosas de todos os dados transcritos;
- exploração do material: nesse momento, partimos para a busca dos temas presentes nas falas das(os) colaboradoras(es); os temas foram elencados pelo número de vezes que apareciam nas falas registradas. Alguns exemplos dos temas que aparecem nas falas são: fé, experiência, dança, colaboração, hierarquia, relação entre mais velhos e mais novos, entre outros.
- tratamento dos resultados obtidos e interpretação: já com os dados elencados na etapa anterior, partimos para a estruturação das categorias de análise.

Desse modo, para a pré-análise dos dados, foram feitas as escutas e transcrições das entrevistas, bem como a visualização de fotos e vídeos, realizados nos momentos de coleta. Essa pré-análise foi feita com o objetivo de conhecimento geral do material coletado, bem como para que, a partir da fala dos colaboradores e das colaboradoras e à luz dos depoimentos, do diário de campo e das referências bibliográficas, pudéssemos agrupar os dados em categorias temáticas.

É relevante enfatizar que nossa vivência e nossa experiência de vida constroem diretamente nosso olhar e nosso enquadramento no momento da pesquisa, ou seja, vejo, enquadro, escolho, elenco o que me parece mais coerente no momento. Não somos seres completos, tampouco nossa pesquisa o é, estamos em permanente construção e transformação, por isso vejo assim esse momento de pesquisa, como uma “incompletude”. As categorias nos fogem às mãos, aos olhos, às páginas.

Após elencar os temas, partimos para a organização dos dados, em um quadro já com as categorias de análise estruturadas. A partir da análise desses dados, juntamente com os registros das observações, como as fotos e o diário de campo, chegamos, então, a quatro categorias temáticas: aprender para a vida – a oralidade, a memória e as experiências; segredos e mistérios – o mundo visível e o mundo invisível; resistência, luta e preconceito; e colaboração e fé.

O quadro a seguir apresenta um exemplo de como os dados foram organizados.

Categorias temáticas	Aprender para a vida: a oralidade, a memória e as experiências	Segredos e mistérios: o mundo visível e o mundo invisível	Resistência, luta e preconceito	Colaboração e fé
Falas das rodas de conversa	<p>1) E hoje eu vou ensinando pros novatos, porque eu já tenho muita experiência, né? Já participei de muita festa e toque, essas coisas. Os apitos, o jeito que o capitão fala, do jeito que o capitão olha pra você, você já sabe o que ele está te transmitindo, o jeito que ele mexe o bastão, o jeito que ele está apitando, você já sabe se é pra ir devagar, se é pra ir rápido, se está chamando a atenção ou se é para parar. Cada ano você vai ganhando mais experiência e cada ano é uma diferente, cada ano vai ter uma experiência que vai te ajudar na sua vida dentro do congado (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).</p>	<p>1) Porque tem mistério, eu estou sempre passando pra frente, mas as pessoas não conseguem, eu acho que é porque ainda não é hora de aprender, né? (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).</p> <p>2) Eu vou procurar orientação com São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, pra ver se já está na hora (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).</p>	<p>1) Se o congado sair um pouco da cultura também sai, qualquer um pode morrer a qualquer hora, o congado não. Se Deus quiser, vai viver para sempre, vai passando de um em um, do pequeno para o maior, do maior para o pequeno, e, se um dia chegar na minha mão, vou ficar muito feliz (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).</p>	<p>1) A importância pra nós, nossa maior importância foi que a fé de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito deu pra nós, de a gente ter uma família muito unida, então, cada um pegar um pouquinho da responsabilidade pra não deixar uma pessoa só, pra não deixar só o Luizão. Então, cada um pegou uma responsabilidade passada pela minha mãe... (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).</p>
Falas das rodas de conversa	<p>2) A mãe Gessy, todo mundo considera ela muito mais do que uma mãe, ela era aquela pessoa que sentava aqui e falava: “Vem aqui, meu filho”. Dava conselho pra um, pra outro, contava a história do Terno, como que era. Ela era uma grande compositora, ela não escrevia, mas fazia música. Então, aqui no Marinheiro, em muitos ternos, eu não sei como que é, mas aqui no Marinheiro não só na festa a pessoa vem pra cá, só de entrar aqui dentro já se sente em casa, né? Nessa família aqui, tem muitos meninos cresceram aqui dentro. Quando eu comecei aqui, vi menino nascer, vi menino crescer... (José Pedro, roda de conversa,</p>	<p>3) Esse ano mesmo eu não ia dançar porque eu estava chateado, só que eu tenho uma devoção muito grande por Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e, uma semana antes dos ensaios, eu tive um sonho, eu sonhei com eles, e eles me falando pra eu dançar... Então, se eles pediram, eu vou dançar e vou continuar e, já que é assim, eu vou continuar, não vou parar... (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).</p>	<p>2) As pessoas falam assim pra mim: “Ai, Ariel, logo você, você é branco e dança congo? Sai disso!”. Aí eu falo: “Não, eu acho que na congada não tem essa questão de você ser branco ou de você ser negro, você ser amarelo, azul” (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009).</p>	<p>2) Mas o Marinheiro é isso, por que o Marinheiro é isso? Tem essa formação, essa união, é porque é uma família mesmo, as pessoas se respeitam, uns amam os outros, um ajudando o outro, sempre estão se encontrando, preocupam-se com o outro, com a saúde do outro... É por isso que o Marinheiro é isso aqui, tem essa força que tem aqui dentro (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).</p>

	setembro de 2009).			
Falas das rodas de conversa	3) O Marinheiro que formou faz isso na vida da gente, quantos e quantos dançadores que passaram por aqui hoje nem dançam mais aqui e estão formados profissionalmente, é um pai, é um profissional, se livrou da cadeia, se livrou das drogas? (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).		3) É preto, é dança sem graça... (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009).  e a maioria das pessoas que vai ver e fica lá na praça ainda tem preconceito (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).	3) O Congado Marinheiro de São Benedito pra mim já é família, a Selma, o Elias pra mim é como uma família, e a devoção de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito tem muita história, tem história antiga, história recente, que, você tiver fé mesmo em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, você consegue. No dia da festa, você está pagando voto, porque aquilo que você conseguiu do ano passado e todo o ano é assim, então, o congado pra mim resumidamente é uma tradição que vem de muitos anos, que eu pretendo passar pros meus filhos, minha próxima geração (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

Então, de acordo com Minayo (2004), a partir de leituras e releituras minuciosas dos dados “brutos”, foi possível a exploração do material e o agrupamento dos dados em categorias temáticas, o que a autora chama de “unidades de registro que podem ser uma palavra, uma frase, um tema, um personagem [...]” (MINAYO, 2004, p. 210).

Então, seguindo esses passos, elencamos os temas presentes nas falas das colaboradoras, “a noção de tema está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, uma frase, um resumo” (MINAYO, 2004, p. 208).

Por exemplo, a categoria “aprender para a vida” carrega relações importantes. Durante todas as conversas, era afirmada a questão de que, no Marinheiro, o aprendizado é para a vida, ajuda a formar homens e mulheres para o mundo. Então, dentro de todos os temas elencados, como a dança, a fé, a luta, a confecção de instrumentos, está o aprendizado que ultrapassa os portões do quartel.

Assim, o(a) leitor(a) será guiado(a) pelas tranças deste texto a partir dessas categorias, nas quais agrupamos falas e situações registradas em diário de campo. Salientamos que a análise dos



dados ocorreu à luz da teoria estudada, com base nas observações feitas nas rodas de conversa com as(os) colaboradoras(es), nas experiências trocadas durante o curso das disciplinas, nas reuniões de orientação e na análise compartilhada.

#### **e. A análise compartilhada dos dados**

Este passo consistiu em retornar ao campo e, juntamente com as pessoas participantes da pesquisa, reler, perguntar, tirar dúvidas, analisar, repensar, a partir da análise feita, para que, conjuntamente, verificássemos se havia necessidade de mudanças.

Para a realização desta etapa, os dados analisados foram organizados em versos, de forma a facilitar a análise e a reflexão de todas(os) quanto ao aprender e ao ensinar no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito. Cada verso traz, pelo que eu pude perceber com relação ao aprender, ao ensinar, as trocas de experiências, a fé, as relações que se estabelecem entre o mundo visível e o invisível, a colaboração e a luta contra o preconceito. Com os versos prontos, segui para Uberlândia, para encontrar Selma, Ariel, Lethicya e Rodney. José Pedro estava em viagem, e nossa conversa foi feita depois, via telefone.

Encontro marcado na casa da Selma, sentamo-nos em volta da mesa e, mais uma vez, fomos conversar. Expliquei a estrutura do texto, a organização dos capítulos e que, no momento de qualificação, foram sugeridas algumas mudanças que seriam incorporadas ao texto final. Expliquei também que aquele momento era uma oportunidade para que, juntos, pudéssemos acrescentar ou retirar alguma coisa, repensar e, para isso, havia organizado alguns versos que contavam meu olhar sobre nossas conversas anteriores, sobre nossos convívios em outros espaços, como na campanha, nos leilões, entre outros.

Convidei, então, todas(os) para ouvirem minhas rimas e se pronunciarem, quando achassem necessário, e pedi também que essa intervenção fosse feita em verso. Todo mundo concordou, e iniciamos, então, a conversa em rimas. Nesse momento, estavam presentes mais dois componentes do Terno: Elói, marido de Selma e um dos capitães, e Fernanda, mãe do Ariel e também componente do grupo. Fernanda e Elói também deram suas opiniões sobre os versos e participaram da conversa. Antes de iniciar as rimas, li um pequeno texto que construía.

#### **i. Despenteando dados e revendo as certezas**

Sou aprendiz neste processo, e, por vezes, os versos falarão de meus aprendizados com

vocês e dos aprendizados e ensinamentos que vi acontecerem nesses momentos das conversas, das danças, das andanças e das rezas. Alguns de vocês me contaram, com outros eu pude dançar, com outros tantos ainda ouvi, aprendi e cantei junto, outros tantos também vi a partir de minha experiência e de meu olhar de querer ver. Por isso peço licença para rimar essas impressões nesse caminho que percorremos. Estão convidados a engrossar a rima, consertar e opinar, porque aqui, nesse momento, ocupo quatro lugares: o da pesquisadora, voltando-me aos colaboradores e às colaboradoras, o de mediadora, o de amiga saudosa e o de admiradora de fora e de dentro.

Tudo aquilo que conversamos nas rodas de conversa foi transcrito e está em um documento impresso em anexo a este. Os versos configuraram a linguagem indicada para a realização dessa etapa. Por vezes, perdemos o prumo da rima, vez que, para ser versadeira, é preciso versar sempre. Confesso que minhas rimas andam meio enferrujadas e que foi difícil revelá-las. Ao mesmo tempo em que é uma felicidade ter essa linguagem como forma de diálogo, é um desafio, porque conversar com congadeiras e congadeiros rimando é tarefa que requer “pé ligeiro<sup>37</sup>”!

Com quem dança dialogamos dançando; com quem canta dialogamos cantando; com quem bate tambor dialogamos batendo tambor; com quem versa dialogamos versando! Pois aqui seguem as impressões do que vimos, vivemos e aprendemos.

Dá licença, oiê  
Dá licença, oyá  
Dá licença os donos da casa  
Oi, dá licença pra eu chegar

O fazer da pesquisa “embrulha tudo”  
Embrulha, embaralha, pede clareza  
Refaz caminhos, constrói laços  
Nos faz repensar a certeza

Enxergar o óbvio no convívio  
Reconhecer as dificuldades no caminho  
Experimentar, reencontrar, direcionar o olhar  
Esquecer, lembrar, se aproximar e afastar

Aqui coloco algumas palavras  
Do que pude ver, conviver, ouvir

---

<sup>37</sup> “Faro fino e pé ligeiro”, ditado aprendido nas aulas e conversas com a professora Petronilha. Nesses momentos, soube também o que é “ter faca na bota”.

Careço trocar, despentear e reinventar  
Junto com vocês que fazem esta pesquisa existir

Aprendo, ensino, troco, convivo  
Mantenho, reinvento, transformo  
Resisto, revelo, dialogo  
Falo, reivindico, aceito

Muitas são as impressões  
Diversas são as formas de ver  
Entrelaçar o saber, tecer caminhos  
Dançando, ensino e posso aprender

Nos cortejos, nas novenas  
No passo e na batida  
Aprende-se muito dentro, fora do quartel  
Aprendo para a vida

Posto que a vida é quartel  
É tambor, é batida, é fé  
Congadear na vida  
Homem, menino e mulher

Na congada aprendo para a vida  
Estou no mundo como negro e negra  
Branco e branca que dança e versa  
A permanência e a existência

Entrelaço os saberes da experiência  
No trançar das fitas, no balanço do mar  
Em ser Marinheiro me coloco  
Me faço ouvir no meu cantar

Colaboro, resisto e ensino  
Aprendo, me reconheço  
Na luta e na resistência  
De ser congadeiro(a)

Aprendo para a vida  
Resisto, luto contra o preconceito

Na colaboração e na fé  
Tudo isso sem perder o respeito

Respeito pelo homem, pela mulher  
Pelo mais velho, pela criança  
Sei que aqui damos e recebemos  
Trocamos os saberes nos passos da dança

É tradição e é reinvenção  
É festa, é trabalho, é colaboração  
Sou eu na individualidade  
Sou eu na coletividade

“Eu sou porque nós somos<sup>38</sup>”  
Construindo nestes caminhos vou  
“Nossa” história de congadeiros  
“Nós somos porque eu sou”<sup>39</sup>

Canto a dor, a saudade, a tristeza, a alegria  
Me reconheço, me desconheço, me desloco  
Ocupo múltiplos, diversos lugares  
Neste momento como versadeira me coloco

Sou muitas, tantas revendo certezas  
Ora estou observadora, ora dançadeira  
Ora com caderno na mão, buscando a acadêmica clareza  
Tenho muitos lugares, mas não nasci congadeira

Canto, danço, verso, troco o passo  
Convivo, ajudo, atrapalho, vou na frente, sigo de lado  
Busco compreender no corpo a história contada  
Atenta com as mensagens entendo o verso cantado

Entendo o agradecimento, a louvação  
Mas ainda há a linguagem velada  
Aquele que não está dada, mas carece de atenção  
As relações não podem e não são simplificadas

---

<sup>38</sup> Tedla (1995).

<sup>39</sup> Tedla (1995).

É necessário “amolar”, afunilar, ampliar  
Rever, ouvir, perguntar, se abrir, viver  
Em cada momento está lançado o saber  
Não basta apenas “estar” para aprender – é preciso ser, interagir, fruir

Na academia aprendemos, trocamos, fazemos  
São tantas as teorias, os caminhos letrados  
Aqui temos também as regras, os caminhos  
Mas não estão no passo a passo prontos e acabados

É preciso buscar a “ética”, com outras tantas denominações  
É importante abrir os olhos, os ouvidos e o peito  
Existem certos lugares, quintais e quartéis  
Em que esta tal ética é nada mais que o respeito

Vejo de longe, me aproximo, torno a me afastar  
Neste caminho de pesquisa e de convivência  
Aprendo para a vida, na colaboração e na fé  
Na dança da resistência

Hoje trago aqui o que pude compreender  
Para o nosso entendimento do que é ensinar e aprender  
Com a permissão de vocês, por ora, encerro este estudo  
Trouxe os versos para serem despenteados, desarrumados, revistos

Pedi licença pra entrar  
Agora peço licença pra voltar  
Fico feliz em ser aceita  
Espiar de lá e de cá

A despedida não é um fim  
A curiosidade não é acabada  
Ainda temos muito o que aprender  
Com a prática social da congada.

Após a leitura dos versos, cada pessoa falou suas impressões, opiniões, e ninguém quis acrescentar nem retirar nada. Em seguida, surgiram conversas interessantes, principalmente com relação ao preconceito. Fernanda pôde relatar alguns momentos em que Ariel sofreu preconceito na escola por ser congadeiro. Disse ainda que a escola não valoriza essas práticas culturais e que não

vê ainda em Uberlândia projetos que trabalhem seriamente com a Lei 10639/03<sup>40</sup>. Pesquisas como esta podem contribuir também para a estruturação de projetos e ações que viabilizem a implantação da referida lei, que prevê o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Não basta reconhecer a cultura afro-brasileira, é preciso cumprir a lei, fazendo com que a história e a cultura africana e afro-brasileira estejam presentes nos currículos. Quem sabe assim começamos a respeitar as diversidades.

Selma disse sobre eu espiar de lá e de cá. Gostou desse momento ser feito em verso e disse: “Não quero acrescentar nada, só o momento de hoje, você faz mais alguns versos para colocar aí”.

É importante dizer aqui sobre a linguagem utilizada para esse momento da pesquisa. Reconheço a importância de fazermos análise compartilhada, conversar, repensar juntos, pedir opiniões, mas de nada vale esse momento se o diálogo não se estabelece, por isso, devemos nos atentar para a linguagem utilizada, para a maneira como retornamos a campo para analisar de forma compartilhada os dados e retornar aos frutos da pesquisa.

A linguagem acadêmica é complicada, difícil e perde seu valor fora de seu contexto. Quero dizer que voltar a campo com a pura transcrição dos dados analisados e categorizados a partir somente da linguagem acadêmica não seria suficiente para haver diálogo.

Destaco aqui a importância da subjetividade e de encontrarmos caminhos e linguagens que viabilizem de fato o diálogo. Percebo que a análise compartilhada em versos estreitou laços, fortaleceu o respeito e a confiança entre nós e possibilitou o entendimento deste texto acadêmico por meio da linguagem que essas mulheres e esses homens praticam no contexto da congada.

Desse modo, essa metodologia carrega, além das teorias nas quais me aporro, minha vivência anterior com homens e mulheres congadeiras com quem construo visões e audições de mundo para compreender os processos. Não se trata aqui de esgotar as possibilidades de análise nem de acabar e fechar portas, mas sim de apontar caminhos, reconhecendo que neste estudo cabem outros olhares e outros enfoques.

---

<sup>40</sup> A referida Lei estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica. Para dar base à implantação da Lei 10639/03, existe o Parecer CNE/CP 003/2004, que traz questões acerca da importância dessa Lei para a educação no Brasil. Para saber mais, consultar: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana Brasília DF. Outubro de 2004.

## **8 Colaborando, resistindo, lutando e aprendendo**

Colaborar, resistir, lutar e aprender são características presentes na prática social da congada. Por meio dela, congadeiras e congadeiros demonstram sua fé, mantêm e renovam a tradição e criam estratégias de ser e estar no mundo. Fazem-se ouvir por meio da poesia, colocam-se por meio da dança, reafirmam suas identidades e reforçam a importância do reconhecimento da congada como resistência negra, na qual homens e mulheres se educam e se formam para a vida.

Foi possível observar que, no Marinheiro de São Benedito, ocorrem processos educativos relacionados à fé, à colaboração, à experiência de vida, à luta, à resistência, ao preconceito e aos aprendizados e ensinamentos que se referem às relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Todas essas maneiras de se educar dentro do grupo trazem características do viver em comunidade, em que a colaboração e o respeito se fazem presentes.

A oralidade, a fé, a dança, a poesia a relação entre o mundo visível, real, concreto com o mundo invisível do sagrado e dos mistérios são elementos que permeiam as falas das colaboradoras e dos colaboradores deste estudo e nos mostram as visões de mundo que constituem o universo congadeiro.

Depois de “prosear” com Selma, Ariel, Rodney, Lethicya e José Pedro e consultar sobre o que vi, vivi e aprendi, trago alguns aprendizados sobre as maneiras de ensinar e aprender dentro de um Terno de congada.

“Você vai ver respeito mesmo dentro dos quartéis, tudo é passado um para o outro, a tradição é transmitida, é mantida. Aqui nos quartéis é assim, consulta todo mundo” (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

### **a. Aprender para a vida: a oralidade, a memória e as experiências**

“O Marinheiro ensina muito... Eu até me emociono muito quando eu falo tudo o que eu sou da minha vida, a minha formação profissional, minha formação como pessoa...” (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Os componentes que estão à frente do Terno, como a madrinha Selma, o capitão Moisés, capitão José Pedro, são pessoas conhecidas na cidade por sua simpatia e disposição em falar sobre o Terno, sobre a Festa da Congada, sobre a homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito

e convidam a todos e todas para darem uma passadinha lá no quartel – “Vai lá papar<sup>41</sup> com a gente”. Essa frase é dita e repetida inúmeras vezes no dia da festa.

Nos momentos em que visitei o quartel do Marinheiro nos dias de festa, encontrei, na maioria das vezes, o quartel cheio de pessoas da comunidade, de outros ternos, de universidades, enfim, é um Terno com grande visibilidade no cenário da congada. Essa visibilidade está aliada à tradição desse grupo na festa.

De acordo com Selma, madrinha do Terno e colaboradora da pesquisa, a tradição do Terno Marinheiro de São Benedito foi passada ao seu irmão mais velho, há algum tempo. Ela conta que seus pais, avós e bisavós já participavam de festas de congada em Patrocínio, MG:

A história do congado do Marinheiro de São Benedito, dentro da família Silva, que é aqui onde você está dentro deste quartel, é uma história tradicional. Essa história não vem totalmente só do congo Marinheiro de São Benedito, esta história vem dos meus bisavós, lá na frente, que eles também tinham congado. Essa tradição vem confraternizando a hierarquia, como meus pais, minha mãe participava, o pai dela era dono de um congo, dono de congado<sup>42</sup>, lá em Patrocínio, então, veio dela, veio da minha mãe essa tradição (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Essa foi uma breve explicação que Selma deu sobre a história do Terno Marinheiro de São Benedito e sobre o envolvimento dela e de toda a família com base nos ensinamentos da mãe Gessy. A partir dessa fala, é possível perceber a importância dessa tradição dentro da família e a valorização e o respeito por essa prática social. Hoje, a história do Terno Marinheiro de São Benedito já se fundiu com a história da família de Selma, como ela denomina: a família Silva.

Dar continuidade ao Terno Marinheiro de São Benedito, de acordo com os preceitos de sua mãe, Gessy, que já participava de congado anteriormente, uniu toda a família para esse propósito. Hoje, os mais velhos que sabem dessa história passam para os mais novos da família, que já nascem dentro desse contexto, em que a família já é o Marinheiro de São Benedito.

---

<sup>41</sup>Fazer uma refeição: almoçar ou jantar. É comum ouvir de capitães e madrinhas dos ternos de congada, em Uberlândia, essa expressão quando convidam para compartilhar o almoço ou jantar nos quartéis dos ternos.

<sup>42</sup>Segundo Selma, o dono do congo “é quem monta o congo pela primeira vez ou resgata um congo”. No caso do Marinheiro de São Benedito, o dono do Terno é o capitão Luizão, irmão de Selma, que o “resgatou” da mão do senhor Valdemar. O responsável hoje pelo Marinheiro, junto à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, é o capitão Elias, também irmão de Selma. No cartório, o Terno de Congado Marinheiro de São Benedito está registrado no nome de Selma. Segundo ela, esse registro no cartório é para que fique tudo certinho, o nome, as cores, e esse registro também permite ter um número de CNPJ.



Chegou lá o senhor Luiz, falou: “Eu não quero que esse congo pare, o senhor Valdemar não está com condições para continuar, eu vou dar um voto de confiança para vocês. Então, a partir deste ano, o Terno está na mão de vocês”. Com muita satisfação, o Luizão veio para dar a notícia para nossa mãe, dona Gessy, e perguntou para ela e disse: “Eu tomei uma decisão sem falar com a senhora, mas ainda tem tempo: a partir do ano que vem, o Terno de Congado Marinheiro de São Benedito vai sair aqui da nossa casa”. A minha mãe, que já tinha a hierarquia dela, que já veio dos pais dela e dos avós dela, falou: “Vamos tentar sim. Mas eu gostaria que fosse dentro das regras que eu aprendi com meus pais e meus avós”. O Luizão falou: “Então, a senhora passa para nós, para gente poder ter a hierarquia certa”. A mãe sentou com eles e foi conversar e mostrou para eles a responsabilidade como que é. Não é você ter um Terno de Congado e você apenas pegar um soldado e bater na caixa, que não era isso. Você tinha que ter responsabilidade redobrada. Então, os três que pegaram ali se entenderam e falaram: “Nós vamos tentar, mas com a ajuda da senhora, a senhora vai ser uma das fundadoras do congo”. E assim, no ano seguinte, o Terno Marinheiro de São Benedito já saiu na mão do Luizão, com minha mãe Gessy e nós, que somos filhos. Eu era muito pequenininha, mas eu nunca deixei de gostar dessa festa, nunca deixei de ajudá-los também. Isso foi em 1971, saiu com nossa família, saiu a trajetória... Aqui no Terno Marinheiro de São Benedito (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Em uma conversa com Luizão, ele me disse que escondeu a bandeira do Terno por um tempo. Durante esse tempo, ele conversava com as pessoas para que o ajudassem com o Terno e também ia convencendo sua mãe a aceitar a bandeira do Marinheiro de São Benedito. Dona Gessy, primeiramente, mostrou-se contra a responsabilidade de aceitar continuar com o Terno, mas depois disse que aceitaria, se fosse de acordo com os ensinamentos que ela havia aprendido com seus pais e avós.

Veremos aqui, por meio do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, relatos referentes à congada de Uberlândia. Os grupos são diferentes entre si, têm características próprias, como as músicas, as cores das fardas<sup>43</sup>, os instrumentos musicais utilizados, bem como as diferentes visões de mundo acerca dessa prática social. Selma fez questão de afirmar que:

a tradição do congado que existe, a gente fala sobre nosso Terno, porque, como diz aquele ditado, eu falo da minha hierarquia, é o que eu aprendi, o que nós aprendemos e o que nós ensinamos. Eu não sei os outros ternos lá fora, eu não tenho condições de sair daqui e bater na porta do outro e ficar espiando para ver o que ele está fazendo, então, eu falo do que é meu (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Cada terno, assim como suas características, tem também suas histórias e sua tradição dentro da congada. Cada grupo, com suas particularidades, forma o cenário da congada em Uberlândia. A partir da história de cada grupo, podemos perceber as visões de mundo de homens e mulheres que

---

<sup>43</sup> Nome dado às roupas usadas por congadeiras e congadeiros no dia da festa.

compõem os ternos.

Entendemos visão de mundo não como “uma moldura onde todos e tudo devem se encaixar, mas referência primordial, sempre avaliada e refeita para entender a vida, as pessoas, a sociedade [...]” (SILVA, 2005a, p. 38). Desse modo, percebemos, pela fala da Selma, corroborando com Silva (2009), que as visões de mundo são distintas, formam-se e se refazem para que possamos compreender os processos históricos e as transformações pelas quais passam homens e mulheres congadeiras.

Por isso, para que possamos compreender os processos educativos presentes na congada, é importante compreendermos também a visão de mundo das pessoas que fazem parte da congada. A partir das falas dos colaboradores(as) deste trabalho, percebemos características das visões de mundo de raiz africana.

Então, eu tenho isso comigo, o padrinho Luizão me ensinou, a mãe Gessy me ensinou de experiência, porque ela conversava muito com a gente, a mãe Selma me ensinou, o padrinho Elói me ensinou. Hoje, eu sei fazer música, sou compositor, igual eu faço no Baiadô e faço no congado. Quem me ensinou foi o padrinho Elói. Eu me inspirei no padrinho Elói, eu via ele fazer música e fui aprendendo com ele, essa coisa de comandar, de ensinar, de ter paciência. A mãe Gessy me ensinou a paciência, de comandar, de saber... O padrinho Luizão me ensinou, e várias coisas que eu aprendi o padrinho Luizão me ensina. Ter respeito com o outro, com os outros grupos eu aprendi aqui no Marinheiro (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Aprender, ensinar, repassar os conhecimentos por meio da convivência, da dança, da fé, da disciplina, da oralidade e da confiança são maneiras de entrar em contato com as formas de aprender e ensinar as africanidades. Por meio da congada, é possível entrarmos em contato com essas diversas maneiras de compreendermos nossas histórias, alguns costumes que temos em casa, na família e heranças africanas que nos foram deixadas, mas que, pelo modelo de educação vigente, pela ideologia dominante, são-nos negadas. Essa negação de nossas raízes, nossas heranças culturais, nossos costumes e modos de vida muito tem a ver com não servirem ao modelo de educação vigente e nem estarem dentro de um padrão de comportamento ditado pelas classes dominantes. As escolas e as universidades são também responsáveis por essa negação de nossas histórias e heranças africanas.

[...] considerando que as ciências tal como são exercidas tiveram sua origem no universo europeu, considerando também que produzir conhecimento no quadro das ciências exige

levar em conta teorias e práticas por ela geradas anteriormente, foi preciso situar e valer-se de postura investigativa, de conceitos e compreensões que permitissem incluir outra visão de mundo que não exclusivamente a europeia. Em outras palavras buscou-se adotar referências teóricas que permitissem abordar a diversidade humana, expressa em diferentes maneiras de interpretar o mundo físico e social, de interpretar e viver as relações entre as pessoas, seus grupos, entre elas e o ambiente em que transitam, modificam, de interpretar a si mesmas e suas realizações (SILVA, 2002, p. 03).

É importante percebermos também em qual contexto e sob quais visões de mundo nos educamos e repassamos nossos conhecimentos. Por isso, abordar a congada por meio das africanidades é uma definição de paradigma para se compreender essa manifestação afro-brasileira.

Dançar cantando é falar a Grande Linguagem, o signo do corpo e do som, quando os movimentos, a palavra, o toque dos tambores, o bater das gungas – tudo codifica a angústia do homem que indaga ao Criador sobre seu destino. [...] Nos Arturos a religião continua pertencendo à coletividade: o grupo, porque dança junto, valoriza o culto coletivo e se vê unido diante da Senhora Sagrada. O comportamento é importante, o ritual é sagrado, a fé se concretiza no vestuário, no instrumento, na dança. Diante da mãe celeste o filho não murmura isolado: são os filhos que gritam juntos puxados pelo tambor, formando a pesada gunga de Mareia. A festa dos Arturos é a exteriorização do sagrado (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 214).

Ao analisarem a Festa da Congada na comunidade dos Arturos, em Minas Gerais, a autora e o autor definem, em uma riqueza poética, o que é ser parte de um grupo de congada. A existência do coletivo ocorre por meio da existência de cada um, e cada um existe porque celebra coletivamente suas raízes, sua luta, sua dança e sua fé em comunidade. Com essa mesma riqueza poética, é possível perceber a cosmovisão africana nas falas das mulheres e dos homens que se unem por meio da congada.

[...] a gente buscava orientação com as pessoas mais velhas de congado. Se a gente estava certo naquilo que a gente estava fazendo, se a gente não estava certo, se tinha alguma coisa pra incrementar ali... E todos aqueles bons ensinamentos que a gente aprendeu a gente hoje passa para os mais novos, que somos nós, que estamos aqui no comando hoje. Nós passamos pros soldados, e eles vêm passando pra família deles, porque, dentro do congo, não existe só nós, família, existem os capitães que vêm com seus filhos, existem os soldados que vêm com seus filhos, existe o soldado que vem com o primo, com o amigo, então, aquilo a gente vai passando um para com o outro, por dever para nossa união ser uma confraternização completa. É onde os meninos, cada um tem um bom sentimento dentro, e esse sentimento é um sentimento de amor, porque nós dançamos pra São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, nós. (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

O respeito pelos mais velhos, pelo saber de experiência é ponto fundamental nas relações que se estabelecem dentro do terno. O aprendizado se faz por meio da oralidade, ouvindo o conselho, as histórias, as músicas. O aprender e o ensinar não são fundamentados em teorias, conceitos ou planos de aula, mas sim na experiência e na convivência.

Oliveira (2004), ao falar sobre as culturas tradicionais africanas e as religiões afro-brasileiras, afirma que as religiões africanas não são fundamentadas em palavras ou em conceitos, mas, fundamentalmente, nas experiências que são transmitidas de geração em geração. Em se tratando da congada, de uma manifestação religiosa de matriz africana, ela carrega consigo essas características de transmissão de conhecimentos.

A mãe Gessy, todo mundo considera ela muito mais do que uma mãe, ela era aquela pessoa que sentava aqui e falava: “Vem aqui, meu filho”. Dava conselho pra um, pra outro, contava a história do Terno como que era. Ela era uma grande compositora, ela não escrevia, mas fazia música (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

“Ela não escrevia, mas fazia música.” Vê-se, aqui, a valorização da oralidade nas comunidades e nos grupos de matriz africana como característica marcante. Eles aprendem e ensinam por meio da oralidade e da memória, e a escrita se torna algo secundário, já que os saberes adquiridos por meio da experiência concreta de vida estão na memória e são transmitidos de forma oral.

Nas culturas populares, os acordos são firmados e os ensinamentos são trocados por meio da palavra, da oralidade e da confiança, que têm grande importância nesse contexto. Uma vez, conheci um mestre de jongo, mestre Gil, homem negro, professor de história, diretor de escola, compositor de jongo, coordenador de Ponto de Cultura, “gente de opinião”. Mestre Gil, junto com a comunidade de Piquete, tenta manter viva a tradição do jongo na cidade.

Nesse nosso encontro, em uma viagem de trabalho, depois de dançar muito jongo e de conversar sobre a vida, dar risada de suas histórias, contar um pouco de minha história, perguntei a ele se poderia um dia ir lá até o jongo de Piquete fazer uma visita. Ele rapidamente disse: “Mês que vem tem a nossa festa lá, e você está convidada, quero ver se você vai mesmo”.

Algumas semanas se passaram, entrei em contato com mestre Gil, e combinamos nossa ida. Fomos em um grupo de 15 pessoas, componentes do Girafulô. Pelo telefone, ele disse: “Estarei esperando por vocês na praça da cidade, que fica em frente ao clube. Quando vocês chegarem até a

cidade, estarei lá”. E eu disse que tudo bem, mas fiquei pensando: “Será mesmo que isso vai dar certo?”. Eu queria outras certezas, um endereço onde eu pudesse chegar, um telefone de alguma casa que eu pudesse avisar a hora da chegada, enfim, a palavra me parecia pouco. E lá fomos nós ao encontro de mestre Gil, na praça em frente ao clube. Quando passamos com a van, lá estava ele, acenando. Encontramo-nos, e ele disse: “E ela veio mesmo!”. Penso que ele também, por algum momento, duvidou de minha palavra, mas firmamos compromisso assim, e deu certo, e a confiança foi estabelecida.

Nas tradições de matriz africana, dizer algo é se comprometer, assumir, mostrar-se envolvido. É por meio da palavra que os conhecimentos e a confiança são transmitidos e reforçados. É também por meio da palavra que nos educamos, que conhecemos e significamos o mundo. Usando a palavra, nas tradições de matriz africana, homens e mulheres firmam compromisso, transmitem e reforçam ensinamentos.

A relação entre o aprender e o ensinar, no Marinheiro de São Benedito, ultrapassa as questões relativas somente à congada, como os passos da dança, a confecção da roupa. Os ensinamentos e aprendizados são para além desses fazeres, mas é por meio deles que meninos e meninas, homens e mulheres aprendem para a vida.

Para mim o Marinheiro é uma escola que ensina e ensina muito, sem colocar lá no quadro negro, mas ensina de experiência, de vida, é uma escola. Hoje, eu considero o Marinheiro como uma faculdade, e é mesmo. Eu, da minha vida, dos 15 anos que eu estou aqui, e eu estou com 44 anos, minha vida profissional, minha vida conjugal, família, eu digo que eu aprendo e aprendi muito. Eu agradeço muito, muito mesmo, o que eu sou hoje, o que eu faço hoje, até as responsabilidades que eu tenho na minha família, com a minha mãe, minha irmã. Tudo o que eu aprendi eu agradeço muito, porque eu aprendi foi aqui dentro, dentro do Marinheiro. Acaba que você também ensina sem saber que está aprendendo e acaba que você está aprendendo sem saber que está aprendendo aqui dentro. E está aí o Marinheiro crescendo cada vez mais. Você vê um batalhão de 200 componentes, aí o povo pergunta: “Como vocês fazem? Como vocês levam? Como vocês conseguem?”. É por aí que consegue, porque cada um respeita o outro e tem esse [...] familiar mesmo (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

O saber de experiência e o respeito estão presentes nos momentos de contar sobre como aprender e ensinar dentro do Marinheiro, segundo Ariel:

Quando eu entrei no congo lá, eu não sabia. Eu aprendi com o Luiz, que fundou aqui o Marinheiro. Nesse ano ele estava ajudando o congo branco do Osmarão, e eu conheci ele lá. Ele me ensinou os apitos, me ensinou a tocar, me ensinou a pular com a caixa. Para mim ele

foi meu pai do congo, porque ele me ensinou tudo: como são os apitos, os toques, me ensinou a cantar, então, eu não sabia nada, entrei sem saber nada, e ele, o Luizão, que me ensinou lá no congo branco, quando eu entrei. Depois, no ano seguinte, eu acabei vindo pro Marinheiro de São Benedito. E, hoje, eu vou ensinando pros novatos, porque eu já tenho muita experiência, né? Já participei de muita festa, do jeito que o capitão olha para você, você já sabe o que ele está te transmitindo, o jeito que ele mexe o bastão, o jeito que ele está apitando, você já sabe se é para ir devagar, se é para ir rápido, se está chamando a atenção ou se é para parar. Cada ano, você vai ganhando mais experiência, e, cada ano, é uma diferente, cada ano vai ter uma experiência que vai te ajudar na sua vida dentro do congado (roda de conversa, setembro de 2009).

Aprender para a vida, dentro da congada, é uma lição que aprendi em cada momento que estive junto com o Marinheiro de São Benedito; tudo o que se aprende ali é para a vida. Não faz sentido separar os ensinamentos e aprendizados que ocorrem dentro do grupo dos saberes e fazeres que ocorrem fora do grupo, já que essas congadeiras e esses congadeiros se formam dentro e fora do grupo de congada.

“Na comunidade congadeira, as meninas e os meninos são socializados na tradição de matriz africana do congado, frequentam a escola e recebem influências dos meios de comunicação e indústria cultural” (MEIRA, 2007, p. 107). São diversos os canais de ensino e aprendizagem que são socializados dentro do grupo de congada. Esses aprendizados adquiridos dentro do grupo são levados para fora do espaço da congada. Os aprendizados adquiridos dentro do Terno dialogam com os saberes adquiridos em outros espaços, ocupados por homens e mulheres negras e congadeiras, como é o caso da escola.

Sabemos, pois, que os ensinamentos provindos das culturas populares de matriz africana enfrentam resistência no ambiente escolar. É válido dizer que as culturas negras não têm espaço nem reconhecimento dentro das escolas e universidades, pelo contrário, são desvalorizadas e rotuladas como ruins.

Fernanda, mãe do Ariel e congadeira componente do Marinheiro de São Benedito, conta que o filho sofre preconceito dentro da escola por ser congadeiro. Em diversos momentos, ela teve de ir até a escola para falar sobre isso com professores e diretores. Certa vez, ele foi se apresentar com sua banda na escola e foi vaiado por ser congadeiro. Ao subir no palco, segundo Fernanda, as pessoas ficavam vaiando e imitando o som do repilique, instrumento musical que Ariel toca quando está na Festa da Congada junto ao Marinheiro.

Vale ressaltar aqui que Ariel é um adolescente branco que faz parte da banda G7, banda de *emocore* ou rock contemporâneo. A banda faz sucesso na cidade e se apresenta em diversos lugares, como bares e escolas particulares. O fato de Ariel ser congadeiro imputa a ele condição de ser

menos, de ser desprezível por fazer parte da cultura dos “pretos”. Sua arte, o fazer musical dentro dessa banda é desvalorizada por ele ser congadeiro. Isso, além de ser um exemplo de preconceito, é também um forte exemplo de intolerância.

A “dopagem” produzida pela escola com relação às culturas populares reforça e legitima o preconceito contra negros e negras e contra as culturas populares. São ações como essa que fortalecem o racismo dentro da escola, lugar ainda hostil aos saberes da cultura popular.

O preconceito sofrido por Ariel nesse momento, por ser congadeiro, o irmana com seus amigos de mesma idade, negros e congadeiros, que sofrem o preconceito por serem congadeiros e por serem negros e negras. A questão da cor da pele influencia diretamente na desqualificação desses jovens no ambiente escolar.

Vejamos duas falas que nos mostram a relação entre cor da pele e preconceito vivenciada nos grupos de congada.

O preconceito maior que tem é a pele. Eu acho que não deveria ser a pele, porque por dentro nós somos todos da mesma cor, somos todos iguais; apenas diferenciou a pele, uma mais escura do que a outra, mas nós somos as mesmas pessoas (Selma, roda de conversa, novembro de 2009).

“As pessoas falam assim pra mim: ‘Ai, Ariel, logo você, você é branco e dança congo? Sai disso!’” (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009).

É importante ressaltar aqui a observação que Souza Júnior (2002, p. 127) faz sobre o desrespeito sofrido pelos povos africanos:

A escravidão foi a forma mais cruel de intervenção na vivência da “vida em plenitude” dos diversos grupos africanos, ao esfacelar suas formas sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. No Brasil, em particular, esses povos experimentaram leis e sanções enérgicas de discriminação e marginalização, levadas hoje com afinco pelo chamado processo neoliberal, que continua a distribuir miséria colocando países abaixo da linha da pobreza.

Desse modo, temos, nas escolas e nas universidades, reprodução de desrespeito, hostilidade e preconceito para com as culturas negras. É dentro dos espaços ditos de formação que vemos situações como essa de desqualificação de uma pessoa por sua cultura. Ser congadeiro significa enfrentar preconceitos e situações de constrangimento, significa ouvir conselhos para “sair disso”,

“logo o Ariel, que é branco, o que está fazendo junto aos negros?”. É dessa forma que seus amigos da escola o veem e o aconselham a sair da congada. É como se a cor da pele, nesse caso, branca, tivesse um valor positivo que Ariel está negando. E o fato de ser negra(o) e congadeira(o) leva, além dos preconceitos e da discriminação por fazer parte de um grupo de congada, ao preconceito pela cor da pele.

Rodney: Uberlândia, o congado... Isso já foi muito preconceituoso, o povo pensa assim...  
“É, o povo voltou, o povo da senzala voltou para tocar aqui em Uberlândia”...  
Ariel: Ah, é preto, é dança sem graça...

Mas, mesmo nesse território escolar que satiriza as práticas culturais, são realizadas pequenas ações que podem contribuir para o reconhecimento das culturas de matriz africana, como é o caso do projeto citado no início deste trabalho, Caixa de Talentos – Dança, que trabalhou as danças brasileiras, inclusive a congada, em uma escola da cidade de Uberlândia. Ações dessa natureza devem ser realizadas nas escolas com mais frequência, com maior envolvimento das equipes escolares junto aos grupos de cultura popular.

Se continuarmos assim, reproduzindo a intolerância e legitimando o preconceito no ambiente escolar e universitário, não estaremos cumprindo nossa tarefa de educadoras(es) comprometidas com a transformação da realidade opressora. Assim, homens, mulheres e crianças negras continuarão sendo desvalorizadas.

Na minha escola tem uns meninos que falam: “Ah, o congo é isso, o congo é aquilo”. Aí eu já pego e já falo: “A gente não pega tambor e sai tocando na rua à toa não. Não estamos fazendo graça pra ninguém, é pela devoção em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. É uma festa, é uma tradição de muitos anos que vem vindo e assim vai”. Eu sempre passo pra todo mundo, eu falo, eu explico (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009).

A fala a seguir é outro exemplo de que existe, então, a tentativa de um diálogo entre os ensinamentos e aprendizados que acontecem dentro do Terno de Congada e os ensinamentos que ocorrem fora do Terno de Congada, como na escola.

Todo o ano, quando tem oficina na escola, feira cultural, eu sempre pego o tema do



congado e sempre passo, aí eu vou ensinando, eu ensino para os meus amigos, meu irmão ensina para os amiguinhos dele (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

Nogueira (2008, p. 102), ao analisar os processos educativos da capoeira angola, afirma que esses processos de ensino e aprendizagem “podem ensinar as pessoas a se posicionarem no mundo. Ao aplicarem a sua filosofia de vida os(as) angoleiros(as) aprendem a se comportar na roda e na vida. A roda e o jogo propiciam processos educativos significativos que podem ser levados para a vida cotidiana [...]”.

A congada também propicia processos educativos importantes, que são levados para a vida cotidiana de seus praticantes. Essa prática social contribui na formação de seus participantes como cidadãos e cidadãs congadeiros pertencentes a este mundo que ainda segrega e discrimina.

Não nos referimos à congada como festa isolada ou acontecimento pontual, referimo-nos a ela em sua totalidade, com as particularidades e peculiaridades que contribuem para a formação de pessoas. Todas as relações e situações que existem para que ela se mantenha viva interferem diretamente na vida das pessoas e vice versa, ou seja, homens e mulheres se formam na luta diária para a manutenção dessa tradição, que, mantendo-se, ressignifica e confere sentido à vida dessas e desses agentes históricos.

A formação é, pois, um processo em que sujeitos se apropriam do mundo de que fazem parte, significando-o e significando-se. Desta forma, se desenvolvem enquanto pessoas. Tais significações são recebidas, construídas, atribuídas em relações que as pessoas estabelecem e mantêm entre si e com o mundo, concretizado, este, na sociedade em que vivem e que ajudam a construir [...] (SILVA; ARAÚJO, 2004, p. 01).

#### **b. Segredos e mistérios: o mundo visível e o mundo invisível**

Os ensinamentos são transmitidos também por meio da relação entre as pessoas do grupo com seus antepassados, com os ancestrais, com os santos católicos e com as entidades da umbanda. Pedir conselhos aos mais velhos e aos ancestrais sobre o que fazer, sobre a hora certa de ensinar e aprender também faz parte da vida congadeira. Dizer que vão consultar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito sobre alguma dúvida ou aprender a música com o preto velho e sonhar com São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dando conselhos são saberes que estão presentes na tradição do Marinheiro de São Benedito.

Existe uma relação entre o conhecimento que se refere ao mistério, ao sagrado e ao invisível, com a experiência concreta vivida. Para “encaixarem” “os batidos” das músicas aprendidas em sonho ou pela intuição, congadeiras e congadeiros colocam em relação o saber concreto da experiência de tocar o tambor com o saber que é relacionado ao mistério e ao mundo invisível:

É um sentimento de amor, porque nós dançamos pra São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, nós deitamos e dormimos, rezamos por eles, e pede para que eles deem intuição pra cada um de nós. Cada capitão que tem aqui no Terno hoje tem uma intuição, cada um chega com uma coisa... Um vem com a intuição de fazer a música, sempre a gente tem música nova, nisso a intuição vem dos capitães, vem de “mim si próprio<sup>44</sup>”, também, às vezes, a gente está deitado, de repente, surge aquela música, a gente chega, ensina pros meninos, os meninos já logo vêm com o batido, num instante faz uma “partonização”, já está todo mundo cantando aquela música, aí como nós vamos bater essa música? (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Ariel fala sobre o sonho que teve com Nossa Senhora do Rosário e São Benedito antes da festa:

Este ano mesmo eu não ia dançar, porque eu estava chateado, só que eu tenho uma devoção muito grande por Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e, uma semana antes dos ensaios, eu tive um sonho, eu sonhei com eles, e eles me falando pra eu dançar... Então, se eles pediram, eu vou dançar e vou continuar. E, já que é assim, eu vou continuar, não vou parar... (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

Por isso, considerar os saberes e ensinamentos que vêm da intuição e do sonho faz parte do entendimento dessa prática social. “Porque, se veio aquela intuição, aquele enviamento pra nós, aquela coisa bonita, então, por que não compartilhar com os outros? (Selma, roda de conversa, setembro de 2009). Compartilhar o ensinamento é uma característica relacionada à colaboração presente dentro do Terno, de forma a dividir as responsabilidades, os trabalhos, as tristezas e as coisas bonitas.

Outro exemplo importante para sabermos mais sobre os conhecimentos construídos dentro do Terno, a partir da intuição relacionada à experiência, é a dança do trança fitas. Uma característica do Terno e que chama a atenção das pessoas na porta da igreja no dia da festa é essa dança do trança fitas ou o mastro de fitas.

---

<sup>44</sup> Selma diz que esse termo se refere à pessoa própria, ela mesma, contribuição individual.

O Terno Marinheiro de São Benedito faz essa dança no dia da festa, e ela é realizada com um mastro (pau de fitas) em torno do qual os soldados e as meninas da bandeira dançam e cantam, trançando as fitas que estão presas no mastro.

De acordo com Selma, a partir de um conhecimento que já existia sobre a dança que era realizada antigamente com poucas fitas, seu irmão Moisés criou outra forma de realizar a dança, que só o Marinheiro conhece e apenas a Selma sabe o segredo de montar o mastro de fitas para que a dança possa ser feita.

A dança do trança fitas não é difícil, ela é fácil. Para esse ano, quando você estiver lá no meio do congo, eu vou colocar você para trançar a fita... É difícil e ao mesmo tempo não é difícil, por isso que tem ensaio, tem que vir nos ensaios.

A minha fita são 36 pessoas que dançam... Isso não foi uma invenção, foi uma criatividade que veio na cabeça do meu irmão, e ele montou desse jeito. Ninguém sabe como que ele montou aquilo ali.

Lá nas épocas anteriores, tinha a trança de fita, mas de uma volta só. A nossa dança de fitas aqui é uma invenção, uma intuição que veio na cabeça. O meu irmão, ele estudou, bolou ensaiou, deu certo. É aonde nós temos a trança de fitas de homens por dentro e mulheres por fora, mulher por dentro e homem por fora... (madrinha Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

O exemplo da dança do trança fitas começa a nos mostrar como diversos elementos se cruzam dentro do Terno Marinheiro de São Benedito. Percebemos a dança, o comprometimento, o fazer coletivo, o saber de experiência, a reinvenção da tradição, a convivência de homens e mulheres, e tudo isso “trançado” pela fé em Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e nos orixás e entidades da umbanda.

A seguir um trecho de uma música cantada na dança de fitas. Podemos perceber no trecho da música a presença da fé em Nossa Senhora do Rosário, na realização dessa dança.

A Senhora do Rosário  
Essa mãe que nos conduz  
Oi virai a nossa trança  
Seja feita a vossa luz<sup>45</sup>

Esses ensinamentos relacionados ao sagrado, aos antepassados, ao segredo e ao mistério que guarda determinados momentos de preparação, ensaio e também no dia da festa estão presentes em diferentes ternos de congada em Uberlândia. No dia da festa, podemos ouvir músicas que remetem ao universo mágico-religioso presente na congada. Por meio do sonho e da intuição, esses homens e

<sup>45</sup> Verso do Marinheiro de São Benedito, CD *Memória do Congado*, de Uberlândia, 2003.

mulheres nos mostram sua tradição.

Eu sonhei com meu preto velho  
Ele mandou me avisar  
Que quem mexe com demanda  
Sua vida vai atrapalhar <sup>46</sup>

O imaginário congadeiro é povoado por lendas, causos e mitos que têm ligação direta com a existência e com a prática da congada. Existem muitas histórias ligadas à magia, ao universo encantado e misterioso. Conta-se que, antigamente, os bastões viravam cobras, que alguns ternos, após serem desafiados (em versos, por meio de músicas) e não conseguirem devolver o desafio, ficavam “amarrados”, dançando e cantando sem sair do lugar.

Durante uma viagem pelo alto Paranaíba, com o objetivo de conhecer as folias de reis da região, eu, Renata, Túlio, Aline e Marinalda (componentes do Baiadô) chegamos à Serra do Salitre. Túlio foi em busca de informações sobre o capitão de congada senhor João Francisco. Depois de muito andar, chegamos à porta da casa dele. Bem chegamos, apresentamo-nos, falamos do Baiadô, mostramos nossos tambores, cantamos, dançamos e começamos uma boa prosa.

Muito curiosa, perguntei sobre os causos, sobre as demandas<sup>47</sup> do congado, disse sobre algumas histórias de que fiquei sabendo sobre o bastão que virava cobra, etc. O capitão, desconfiado, disse-me que isso era no tempo dos antigos, que hoje não tinha mais isso e que é raro ver um Terno desafiando e demandando o outro. Mas, de repente, começou a contar sobre um momento em que fez um desafio, lançou uma demanda, e o outro capitão não conseguiu responder e acabou virando cipó.

Acabada a prosa, olhei para sua estante e vi um cipó bem enroladinho, pintado de prata. Não sei ao certo se era ou não o capitão que não conseguiu responder à demanda, mas, considerando a oralidade, as histórias e as relações com o sagrado presentes no universo congadeiro, sei que é também por meio desses causos que a memória guarda e repassa os ensinamentos.

Souza Júnior (2002, p. 126), ao fazer uma análise sobre as representações do corpo dentro do universo afro-brasileiro, aponta para uma questão interessante sobre o mito, de acordo com o autor:

---

<sup>46</sup> Verso cantado pelo Moçambique de Belém, capitão Ramon Rodrigues; faixa 04 do CD.

<sup>47</sup> Os cantos conhecidos como ponto de demanda ou simplesmente demanda têm relação com forças mágicas, espirituais e a presença de um universo mágico religioso. As demandas são cantadas dentro do ritual da congada, seja nas preparações anteriores à festa, seja no dia da festa. Segundo o histórico da Festa da Congada de Uberlândia, o congadeiro canta demanda porque “por uma razão ou outra se sente ofendido com o ponto cantado por outro Terno”.

[...] o mito fala de vida e de morte por uma relação estabelecida entre o corpo e a terra. Isto reflete profundamente o universo religioso dos afro-brasileiros, em que vida e morte, assim como corpo e alma, não são realidades que se contradizem, mas se completam na dinâmica de um mundo onde os que nascem são sempre vivos [...].

A relação com os ancestrais e a fé no sagrado podem ser vistas quando, antes de sair às ruas da cidade, os componentes do Terno fazem oração, pedindo proteção, tomam um “preparado” com ervas para proteger “a carne e o espírito”.

Em pesquisa de campo tanto na congada como em terreiros de umbanda da cidade, pude ver que alguns membros dos ternos, assim como seus capitães, mantêm uma estreita relação com os terreiros da cidade, sendo que muitos são pais de santo, *ogãs*<sup>48</sup> e médiuns, como é o caso de Moisés Carlos da Silva, irmão de Selma e um dos capitães do Marinheiro de São Benedito.

Não é possível afirmar que todos os membros de um mesmo Terno seguem os mesmos preceitos religiosos. Na Tenda Coração de Jesus, dirigida pela Yalorixá Maria Irene Arantes, pude observar, em pesquisa de campo, o ritual de “fechamento de corpo”, com alguns componentes de um Terno de Congada. Nesse ritual, é oferecida uma bebida preparada à base de vinho e ervas, que, segundo os que a bebem, livrará o Terno e seus componentes de perigos carnis e espirituais que por ventura possam estar em seu caminho no dia da festa.

É importante ressaltar aqui que outras pessoas que acompanham os ternos, assim como pesquisadoras ou admiradoras, também são convidadas a tomar a bebida, porque, segundo as madrinhas e os capitães, se estamos no Terno, devemos ficar protegidas, porque também estaremos à mercê dos perigos.

Desse modo, percebemos que os ensinamentos e aprendizados dentro do Terno também estão ligados ao mundo invisível e às forças espirituais que também ensinam, dão conselho, ajudam na composição da música, protegem o Terno. Na congada, percebemos a forte relação com a espiritualidade, com um tempo para aprender determinadas coisas, e esse tempo está relacionado ao mistério e ao sagrado, e não ao desenvolvimento, ao ensaio ou à repetição da tarefa.

A única pessoa que sabe fazer isso aqui sou eu. Eu já passei isso aqui pra várias pessoas, e não dá certo por quê? Porque tem mistério, eu estou sempre passando pra frente, mas as pessoas não conseguem. Eu acho que é porque ainda não é a hora de aprenderem, né? Teve uma época que eu, correndo demais com as meninas, aí eu larguei a fita na mão das

---

<sup>48</sup> Pessoas iniciadas na umbanda ou no candomblé que são responsáveis pelo toque dos atabaques nos rituais religiosos.

peessoas, várias pessoas tentaram, ninguém deu conta de fazer (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Tudo o que surge no Marinheiro de São Benedito, primeiro nós fazemos uma reunião dos capitães pra ver se concordam. Nós não fazemos nada de cabeça, porque, se veio aquela intuição, aquele envio pra nós, aquela coisa bonita, então, por que não compartilhar com os outros? (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Em um momento da roda de conversa, voltamos ao assunto da dança do trança fitas. Selma pegou o mastro de fitas, pediu que eu parasse de filmar e explicou como ela organizava as fitas, como elas eram amarradas ao mastro para que a dança fosse feita. A partir de sua fala, já citada anteriormente, podemos constatar que esse fazer é carregado de mistérios e de ensinamentos, os quais ela tenta passar para frente, mas ninguém aprendeu até agora. Para ela, o fato de ninguém ter aprendido ainda tem a ver com a hora certa de aprender, que, nesse caso, ainda não chegou. “[...] eu estou sempre passando pra frente, mas as pessoas não conseguem, eu acho que é porque ainda não é a hora de aprenderem, né?” (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Corroborando com Muniz Sodré (1998, p. 21), estudioso da música no samba:

No ocidente, com o reforçamento (capitalista) da consciência individualizada, a música, enquanto prática produtora de sentido tem afirmado a sua autonomia com relação a outros sistemas semióticos da vida social convertendo-se na arte da individualidade solitária. Na cultura tradicional africana, ao contrário, a música não é considerada uma função autônoma, mas uma forma ao lado de outras – danças, mitos, lendas, objetos – encarregadas de acionar o processo de interação entre homens e entre o mundo visível (o aiê, em nagô) e o invisível (o orum) (SODRÉ, 1998, p. 21).

Percebemos que a hora de aprender também está ligada aos mistérios que envolvem certas funções dentro do Terno, e esses mistérios estão ligados à visão de mundo da umbanda, à espiritualidade e à mediunidade, ao mistério que envolve certos segredos, tudo isso também pode ser considerado uma estratégia para dizer alguns ensinamentos e guardar segredos; nem tudo é revelado. “Eu vou procurar orientação com São Benedito e Nossa Senhora do Rosário para ver se já está na hora” (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Guardar segredos e ocultar alguns ensinamentos também é resistir e é estratégia de manutenção da tradição. Nesse caso, pode-se citar novamente a fala do mestre Pastinha, sabendo que nas culturas de matriz africana “o mestre reserva segredos, mas não nega informação”

(PASTINHA apud ABIB apud MEIRA, 2007, p. 120).

### **c. Resistência, luta e preconceito**

Na congada e dentro do Terno Marinheiro de São Benedito, percebemos que o aprender e o ensinar estão relacionados também com a história dessa tradição. Os registros sobre a congada ou o congado no Brasil são diversos. Entre esses registros, podemos encontrar documentos oficiais pertencentes às Irmandades e às igrejas, bem como vídeos, fotos, livros, trabalhos de monografia, dissertações e teses.

Algumas dessas fontes documentais se preocupam em registrar as histórias contadas pelos próprios participantes da congada, valorizando os saberes dessas pessoas que lutam para que suas histórias sejam vistas e ouvidas e para que a tradição continue existindo.

Saber sobre a história do Terno Marinheiro de São Benedito e sobre a história da congada na cidade de Uberlândia é uma questão importante para os componentes do grupo, para que eles e elas possam repassar essas histórias:

Tem até pessoas que não conhecem na escola, aí as pessoas falam que não conhecem o congado. Mas o congado vem de uma tradição de muito tempo. Eu e meu pai, a gente dança há muito tempo aqui no Marinheiro, a gente estuda sobre a história do Marinheiro, estuda como foi o congado, como foi a primeira festa, então, dá um orgulho quando você vê que já está nos tempos de hoje, já tá em 2009, uma coisa que começou na época dos escravos, quando veio da África pro Brasil. Então, é uma tradição que a gente vai mantendo, passando pros filhos, para os netos, e é assim mesmo, o congado na minha vida, resumidamente... (Ariel, roda de conversa, setembro de 2009).

Lá na minha sala de aula, tem dezesseis meninas que dançam congo lá, e eu fico feliz porque a gente está tentando passar para os outros o que eles não sabem... Se tem preconceito para de ter! Vai experimentar para ver se gosta, vai louvar, vai fazer alguma coisa. Por mais que tenham muitas tecnologias no mundo inteiro... está atrasado, porque preconceito é do século dois [risos] (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).

A partir da fala do Ariel e da Lethicya, podemos ver que existe uma preocupação deles em saber sobre a história do Marinheiro de São Benedito e da congada, para levarem esse conhecimento também para seus colegas na escola.

É importante destacar aqui que essa luta contra o preconceito é uma luta de quem sofre cotidianamente o preconceito e a discriminação, é uma luta de vida real não pautada apenas na ideologia. Esse diálogo estabelecido em outros espaços, como, por exemplo, a escola, entre crianças

e jovens congadeiras(os), com pessoas que não fazem parte da congada, permite que, apesar dos conflitos, haja um conhecimento dos saberes inerentes à prática social da congada por parte dessas pessoas que não fazem parte da tradição.

Se existe pouca valorização e pouco reconhecimento dessa prática cultural no ambiente escolar, o papel desses meninos e meninas é fundamental para a divulgação e o fortalecimento dessa tradição. O orgulho de pertencer a um grupo de congada leva a outros ambientes alheios a ela essa identidade de ser da comunidade negra e de fazer parte dela, congadeira que dança, canta e luta pela manutenção de sua tradição. Entre o orgulho de fazer parte da congada e de lutar para a manutenção da tradição estão os conflitos vividos em diferentes espaços e enfrentados no dia a dia por quem é negro e congadeiro.

“E a maioria das pessoas que vão ver e ficam lá na praça ainda tem preconceito” (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).

Eu acho que divulgação tem igual muitos lugares, tipo a TV BRASIL direto passa, nesses tempos pra trás aí, estava passando, mas hoje em dia o povo quer ver só notícia ruim, eles estão se esquecendo da cultura de hoje em dia. O povo não quer saber disso, pensa: “Ah, o congado...”. Igual, tem gente na minha escola que fala: “O Rodney dança congo”. Aí eu respondo: “Eu danço mesmo, o que tem?”. É normal isso, uai, é a mesma coisa de você dançar em festa, pra mim não muda nada não (Rodney, roda de conversa, novembro de 2009).

Lethicya: Uma vez falavam que o congo era assim, a gente ia lá, fumava droga e ia embora. Ariel: Então, a sociedade de Uberlândia é muito desinformada, sabe? Apesar de a festa estar fazendo cem anos, o povo ainda não sabe o que é o congado...

Lethicya: Não sabem nem que existe... (roda de conversa, novembro de 2009).

É possível notar nas falas as diversas maneiras como congadeiras e congadeiros vivem situações de preconceito, em diferentes espaços, inclusive dentro da escola. Sabemos que na escola, assim como na universidade, não é muito comum observarmos o espaço para o diálogo, o respeito e a valorização dos conhecimentos vindos das culturas populares. Esses saberes, muitas vezes, são saberes de experiência, conhecimentos adquiridos e repassados no viver, pela oralidade, e que, dentro da escola, ganham nomenclaturas pejorativas e de desvalorização.

Em algumas situações de apresentação com os grupos Baiadô e Girafulô, bem como nos trabalhos que desenvolvo em escolas, com a prática das danças brasileiras, ouço dizeres como: “Chegaram as macumbeiras com esses tambores”; “Isso é coisa do demônio”; “Folclore não é de Deus”.



De acordo com Nogueira (2008, p. 87), ao discorrer sobre o pertencimento étnico-racial por meio da prática da capoeira angola:

No processo de construção do pertencimento étnico racial, a capoeira angola contribuiu para o fortalecimento de tal sentimento na medida em que os participantes, negros e não negros, quando entram para o grupo de capoeira angola, descobrem/aprendem que têm que lutar pelos seus pares, pelos(as) negros(as), demonstrando e vivendo um sentimento de comunidade, de humanidade e a aquisição de uma consciência história da opressão racista.

Os processos educativos do Terno Marinheiro de São Benedito contribuem para o fortalecimento desse pertencimento étnico-racial em negras e negros participantes da congada. As histórias dessa prática social demonstram a resistência, também pautada nas maneiras de aprender e ensinar, e contribuem para que essas mulheres e esses homens desenvolvam maneiras próprias de estar no mundo.

No dia da festa, pelas ruas da cidade, podemos ver negros e negras, que geralmente são familiares dos participantes da congada e admiradores(as), vestindo camisas com dizeres: “100% negro tipo A”. No dia da Festa da Congada, principalmente na porta da igreja, a comunidade negra da cidade, tanto as pessoas que participam diretamente dos grupos de congada quanto aquelas que vão ver os ternos se apresentarem, orgulham-se de todo esse movimento negro congadeiro, que toma o espaço e o reconfigura, imprimindo novos sons, novas cores e novas caras da cidade.

Assim como vemos a admiração por essa prática social, observamos também os comentários preconceituosos, pejorativos e desestimulantes que pessoas alheias à congada fazem dessa manifestação. Em uma das rodas de conversa, ao falarmos sobre o preconceito, surgiram alguns comentários, que eles e elas ouvem, por serem congadeiros(as) em Uberlândia, MG. Destaco a seguir as falas de Rodney, Lethycia e Ariel: “A sociedade de Uberlândia é muito preconceituosa, não é só a questão do congado, também são muitas outras coisas” (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009). “Uberlândia, o congado... Isso já foi muito preconceituoso, o povo pensa assim... ‘É, o povo voltou, o povo da senzala voltou para tocar aqui em Uberlândia’” (Rodney, roda de conversa, novembro de 2009). “E a maioria das pessoas que vão ver e ficam lá na praça ainda têm preconceito” (Lethycia, roda de conversa, novembro, 2009).

O destaque das falas nos mostra que o cenário uberlandense é um cenário que segrega e discrimina negros e negras pertencentes à congada. Nas músicas cantadas, podemos perceber a afirmação da identidade negra de congadeiras e congadeiros que vai contra esse preconceito.

Nossa senhora, olha eu  
Além de São Benedito, eu sou filho seu  
Sou congadeiro, catupé, maçambiqueiro  
Afro-brasileiro, sou filho de Deus<sup>49</sup>

Essa festa é de nego só  
Essa festa é de nego só  
Essa festa é de nego só  
Essa festa é de nego só<sup>50</sup>

O canto também é uma maneira de afirmar a identidade. A festa é uma forma de reencontrar as origens e raízes africanas e, ao mesmo tempo, lutar, na contemporaneidade, contra os preconceitos.

É importante salientar que o mundo africano, composto pelos povos e sociedades que vivem no continente africano e também por aqueles que constituem a diáspora na sua diversidade, contém as raízes das africanidades. [...] As africanidades contém conhecimentos, significações que começaram a ser elaboradas no continente antes da chegada dos colonizadores. Foram dolorosamente acrescidas durante a travessia do Atlântico, forçada aos escravizados, bem como no constrangimento desses seres humanos, reduzidos à condição de objetos, de semoventes (SILVA, 2009, p. 43).

De acordo com a madrinha Selma:

O preconceito dos congados, para os congados, mais é a pele, porque eles achavam que deveria ter mais branco do que preto e tem mais preto do que branco, então, é tradição religiosa que tem que fazer o quê? Os brancos têm que estar ali dentro porque nós somos uma só pessoa, nós dançamos para um santo só, então, a mesma resistência que você tem, eu, com a minha pele negra, vou ter também, por quê? Porque eu tenho fé, eu tenho amor. O preconceito, ele percorre mais pela cor, é pela cor... (roda de conversa, novembro de 2009).

Nas culturas africanas, percebemos essa característica de agregar as pessoas diferentes. A não compreensão, o não conhecimento e a falta de respeito pelo outro caracterizam o preconceito e a intolerância. Desse modo, o que Selma diz é que é necessário que os brancos e quem não conhece

---

<sup>49</sup> Verso cantado pelo Terno de Moçambique Princesa Izabel, capitão Nestor Vital da Silva; faixa 12 do CD *Memória do Congado*

<sup>50</sup> Verso cantado pelo Moçambique Pena Branca, capitão Luis Carlos Miguel; faixa 09 do CD.

a congada venham conhecê-la, de forma a aproximar-se para compreender e dialogar sobre essa prática cultural. Existe um convite ao diálogo e à interação.

Para ilustrar ainda melhor a fala da madrinha Selma, cito um provérbio africano: “Nós somos responsáveis pela felicidade do visitante, enquanto ele estiver sob nosso teto” (SENGHOR apud SILVA, 2009, p. 45).

Selma diz: “A porta do Terno Marinheiro de São Benedito está aberta pro negro, pro branco, pro amarelo, pro vermelho, pro azul, qualquer cor, ela pode chegar, que ali ela é bem aceita” (roda de conversa, setembro de 2009).

Ser responsável pela felicidade do visitante e fazer com ele seja bem aceito e respeitado dentro do grupo fazem parte da visão de mundo africana e está presente no Marinheiro de São Benedito. Conviver com as diferenças, agregar, convidar para o diálogo, interagir são características presentes no universo da congada em Uberlândia.

Pude presenciar esse fato em diversos ternos, além do Marinheiro de São Benedito. A partir do convívio, vamos ganhando confiança e cumplicidade na troca das danças, dos versos e das informações. Assim como na capoeira angola, na congada:

a convivência na diversidade, na qual diferentes pessoas são aceitas somadas ao caráter afetivo que é atribuído ao grupo [...] cria um ambiente acolhedor e favorece a construção da identidade. [...] Este ambiente confortável contribui para reforçar a identidade das pessoas negras e também para despertar a identidade daquelas que são consideradas não negras (NOGUEIRA, 2008, p. 103).

A congada é uma maneira de resistir e lutar para o reconhecimento não só da festa e da tradição, mas também de pessoas que contribuem para a construção da história da cidade. Essas pessoas que são, em sua maioria, negras e pobres sofrem os mais diversos tipos de preconceito, em diferentes espaços, então, compreender essa prática social e os processos educativos que nela ocorrem é compreender a maneira como negras e negros lutam para serem aceitos e respeitados em sua tradição.

#### **d. Colaboração e fé**

Todo esse espetáculo de cores, sons e movimentos, que podemos perceber na Festa da Congada, realizada no segundo domingo de outubro, é preparado com dois meses de antecedência.

Nesses dois meses, são realizados ensaios, leilões, visitas às casas e aos quartéis de outros ternos. Essa preparação é conhecida como campanha. Nela, os ternos percorrem as ruas da cidade em direção à casa onde serão realizados o terço e o leilão. Esse percurso é feito ao som das caixas, dos maracanhãs, repiliques, chocalhos, apitos e cantos.

Os leilões acontecem para que os ternos possam arrecadar verba a fim de ajudar na realização da festa. Leiloam-se prendas, como roupas, comida e cestas básicas, e essas prendas variam de acordo com as doações que são feitas.

Os leilões são realizados em diferentes locais, de acordo com os convites feitos para os ternos. Esses convites são realizados por diversas pessoas, independentemente de fazerem parte ou não da comunidade congadeira.

Tive oportunidade de participar de alguns leilões com o Marinheiro de São Benedito e com outros ternos de congada. Geralmente, os ternos saem de seus quartéis e seguem em direção ao local do leilão, tocando e cantando. Os lugares de realização dos leilões são casas de amigos das congadeiras(os), casas de devotos que pagam promessa, realizando o leilão, a igreja de Nossa Senhora do Rosário, no período de novenas que antecede a festa, a Universidade Federal de Uberlândia, entre outros.

É importante ressaltar aqui que não acontecem leilões de congada na Universidade Federal de Uberlândia por vontade do reitor ou porque a universidade é simpática à congada; o leilão de que pude participar dentro da universidade aconteceu em 2003 e foi uma iniciativa da professora Renata Meira, que, em conjunto com os professores e os alunos do curso de teatro e com o Baiadô, recebeu os ternos Moçambique Pena Branca e o Congo Sainha. Essa ação faz parte de meu processo de aquilombamento e se configura também como tentativa de estabelecer um diálogo entre universidade e comunidade.

Nesses momentos de leilão e campanha, em que o Terno percorre as ruas da cidade, podemos identificar diferentes maneiras de aprender e ensinar, que estão relacionadas à colaboração e à fé em realizar um trabalho bem feito para que a festa aconteça com fartura e tudo ocorra com tranquilidade. É também nos momentos de campanha que acontecem os ensaios das músicas e dos “batidos”.

Dia de campanha, me encontrei com Selma no quartel, e logo foram chegando os meninos e as meninas que participariam da campanha naquele dia. Depois de tudo preparado, seguimos para o leilão, que seria realizado em uma casa ali mesmo no bairro. Fomos andando, cantando e tocando; eram poucas pessoas. Nesse dia, cerca de trinta. O Marinheiro de São Benedito tem fama de andar rápido, acompanhando “o batido” das

caixas, que, de acordo com alguns mestres, é mais rápido do que “o batido” de outros ternos de congo, e isso faz com que seus soldados cheguem rápido nos lugares. Tem gente até que diz: “Ninguém alcança o Marinheiro, não”. No caminho para a casa do leilão, o Terno se posiciona assim como no dia da festa: na frente o capitão e depois os soldados. Existem mais de um capitão em todos os ternos, então, os capitães puxam o canto, sinalizam a hora de parar, vigiam as esquinas para que todos possam atravessar com tranquilidade.

Chegamos cantando, a madrinha Selma já tinha ido na frente para rezar o terço e organizar as prendas para o leilão. Nos leilões, é sempre assim, a madrinha vai na frente com as meninas da bandeira, rezam o terço e, logo depois, chegam os soldados tocando e cantando. Quando chegamos na casa, o capitão cantou cantos de saudação, pedindo licença e agradecendo a acolhida. Começou então o leilão e, durante o leilão, as crianças brincam, os adultos conversam e arrematam as prendas, cumprimentam os amigos que passam por ali. Ao final, o capitão recolhe o batalhão para ir embora, cantam para agradecer, pegam os instrumentos e retornam para o quartel para continuarem a preparação da festa. A campanha é uma parte importante da festa porque é nela que se ganha a maior parte dos recursos para custear as despesas do Terno (diário de campo, agosto de 2009).

Na campanha, é possível notar as relações de cooperação existentes na congada de Uberlândia. Famílias e amigos se mobilizam para arrecadar o maior número de prendas possível para ajudar os ternos nos leilões. Os ternos também aceitam doações para ajudar na realização da festa. As doações de alimentos ajudam na realização do almoço no dia da festa. E esse almoço é coletivo, ou seja, as(os) congadeiras(os), após saudarem Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na porta da igreja, seguem para seus quartéis e servem um almoço farto para os foliões e convidados. As pessoas são recebidas para o almoço sem serem cobradas por isso. Quem estiver passando na porta de um quartel no dia da festa, na hora do almoço, pode entrar e se fartar com a comida caseira e saborosa.

O quartel do Terno de Marinheiro de São Benedito fica no bairro Tibery. É um quintal com árvores grandes, e o chão é de terra fresquinha, por causa das sombras das árvores. É cercado por casas onde moram pessoas como o pai de Selma e outras que fazem parte do Terno, como o irmão dela e seus filhos.

Ao fundo, há uma cobertura com uma pia e um fogão grande, que é utilizado também no dia da festa para a preparação da comida. Há um galinheiro, e as galinhas passeiam tranquilamente pelo terreiro. Ao lado, existe outra cobertura, onde ficam parte dos tambores e outros materiais, como ferramentas, madeiras e lonas. Esse espaço é convidativo para uma boa prosa e foge do cenário urbano barulhento e corrido; às vezes, parece até que estamos em um lugar fora da cidade.

Então, a partir de alguns apontamentos feitos aqui sobre a congada, como a colaboração e a cooperação, o respeito pelos mais velhos, as relações com o sagrado, as lutas contra o preconceito, é possível compreender processos educativos compartilhados nos diversos momentos e espaços da festa.

Os modos de vida das pessoas diferem entre si, e a mistura das culturas cria novas formas de enxergar e viver no mundo, portanto, é necessário estarmos em contato com as pessoas em sua totalidade, pois, no convívio, ressignificamo-nos, refazemo-nos a cada aprendizado e a cada ensinamento.

Com relação à cultura popular, acontece a mesma coisa: os grupos interagem entre si para dançar a congada, tocar o tambor e louvar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Assim, refazem-se e se reconstróem nessa relação de aprendizado entre as pessoas de um mesmo grupo e dos grupos entre si.

Ao nos propormos a pesquisar educação, processos educativos decorrentes de práticas sociais diversas, devemos estar atentos para os ensinamentos que nos são passados durante o convívio. Por sermos formados a partir de um sistema de educação tradicional, a escola, muitas vezes bancária, deixamos os ensinamentos que não estão no quadro negro, nem tampouco nos livros para decorar passarem despercebidos.

Nas manifestações de matriz africana, como é o caso da congada, os ensinamentos acontecem por meio do convívio de uns com os outros. O fortalecimento da comunidade depende de cada um, porque todos formam essa comunidade, esse grupo. Pensar em ensinamentos e aprendizados na congada é pensar na colaboração e na solidariedade existentes entre as pessoas que compõem os ternos e que, por meio da fé, conferem visibilidade à comunidade negra.

É necessário pensarmos a cultura popular também como resistência e potência de transformação. Aprender como são construídos e repassados os conhecimentos na cultura popular, perceber as diferentes maneiras de aprender e ensinar, isso pode nos ajudar em nossas práticas educativas dentro e fora do espaço escolar, principalmente ao que se refere à colaboração. Além disso, é necessário que consideremos e respeitemos os ensinamentos de educandos e educandas, apreendidos em contextos de grupos e comunidades.

Respeitar o outro, a cultura do outro é princípio fundamental para o convívio em qualquer sociedade, e esse respeito deve estar também na relação entre educadora e educandas(os). Precisamos conhecer para respeitar e, respeitando, podemos aprender “com”, em uma construção coletiva que envolva respeito.

Em uma das falas de Lethicya, podemos perceber essa relação de respeito que está presente na congada.

Respeito. Aprendi respeito principalmente pelo congado, porque sem respeito hora nenhuma a gente não é ninguém, a gente não pode competir com ninguém, porque lá não é

uma maratona de competição para ver quem bate mais alto, quem canta mais alto, lá simplesmente é uma louvação, a gente louva Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Então, é simplesmente isso, de formas diferentes, em lugares diferentes, competindo não (roda de conversa, novembro de 2009).

A construção dos conhecimentos dentro do Terno Marinheiro de São Benedito ocorre de maneira coletiva, colaborativa e respeitosa. Percebemos a cooperação no lugar da competição. Ninguém debocha de ninguém, ninguém desqualifica ninguém; pelo contrário, somam-se forças para a construção de um conhecimento sólido, em que os participantes tenham segurança no aprender e no ensinar. É comum vermos, em grupos portadores de tradição, o aprendizado acontecer por meio do fazer junto, fazer com; nesse caso, a colaboração é presente em todos os momentos determinantes da festa e também em sua preparação.

Quando um novato chega aqui a primeira vez, para aprender, que é a primeira vez que ele pega em um instrumento, primeiramente, a gente fala como que é o instrumento, se é pesado, se ele tem resistência para carregar.

E acaba que, no ensinar, a gente fala, olha, ouve tocar, e você vai olhando os meninos e vê como os meninos tocam. Quando você se perder, você para e dá um tempo e depois você pega de novo, olha no braço dos meninos. A gente pega um novato e põe lá no meio dos mais experientes, aí, nos mais experientes, tem velhos, novos, e aqueles mais experientes que estão perto do novato vão dando as dicas para ele, fala: “Olha, você está errando, calma, olha aqui...”. De vez em quando, a gente vê, e um encosta no outro. Nós capitães já passamos isso para os meninos, quando um novato chega, a gente fala: “Olha, gente, esse menino chegou agora, ele vai dançar, tocar junto com a gente, é a primeira vez que ele pega, ele nunca dançou congo, então, vocês vão ensinar para ele” (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

O sentimento de que todos e todas pertencem ao mesmo grupo e de que estão ali para um bem comum é a todo o momento lembrado e falado. Em nossa primeira roda de conversa, no quartel do Marinheiro de São Benedito, foram mais de duas horas de prosa, e ali as histórias se misturavam, complementavam-se e se fortaleciam. Nesse momento, percebi como é importante a valorização de cada participante dentro do Terno Marinheiro de São Benedito.

Em diversos momentos da conversa, a madrinha do Terno repetia:

Por isso que eu falo que todos nós somos donos, mas eles mandam aqui todo mundo junto. Eu tenho um registro, porque tem que registrar no nome de uma pessoa. Todos nós aprendemos de maneira igual (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

O reconhecimento do sujeito e a valorização do trabalho de cada um dentro do Terno estiveram presentes em todos os momentos em que estive com eles e elas, seja na preparação da festa, seja nos leilões, nos ensaios e no dia da festa.

Os aprendizados e ensinamentos dentro do Terno Marinheiro de São Benedito estão presentes no falar, no ouvir, no fazer a comida, no ensaio, na hora de bordar o chapéu. Dentro de grupos e comunidades de matriz africana, o fazer e o aprender ocorrem ao mesmo tempo. A partir do convívio uns com os outros, é possível trocar experiências, conhecer a história e se reconhecer nela.

Nós, como sujeitos de transformação, vamos nos recriando no convívio de uns com os outros, mas, sem deixar de ser o que somos, vamos interagindo, transformando-nos e contribuindo para a formação de outras pessoas.

E lá vamos nós para a porta da igreja no dia da festa. O Terno Marinheiro de São Benedito vai colorindo as ruas do bairro de azul e branco. O caminho é feito por pelo menos 250 pessoas cantando, tocando e dançando. Ao passar pelas ruas, o Marinheiro vai ganhando sorrisos e olhares de admiração. O caminho até a porta da igreja é longo, feito por ruas e avenidas cheias de subidas e descidas. Ao longo desse trajeto, os capitães e as madrinhas estão muito atentos aos movimentos das ruas. Além de conduzir o Terno até a porta da igreja, capitães e madrinhas devem zelar pelo grupo, para isso, os capitães se juntam e fecham as ruas com seus bastões, para que os componentes e as componentes do terno possam atravessar sem grandes perigos.

Ao chegar à Avenida Floriano Peixoto<sup>51</sup>, podemos avistar um mar de cores, sons e imagens. Os ternos aos poucos vão chegando e se posicionando para passar na porta da igreja. Enquanto isso, é hora de organizar o povo e descansar um pouco. Depois de andar pelas ruas da cidade até chegar ali, é hora de beber um pouco de água, arrumar os apoios dos tambores e da bandeira, consertar as sandálias, improvisar as baquetas que às vezes se quebram no caminho, enfim, é hora de se posicionar, lembrar as músicas e reconhecer amigos que por ali passam, fotografam, acenam, abraçam.

Este ano, o Marinheiro cantou bonito, bateu bonito. De muitos anos que eu danço no congo, este ano foi especial, foi a minha volta, foi vida nova...

A festa este ano foi muito bonita, muito bem organizada, não teve nenhum tipo de confusão, foi tudo em harmonia. Este ano, o Marinheiro para mim foi essencial, tocou

---

<sup>51</sup> Essa avenida fica no centro da cidade, é uma das principais avenidas de Uberlândia. Ela liga o centro da cidade à universidade e é ocupada por inúmeras lojas, bem como bares, agências bancárias, etc.



bonito os dois dias, todo mundo que estava ali deu o sangue, toda a gota de suor de todos ali valeu a pena. Para mim tudo o que eu faço ali vale a pena, cada gota do meu suor ali está valendo a pena. Agora vamos esperar o ano que vem. Ano que vem faz cem anos, o centenário da Festa da Congada em Uberlândia (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009).

Dançar, cantar, pular com a caixa, fazer grandes evoluções com os tambores, isso demonstra a perspicácia e a resistência física de cada um na hora da passagem na porta da igreja. É possível, nesse momento, ver os congadeiros pulando com tambores imensos, e a coreografia das meninas da bandeira ganha passos mais complexos. O dançar e o cantar na porta da igreja compõem o momento mais importante para todo o Terno, é ali que todos os presentes e Nossa Senhora do Rosário e São Benedito vão prestigiar as saudações, os versos, a dança do trança fitas, as coreografias, os improvisos, as músicas criadas e o passo elaborado dos tocadores de caixa.

Fazer bonito, né? A coisa bem arrumada, organizada, é você chegar lá e, na hora em que o congo passar na porta da igreja, você pensar que não está só você lá, você imagina assim seu congo... Aquele lá é um momento único, na hora em que seu congado passa na porta da igreja, é único. Você espera aquele momento um ano inteiro, para, quando chegar lá na porta da igreja, você poder tocar, cantar, pular. Chega no sábado, você fica assim: “Nossa, será? Como vai ser amanhã? Será? Como o congo vai passar na porta da igreja amanhã? O que vai acontecer amanhã?”. Você vai criando aquela expectativa, aí, depois que passa, já bate a saudade, a gente já passou a expectativa, né? (Ariel, roda de conversa, novembro de 2009).

A fé, aliada à resistência física, ajuda homens e mulheres da congada a cumprirem as obrigações antes, durante e depois da festa. Nos dias de congada, na maioria das vezes, debaixo de muito sol, congadeiras(os) seguem pelas ruas da cidade com seus tambores, chocalhos, bastões, estandartes, gungas, tudo isso sustentado por um corpo que dança. De acordo com Selma, para fazer todas essas caminhadas “pesadas”, é preciso, além do corpo físico preparado para aguentar, ter fé e uma resistência própria, dentro da gente mesmo.

Tem as caminhadas, anda muito, passeia muito, vamos a pé, vamos, e aquela caminhada ali é que você acha que poderia ter resistência, você teve, foi fé, por isso que você aguentou. Pelo seu estudo, sua força de vontade, seu amor, seu entusiasmo, o carisma, isso fez com que você criasse dentro de você própria uma grande resistência, foi isso que você sentiu, não foi? Então, nós somos de peles diferentes, mas sangue é o mesmo (Selma, roda de conversa, novembro de 2009).

“É por meio do corpo físico que se manifesta expressão do corpo inteiro, valendo-se dos gestos, palavras, posições, posturas para exhibir o que a inteligência, os sentimentos e as emoções constroem” (SILVA, 2009, p. 44).

Um acontecimento que exemplifica a colaboração e o envolvimento de todos e todas na construção e manutenção dessa tradição foi um fato ocorrido logo após terminarmos as visitas no segundo dia de festa:

Ao terminarmos as visitas, seguíamos a pé pelas ruas do bairro Tibery, onde se localiza o quartel, encontramos mais dois ternos, cantamos, dançamos e seguimos para o quartel, e uma ventania muito forte nos pegou desprevenidos no caminho, então, todos começaram a correr. Ao chegarmos na sede (quartel), as lonas que cobriam a parte externa haviam se soltado. Imediatamente, todos os homens se voltaram para o serviço de consertar a lona, subiam, amarravam, reforçavam as madeiras que seguravam as lonas, e as mulheres se reuniram em roda, juntamente com todas as crianças que estavam lá, e iniciaram uma linda cantoria para Iansã<sup>52</sup>, enquanto isso, os homens seguiam o trabalho de consertar as lonas que haviam se soltado ou rasgado. Após a calmaria do vento, uma leve chuva caiu. Depois, todos pudemos almoçar, para, mais tarde, retornarmos à igreja (diário de campo, outubro de 2009).

Ninguém, em nenhum momento, descreveu com palavras o que seria feito; ninguém anunciou que homens fariam um trabalho, e as mulheres, outro, qualificando um ou desqualificando o outro; ninguém disse que nós mulheres formaríamos uma roda e seguiríamos tais e tais procedimentos. Percebi, naquele momento, que a confiança entre as pessoas que formam aquele grupo pôde dar forças para o trabalho das mulheres com as crianças, protegendo-as do vento forte, e para o trabalho dos homens em reconstruir as coberturas feitas de lona.

Nas culturas africanas, os momentos de aprendizados e ensinamentos, o fazer, o sentir e o se emocionar não estão separados, acontecem simultaneamente.

Nesse processo de abraçar o sagrado com o corpo todo, a comunidade é algo imprescindível. A partir de então, o convívio será a escola mestra. A primeira lição consiste em saber que o não saber, o não ouvir e o não ver cabem em qualquer lugar. Depois aprende-se que a hierarquia significa posto e que todos devem ser respeitados. Esse período é estipulado pela comunidade de acordo com sua história e a situação vivida por pessoa. Geralmente não há motivos para tanta pressa; afinal tem-se a vida toda para aprender (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 129).

---

<sup>52</sup> No sincretismo, Iansã é conhecida também como Santa Bárbara. No candomblé e na umbanda, esse orixá corresponde à força dos ventos e das tempestades.

Desse modo, ao buscarmos compreender manifestações de matriz africana, temos de considerar essa realidade, respeitando os variados modos de aprender e ensinar. Além de valorizar e respeitar, devemos buscar aprender, para que nossa prática docente esteja também fundamentada nas histórias e culturas de origem africana.

Ao analisar o Terno de Congada Moçambique de Belém, também na Festa da Congada em Uberlândia, Cláudio Alberto dos Santos (2007, p. 223 apud ALCÂNTARA, 2008) diz:

O participante canta, dança, toca instrumentos musicais, aperfeiçoa a linguagem dos gestos e das expressões faciais, ocupa os espaços numa intensa “interdisciplinaridade”. Assim, não é de se estranhar que, por estarem interpenetradas, seja praticamente impossível separar as linguagens – tornando-se muito difícil identificar onde começa uma e termina a outra. Os rituais não são apenas espaços e tempos de comunicação com o invisível, o sobrenatural e o imponderável. Também são extraordinários meios de se reforçar os laços comunitários, quando as pessoas podem reencontrar-se no grupo e recriarem sua identidade com o coletivo.

“Coube ao corpo, único lugar seguro, a herança do que ficou perdido. Ganha assim a função de arquivo e, junto da tradição oral, constitui-se em manancial da população afro-brasileira” (TAVARES, 1997, p. 217). De acordo com essa afirmação de Tavares (1997), corroborando com Santos (2007), podemos repensar também nossa maneira de estar no mundo e de entender nossas histórias e nossas raízes.

Por meio da oralidade e da memória, podemos aprender diversas maneiras de ser e estar no mundo próprias de homens e mulheres que constroem suas histórias junto com seus familiares, amigos, vizinhos. Nada ou quase nada desses modos de vida está registrado nos livros e nem é estudado e reconhecido na academia. Na obra de Paulo Freire (2003), podemos encontrar grandes contribuições para nossas reflexões acerca das maneiras de ser e estar no mundo. Em seu livro *A África Ensinando a Gente*, em um diálogo com o companheiro Sergio Guimarães, Paulo Freire faz uma observação sobre a cultura africana, cuja memória, por diversas razões, é auditiva, oral e não escrita.

Precisamos estar atentas(os) para percebermos as diferenças existentes entre as culturas e as formas de se aprender e ensinar; o mundo letrado, escrito, não é o único mundo no qual registramos, ensinamos e aprendemos.

A fonte escrita não é a única e verdadeira fonte para se compreender e se conhecer a história de um povo. Devemos fazer o exercício da reflexão crítica, pensando que a supervalorização e a

imposição das histórias europeias como únicas e verdadeiras vêm de um pensamento dominante branco, europeu. As fontes escritas são forjadas também para servir a certos interesses, dando ênfase àquilo que permite, mais uma vez, um olhar voltado ao privilégio de poucos que detêm o poder e pretendem continuar nele, ou seja, a visão da história sob a ótica dos vencedores, a história europeia. No mundo africano é diferente.

Para ilustrar melhor essa ideia, vou me valer de uma citação que vai ao encontro do que buscamos neste estudo. Poderia buscar um referencial que critica essa postura de valorização das histórias e culturas europeias e que também seria de grande valor, mas, para fortalecer este trabalho e aproveitar as poucas páginas que ainda me restam, trago novamente aqui uma pensadora que contribui com o pensamento de valorização da oralidade, da corporeidade e da memória e que vai contra esse pensamento pautado apenas na cultura imperial letrada.

Existe uma expressão popular que diz: “Na África quando morre um velho desaparece uma biblioteca”, pois a literatura oral sempre foi uma grande riqueza cultural e os povos ágrafos são considerados povos de extraordinária memória. Nestes a palavra está impregnada de respeito por aquele que a legou e seu dinamismo vital comunica-se e prolonga-se em cada pessoa do grupo (OLIVEIRA, 2004, p. 117).

Ao contrário da visão de mundo africana, a história dos vencedores tende, como já se viu, a moldar e direcionar a visão para uma perspectiva de grandes feitos, com o objetivo de fixar a história nesses acontecimentos, levando-a para uma linha evolutiva pautada no privilégio eurocêntrico e mantendo a hegemonia.

Essa visão de uma história evolutiva e linear provoca a perda da criticidade para analisar e perceber as contradições que levam às modificações. Ainda hoje, as universidades reproduzem esse modelo de ensino que “vende” ao educando essa ideologia de que devemos olhar para a Europa como referência de vida.

De acordo com Dussel (s/d, p. 219):

Os mecanismos ideológicos da pedagogia imperial são altamente operativos porque se confundem com a “natureza” das coisas. A mensagem da cultura imperial-universal é tautológica: sempre diz o “Mesmo”, repete-o infinitamente e das maneiras mais variadas. O ouvinte, vidente, rememorante é bombardeado pelo texto, pela imagem, por um mesmo sentido de todos os entes. Está tão universalmente presente em tudo que acaba sendo ingenuidade não aceitá-lo; é óbvio que o serviço da coisa é assim.

Os mecanismos ideológicos, considerando aqui universidades, escolas, meios de comunicação de massa, falam exaustivamente dos heróis e das histórias dos vencedores, desqualificando nossas culturas. Essa repetição acaba nos inculcando uma visão distorcida de nossas histórias e de nossas raízes. Além da repetição infinita sobre esses valores, promovem também ações que legitimam a cultura e o pensamento europeu elitizado e dominador. Precisamos, apesar de saber que estamos contra a corrente, remar para o reconhecimento de nossas histórias e culturas, respeitando as diferenças e reconhecendo que existem diferentes formas de aprender e ensinar.

Nossa história também está na dança, no canto, nos blocos de afoxé, nos terreiros de umbanda e candomblé, nas aldeias, nos movimentos sociais, nas interações dos povos que se ressignificam e se constroem no convívio de uns com os outros. Aprendemos dançando, cantando, jogando, brincando. Por isso, a corporeidade, usada também como forma de resistência, faz com que aprendamos a ginga da capoeira, o tocar do tambor, a emoção no ver, fazer e aprender.

Com o sistema de educação vigente, na sala de aula, na universidade e mesmo em casa, reproduzimos esse modelo que separa corpo e mente, ressaltando, a todo o momento, que, para aprender algo, é preciso esquecer o que já sabemos, ficar calado, olhar e reproduzir tal e qual o mestre. Nossa herança africana nos traz outras referências para refletir sobre o aprender e o ensinar:

Senghor também nos ensina que se emocionar não significa perder a objetividade, a clareza de raciocínio; ao contrário, na perspectiva das raízes africanas, é “ascensão a um estado superior de conhecimento”. A emoção é uma maneira de apreender o mundo. É conhecimento integral, pois o sujeito emocionado e o que o emociona se unem numa síntese indissolúvel (SILVA, 2009, p. 44).

Considerando os processos educativos ligados ao respeito, à resistência, à colaboração, à luta, à fé, que estão presentes na congada, percebemos de fato que: “nas práticas sociais promove-se formação para a vida na sociedade, por meio dos processos educativos que desencadeiam, assim tem sido em todas as sociedades ao longo da história humana” (OLIVEIRA et al., 2009, p. 12).

Assim, depois de apontar processos educativos que constituem a prática social da congada, é prudente dizer que essa tradição se faz por meio da fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Toda essa fé é dançada, cantada, compartilhada na luta, na resistência, na busca por transformação e na colaboração. “Todo mundo está cantando a mesma música, todo mundo está dançando o mesmo passo” (Lethicya, roda de conversa, novembro de 2009).

Por meio de minha experiência de convivência com congadeiros e congadeiras e

dançadoras(es) de diversas manifestações da cultura popular, devo dizer também que me coloco no mundo dançando, tocando e cantando. E é pelo meu convívio com grupos de cultura popular e por minha vivência na academia que me permito descobrir pensadores e pensadoras que compartilham comigo a maneira de fazer pesquisa. Posso dizer que “eu danço, logo sou” (SENGHOR apud SILVA, 2009, p. 44).

## 9 Compendo versos: algumas considerações

*“Dentro da minha casa é assim, agora, lá fora, eu não sei...” (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).*

Esta despedida não é caracterizada como o fim de um trabalho. Assim como na Festa da Congada temos a despedida, que fala sobre os reencontros, sobre saudades e sobre a certeza de que, para o próximo ano, estaremos festejando novamente, este trabalho se despede com um “até breve”, para que, em outros estudos e oportunidades, eu possa ou outras pessoas possam festejar outras maneiras de abordar, com diferentes olhares, as possibilidades de ver e conhecer a Festa da Congada de Uberlândia.

Pensando sobre esse caminho percorrido até aqui, vêm-me à memória diversos momentos; alguns puderam ser escritos, e outros ficarão mesmo apenas na memória. Foram tantas pessoas, tantos reencontros, danças, fotografias, conversas, andanças. Na verdade, não se trata de um, mas de muitos caminhos percorridos para chegar até aqui.

Quando penso em finalizar, lembro-me do começo e vejo que terminar o texto é um recomeçar, recomeçar a pensar, ter novos desejos de pesquisa, novos olhares, novas tentativas, abrir portas e janelas para o novo e para o que não foi dito.

Esta pesquisa objetivou a descrição e a análise de processos educativos presentes no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito e como esses processos educativos ocorrem. Durante a pesquisa, aprendi, ensinei, fiz, refiz, voltei, perguntei e, nessa dança do pesquisar, compreendi que os passos podem ser feitos e refeitos e, a partir de meu reencontro com homens, mulheres e crianças, no contexto da congada em Uberlândia, vi o quanto essa prática cultural ensina e se ressignifica para se manter viva.

Nossas interações durante as rodas de conversa tinham um tom de cumplicidade, de respeito e de recado mandado por meio da pesquisadora. Disseram-me, e eu disse o que me disseram, ouvi, anotei, transcrevi e, a partir de minha experiência, aliada ao convívio, ao respeito e ao estudo proposto, trouxe no texto as impressões do que é ser negra(o) e congadeira(o) em Uberlândia.

Por meio desta pesquisa, pude ver a beleza do encontro entre os universos popular e acadêmico, nas falas de José Pedro, quando faz a relação entre o respeito aprendido e ensinado dentro do Terno, com a ética tão falada no meio acadêmico.

Já aconteceu algumas vezes, com alguns ternos, eu não vou citar nomes, né? Vocês falam

ética, né?

Eu não vou entrar em detalhes assim... por ética de capitão (José Pedro, roda de conversa, setembro de 2009).

Apreendi que existem diferentes perspectivas sobre as histórias do Terno: “Cada um tem um tipo de história pra contar, principalmente dentro do significado” (Selma, roda de conversa, setembro de 2009).

Foram muitos aprendizados: o fazer e o aprender ao mesmo tempo; a “intuição”, tão necessária no decorrer da pesquisa; o respeito; a luta. É importante destacar aqui que as rodas de conversa contribuíram para o fortalecimento da oralidade, como uma oportunidade para trocar e reafirmar as histórias e a tradição.

No momento de análise compartilhada dos dados, isso ficou ainda mais evidente nas observações que fizeram, depois de ouvirem os versos que compus sobre o que pude apreender nos momentos de convívio durante a pesquisa:

Selma: Nossa, é isso mesmo, aí você falou do branco, do negro, você espia de lá e de cá, né?

Rodney: Acho que não precisa acrescentar nem tirar nada, ficou aí tudo resumido mesmo.

Elói: Agora você precisa fazer uma música pro Marinheiro, uai!

Em todos os momentos da pesquisa, a mãe Selma e todas as outras pessoas me receberam com entusiasmo, prontidão e carinho, no almoço, depois de duas ou três horas de conversa, no lanche, dentro do mutirão para consertar o telhado, na hora de tomar cerveja e no jantar, depois da prosa em versos. Enfim, em todos os momentos desta pesquisa pude perceber o que é ter amor, respeito e paciência com o outro.

As reflexões apresentadas aqui sobre a prática social da congada e dos processos educativos presentes no Terno de Congado Marinheiro de São Benedito foram fundamentadas em minha experiência e no convívio com congadeiras e congadeiros, nos aprendizados trocados por meio da dança e no referencial teórico apresentado.

Não busquei apontar verdades, preocupei-me em apontar caminhos para que a leitora e o leitor pudessem conhecer processos educativos do Marinheiro de São Benedito. Para isso, entrelacei aqui os universos popular e acadêmico, por meio das teorias, das pesquisas de campo e das experiências de vida, tanto minhas quanto de minha orientadora e das colaboradoras e dos



colaboradores.

Entre os aprendizados que tive durante esse processo de pesquisa, destaco a importância de nossa aproximação com grupos de manifestações culturais populares de matriz africana. A partir do convívio e das trocas de ensinamentos e aprendizados, pudemos buscar a transformação de nossas práticas educativas, desenvolvendo, em conjunto com esses grupos, ações para o reconhecimento e a valorização da cultura popular e também para a educação das relações étnico-raciais dentro e fora dos espaços escolares e acadêmicos.

É importante destacar também que os momentos das rodas de conversa propiciaram reflexões e entendimentos sobre o aprender e o ensinar, sobre a convivência, a colaboração, o preconceito, a luta, a fé. Relacionamos essas impressões e reflexões com os temas educação, cultura popular e africanidades, no sentido de seguir tecendo as teias de entendimentos e compreensões de como é ser congadeiro e congadeira.

Podemos dizer que a congada se mantém viva na cidade de Uberlândia, por meio da luta de homens e mulheres, e essa luta cotidiana contra a discriminação, o preconceito, contra a condição de negros e negras congadeiros mostra-nos uma forma de viver e de nos colocar no mundo. Essa prática social modifica o papel da vida cotidiana de seus participantes. Por meio da festa, das músicas, dos enfeites, das coreografias, das diferentes visões de mundo que compõem os cortejos da congada, os congadeiros e as congadeiras reafirmam suas identidades, demonstram o prazer, a alegria e a satisfação em representarem papéis distintos de seu mundo cotidiano, mantendo viva sua tradição.

A congada denota aspectos da história da comunidade negra na cidade, demonstrando sua luta, resistência e fé nos “santos dos pretos”.

Desse modo, remetemo-nos à visão de mundo que guia esta pesquisa, visto que somos seres condicionados por uma realidade opressora, mas não seres determinados por ela (FREIRE, 2008).

Assim, a realidade que tenta excluir as congadeiras e os congadeiros, uma vez que desvaloriza o saber popular e o saber de experiência, pode encontrar na congada formas de resistência na valorização de sua cultura, pois compreendemos o ser humano como um ser de consciência, capaz de se constituir como história, no mundo e com ele.

No período da Festa da Congada em Uberlândia, essas pessoas ganham as ruas, as praças da cidade e chegam à porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Tomam a cidade com seus tambores, chocalhos, cores, cantos e se fazem perceber pela fé.

Entre as tantas impressões, no decorrer dos estudos na academia, das conversas com capitães, crianças, madrinhas que compõem os ternos de congada, nas andanças pelas ruas da

cidade com os ternos, das danças trocadas, dos afetos, da cumplicidade que se estabeleceu nesse período, percebo que não podemos ver e tratar a congada como uma sobrevivência consentida. A congada é uma manifestação que está inserida em um cenário de tensões e conflitos que permeiam o universo popular, construindo e transformando a história da cidade, das congadeiras e dos congadeiros.

Devo dizer que, no decorrer da pesquisa, encontrei limites e dificuldades. O primeiro deles foi com relação ao pouco tempo que tivemos para a realização da pesquisa. Esse tempo, ao qual estamos condicionadas, acaba por impor o ritmo das coisas e prejudica aprofundamentos e abordagens de determinadas ideias que surgem nesse caminho. Com relação à construção das ideias no texto, lamento não ter alcançado mais tempo para poetizar, exercício tão prazeroso, que traz alegria e vida para as palavras e situações aqui descritas.

Posso destacar ainda como limitação deste estudo a dificuldade em elencar as categorias de análise, diante de tantos dados coletados. Algumas categorias reveladas pelos dados não puderam ser abordadas aqui, em razão do tempo para estruturar o trabalho.

Durante a pesquisa, vamos amadurecendo os pensamentos, tendo novos olhares, enxergando novas possibilidades, e o tempo da academia, nesse caso, não está a nosso favor. Outra grande dificuldade foi a definição da questão de pesquisa, delimitar, escolher, objetivar. Como é difícil fazer esse exercício, ao estudar um universo tão múltiplo, com tantas possibilidades de compreensão e de entendimento como a congada!

Outro ponto que é relevante destacar aqui, com relação aos limites desta pesquisa, é a dificuldade de assumirmos outros lugares, sairmos do papel de pesquisadoras acadêmicas para buscar compreender os diferentes modos de vida e de significar o mundo.

Estamos, na maioria das vezes, condicionadas e enquadradas nessa percepção de mundo cartesiana e acadêmica pela qual fomos formadas. Ao nos propormos a estudar as culturas populares, devemos fazer um esforço para que essa visão acadêmica, fechada e pragmática, não seja predominante. Devemos estar dispostas e expostas às novas experiências; caso contrário, teremos informações rasas e dados puramente objetivos.

Enfim, a partir deste estudo, percebo outras possibilidades de análise dos dados coletados que buscam perceber a fundo as maneiras de ressignificação da congada, como ela se refaz, a partir de seus processos educativos. Outro ponto interessante de abordagem futura são as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, os mistérios que envolvem alguns momentos de aprender e ensinar. Pude, brevemente, destacar esses aspectos no texto, mas, com certeza, merecem maior aprofundamento.

É relevante dizer ainda sobre a confiança, esse sentimento tão presente e tão importante, vivo nas maneiras de ensinar e aprender do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito. A confiança aqui não foi abordada como categoria de análise, mas está presente em todos os momentos do trabalho. A confiança falada, sentida e vivida está nas rodas de conversa, nas falas das colaboradoras e dos colaboradores, em minha relação com essas pessoas, em minha aceitação pelo Terno. No universo congadeiro, a confiança é condição importante para que exista o grupo e para que as pessoas possam estar dispostas a aprender e a ensinar. É por meio dessa confiança, inclusive, que pude escrever o texto e trazer o recado até aqui.

Devo dizer também que a natureza do trabalho permite, em uma abordagem futura, maior enfoque, aprofundamento e discussão sobre a Lei 10639/03, que prevê o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas do país. Já que se trata de um trabalho em educação, é importante termos estudos que nos apontem como podemos, como educadoras, viabilizar a implantação dessa lei e fiscalizar seu cumprimento.

Aprendi ainda e fundamentalmente que as segregações e os preconceitos pelos quais passam congadeiras e congadeiros fazem com que a cada dia reforcem a luta, criem estratégias e diversas maneiras de ser e estar no mundo, por meio da dança, das histórias de vida, das experiências da colaboração e da fé.

Enfim, dentro do Terno de Congado Marinheiro de São Benedito, desde o chocalho até o bastão é possível perceber que aprendemos, trocamos, ensinamos e nos refazemos por meio dos convívios existentes nos processos educativos da vida de congadeiros e congadeiras. Além de mostrar o processo hierárquico que esta expressão “do chocalho ao bastão” traz, podemos ver que os aprendizados e ensinamentos acontecem de diferentes maneiras dentro do quartel, nas relações fora do quartel, com os ancestrais, entre os jovens e entre os mais velhos. Este trabalho revela que para partir do chocalho e chegar ao bastão existem diferentes caminhos, diversas maneiras de ensinar e aprender e que cada um e cada uma dentro do grupo é fundamental para que o caminho exista, juntos os caminhantes constroem o caminho ou os caminhos.

O congadear da vida se faz nos passos dados e naqueles que não tivemos coragem de avançar, no verso cantado ou naquele que não teve oportunidade de ser rimado. Neste momento de encerrar o texto, os versos me parecem a linguagem mais próxima do que vi e vivi, por isso, cara leitora e caro leitor, para me despedir, por ora, desta tarefa, coloco a rima a meu favor. Deem-me licença as madrinhas e os capitães, para que eu possa rimar os aprendizados que alcancei no decorrer deste trabalho:

Aprender e ensinar, viver e experienciar  
as diversas formas de estar no mundo,  
congado, versando, tocando,  
trocando a rima e o passo,  
me faço e me refaço,  
toco a vida no seu prumo.

De dentro da universidade pedi licença pra entrar,  
e a licença foi dada, e a intimidade foi tanta...  
Olha eu tornando a voltar!  
As prosas são muitas, as trocas nem sei.  
“Benedito” foi o momento  
em que me aquilombei.

Aprendi a aprender com rima,  
aprendi a ensinar fazendo,  
aprendi no olhar o recado,  
aprendi no giro e no brado,  
como o povo vai se fazendo.

Nos caminhos, me atrevi, ganhei espaços e perdi,  
voltei à universidade, encontrei cumplicidade  
nos caminhos que escolhi.  
Nas Práticas Sociais e nos Processos Educativos  
me educo, em diversos lugares.  
Os momentos de se educar não são apenas escolares.

Nos educamos no convívio e nas experiências,  
nos saberes da rua e das ciências,  
no dançar, no tocar, no ouvir, no trabalho,  
no apito do capitão, no quartel e no leilão.  
Vou, no entremear dos caminhos, partindo do chocalho  
para chegar ao bastão.

Na cultura popular, os saberes são múltiplos,  
as realidades são diversas, e, nos terrenos das transformações,  
negros e negras, brancos e brancas  
vão mantendo as tradições,  
ressignificando, transformando, resistindo e ensinando.  
Congadeiras e congadeiros vão assim se colocando.

Por meio da fé nos santos e nos orixás,  
lutam contra o preconceito e a discriminação,  
nos ensinam o respeito e a ética,  
aprendem para a vida na colaboração.  
Nesse conviver e aprender vão se formando  
e para o mundo vão mostrando essa antiga tradição.

No Terno de Congado Marinheiro de São Benedito

pude encontrar amigos e amigas, capitães e madrinhas  
que, com toda a prontidão e solidariedade,  
me mostraram um pouco deste universo afro-brasileiro,  
que é vivo e interfere na cidade.

Com chocalhos, bastões e apitos,  
com as cores do mar, os soldados de São Benedito  
saem às ruas de Uberlândia para poderem louvar.  
Por meio da louvação à Senhora do Rosário,  
atribuem cores e sons, reconfiguram o cenário.

Cenário que ainda discrimina e não reconhece,  
não valoriza e desmerece o saber popular.  
Trago aqui nestas rimas meu recado à academia,  
papel que também cumpria neste pesquisar:  
precisamos rapidamente saber que lá fora tem gente  
que passa a vida a ensinar.

Falar apenas não basta, é preciso lutar para transformar,  
transformar a realidade opressora que insiste em desconsiderar.  
o saber elitizado, o gosto europeizado que está ai a nos educar.  
É por meio da pesquisa, do reconhecimento e do respeito  
que podemos modificar o olhar preconceituoso ao saber popular.  
Aqui faço a rima pra tentar finalizar.

Dos aspectos populares da educação até as africanidades  
aprendo por meio da escuta, do provérbio, do canto,  
da confecção do instrumento, do bordar do chapéu,  
do apito que manda parar ou do apito que manda seguir,  
dos segredos guardados, dos saberes falados,  
tudo isso aprendi.

Hoje, mais do que nunca, fortalecida pela experiência,  
pelos saberes orais e pela ciência,  
sei que me educando em diferentes espaços  
e pelo mundo vou,  
troco versos, rimas e passos,  
sei que “danço, logo sou”.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Léopold Sédar Senghor.



Estandarte. Foto: Eurípedes Luciano



Maracanã. Foto: Eurípedes Luciano

## 10 Referências

- ALCÂNTARA, Ana Paula (Org.). **Congos, moçambiques e marinheiros: olhares sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro de Uberlândia**. Uberlândia – MG Grafica Composer Editora Limitada, 2008.
- ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- ARROYO, Margarete. **Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de Música**. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. São Paulo Porto Editora, 1994.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira. In: MENDES. **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do Santo Preto**. Rio de Janeiro: Funarte, 1985a.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985b.
- \_\_\_\_\_. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CUNHA Túlio; MEIRA Renata. **Memória do congado**. Uberlândia: Petrobrás; Grêmio Recreativo Bloco Aché e Educafro, 2000. (CD-ROM.)
- DUSSEL, Enrique D. A pedagógica latino-americana (a Antropológica II). In: DUSSEL, Enrique D. **Para uma ética da libertação latino americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Unimep, [s/d].
- \_\_\_\_\_. **Debate em torno de la ética del discurso**. México, 1994.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.
- FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v. 11, n. 1, p. 3-10, jan./jun., 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A África ensinando a gente. Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Política e educação**. Indaiatuba: Villa das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do compromisso**. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008b.

GABARRA, Larissa Oliveira. **A dança da tradição – Congado em Uberlândia – MG Século XX**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Núbia Pereira; PEREIRA, Edmilson Almeida Pereira de. **Negras raízes mineiras: os arturos**. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 95-124.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KI-ZERBO, J. **História geral da África**. São Paulo: Ática, 1981.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan./fev./mar./abr. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

MEIRA, Renata Bittencourt. **O ciclo das festas – uma leitura cênica da dança do fandango e das festas populares de Cananéia, litoral Sul do Estado de São Paulo**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unicamp, Campinas, SP, 1997.

\_\_\_\_\_. Experienciar, aprender, criar e ensinar. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, n. 4, p. 103-114, jan./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Baila Bonito Baiadô: educação, dança e culturas populares em Uberlândia, Minas Gerais**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas, SP, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis,



RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTRONE, A. V. G.; REYS, C. R. **Educación, formación, diversidad y ciudadanía em América Latina.** 2005. Apresentação de texto (Videoconferência), Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, Universidade Autônoma do Estado de Morelos, México, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NOGUEIRA, Simone, Gibran. **Processos educativos da capoeira Angola e construção do pertencimento étnico-racial.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2008.

OLIVEIRA, Irene Dias de. **Das culturas tradicionais africanas.** In: **Nossas raízes africanas.** São Paulo: Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004. p. 117-123.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 32. Sociedade, cultura e educação: novas regulações. 2009, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2009.

PAULA, Jason Hugo de. **Imagens do urbano: a cidade de Catalão no seu primeiro centenário.** **OPIS, Revista do NIESC Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais,** Universidade Federal de Goiás, v. 4, p. 123, 2004.

RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil.** São Paulo: Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de história.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, Jônatas Conceição da. **Vozes quilombolas, uma poética brasileira.** Salvador: EDUFBA, 2006.

SILVA, José Carlos Gomes. **Negros em Uberlândia e a construção da congada: um estudo sobre ritual e segregação urbana (1940-1970).** Uberlândia: UFU; FAPEMIG, 1999.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro.** Porto Alegre: UFRGS – Faculdade de Educação, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pensamentos em educação: estudos comparados entre África e Brasil (segunda fase).** São Carlos: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/UFSCar, 2002. (Relatório de Pesquisa.)

\_\_\_\_\_. **Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos.** **Revista do Professor,** Porto Alegre, v. 19, n. 73, p. 26-30, jan./mar. 2003a.

\_\_\_\_\_. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre os afro-descendentes e africanos. In: BARBOSA, Lucia de A. et al. (Org.). **De preto a afro-descendente; trajetos da pesquisa sobre relações étnico raciais no Brasil**. São Carlos: EDUFSCar, 2003b. p. 181-198.

\_\_\_\_\_. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola**. Campinas – SP: Papyrus Editora, 2005a. p. 27-53.

\_\_\_\_\_. A palavra é... africanidades. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 15, n. 86, p. 42-47, mar./abr. 2009.

SILVA Petronilha Beatriz Gonçalves e; ARAÚJO, Stella Oliveira. **Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa**. In: ENCUENTRO – CORREDOR DE LAS IDEAS DEL CONO SUR SOCIEDAD CIVIL DEMOCRACIA E INTEGRACIÓN, 6. Montevideu, 2004.

SILVA, Rubens da. **Negros católicos ou catolicismo negro?** Um estudo sobre a construção da identidade negra no congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILVA, Vívian Parreira da. **A tradição cantada** – a congada de Uberlândia por meio dos versos Uberlândia. 2005b. Monografia (TCC História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Samba o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. **As representações do corpo no universo afro-brasileiro**. São Paulo. Papyrus, 2002.

TAVARES, Júlio. Educação através do corpo. **Revista do Patrimônio: Negro Brasileiro Negro**, n. 25, 1997.

VALLA, Victor Vicent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 177-190, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

# ANEXOS

ANEXO I  
CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO PELA  
PARTICIPAÇÃO NO TERNO DE CONGADO  
MARINHEIRO DE SÃO BENEDITO





TERNO DE CONGO DO MARINHEIRO DE SÃO BENEDITO DE UBERLÂNDIA.  
**CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO**

*Conferimos à Vivian Parreira* *este* certificado por sua  
luta, companheirismo, amizade, respeito e carinho junto ao Congo do  
Marinheiro de São Benedito de Uberlândia, que lhe confere os capitães  
desta irmandade.

Uberlândia, 11 de setembro de 2009.

Capitão responsável.

*Glauco*



ANEXO II  
MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO APROVADO PELO  
COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO CARLOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356  
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil. e-mail: secppge@power.ufscar.br



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu \_\_\_\_\_,  
fui informado (a) de que será realizada uma pesquisa com os congadeiros e congadeiras participantes do Terno de Congada: \_\_\_\_\_ a fim de investigar os processos educativos decorrentes das vivências da prática social da congada em Uberlândia Minas Gerais envolvendo a construção dos saberes, as significações desta manifestação para seus participantes e as relações de gênero . Fui convidado (a) a participar desta pesquisa, de rodas de conversas e de entrevistas em profundidade bem como da análise coletiva dos dados obtidos afim de discutir os conhecimentos e experiências em relação à congada. Também fui informado (a) que durante as atividades será utilizado um gravador que gravará todas as sessões, e máquina fotográfica para registros de momentos da festa e das rodas de conversa. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. Disseram-me que as conversas serão realizadas em ambiente privado, a ser acordado com a pesquisadora, e que minhas informações serão mantidas em segredo. Como parte deste estudo, acredito na importância de divulgarem as informações obtidas nesta pesquisa bem como as imagens desde que estas imagens e informações declaradas por mim sejam vinculadas a um nome fictício escolhido por mim juntamente com a pesquisadora responsável. Afirmo aqui a importância desta divulgação para que a cultura popular possa realmente ser reconhecida em suas manifestações e também como colaboradora na construção de um processo de investigação dos saberes populares presentes em nosso país. Deste modo, concordo na divulgação de todo o material obtido nesta pesquisa unicamente no meio acadêmico. Fui informado (a) de que minha participação é voluntária, ou seja, eu só participarei se quiser, e que tenho o direito de não responder qualquer pergunta que eu não queira além de poder me retirar do estudo quando quiser. Terei direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa, entrando em contato com a pesquisadora através dos telefones (16) 81148586 e (16) 34125268 e ainda pelo e-mail: [vivianparreira1@yahoo.com.br](mailto:vivianparreira1@yahoo.com.br) . Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, através da dissertação de mestrado, artigos em revistas periódicos e apresentações da experiência desta pesquisa em encontros e congressos de natureza acadêmica. Li ou leram para mim as informações acima e tive a chance de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me foram respondidas satisfatoriamente.

São Carlos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) participante

Eu certifico que todas as informações acima foram dadas ao participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356  
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil. e-mail: secppge@power.ufscar.br



## **AUTORIZAÇÃO PARA REGISTROS EM FOTOS**

Eu \_\_\_\_\_ autorizo a pesquisadora Vivian Parreira da Silva, responsável pelo presente estudo a fotografar momentos de minha participação nesta pesquisa bem como momentos da Festa da Congada em Uberlândia. Autorizo ainda a divulgação destas imagens no meio acadêmico para fins de estudos e pesquisas científicas.

---

Nome do (a) participante





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356  
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil. e-mail: secppge@power.ufscar.br



## **TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA**

Eu \_\_\_\_\_ aluna do Programa de Pós –  
Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, afirmo que sou a  
pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa denominado: “A congada como  
espaço de resistência e aprendizagens” orientado pela professora Dra. Aída Victoria  
Garcia Montrone, me comprometo a desempenhar as ações propostas, respeitando e  
atendendo as normas da Resolução 196/96CNS. Comprometo-me, a partir desse  
momento, a continuar cumprindo os termos desta resolução.

São Carlos, 21 de Março de 2010.

---

Vivian Parreira da Silva  
Pesquisadora responsável